

REVISZAA DO ENSINO

APPARECE A 15 DE CADA MEZ

SUMMÁRIO DE 15 DE JULHO DE 1912

O anniversário do Governador.....	<i>Redacção</i>
Grammática Superior (GRAMMÁTICA PORTUGUESA—DIVISÃO).....	<i>Paulino de Brito</i>
Reforma official da escrita Portuguesa (REGULARIZAÇÃO E SIMPLIFICAÇÃO DA ESCRITA PORTUGUESA).....	<i>A. R. Gonçalves Viana</i>
Páginas escolhidas (ALEXANDRE HERCULANO—A PROGRESSÃO DO CORPUS).....	<i>F. R.</i>
Ingratidão (POESIA).....	<i>Antonio C. de Oliveira</i>
Notas sobre grammática e philologia (AINDA O CASO DA PROPOSIÇÃO COMPOSTA).....	<i>Teodoro Rodrigues</i>
Uma carta (A FLEXA RIBEIRO).....	<i>Coelho Netto</i>
A gotta d'agua e as nuvens.....	<i>Coelho Netto</i>
Curiosidades Scientificas (METAMORPHOSE DOS ANIMAES—A EDUCAÇÃO DOS CEGOS)...	<i>Octávio Graça</i>
Os pantufos vermelhos.....	<i>H. Heine</i>
Carta réplica (AO SR. TH. RODRIGUES).....	<i>Maria Thereza</i>
A vida das Abelhas.....	<i>S. de Padilha</i>
Páginas Inéditas.....	<i>Monteiro Baena</i>
Série graduada de mathemática elemental (PRIMEIRA E SEGUNDA LIÇÕES).....	<i>Prof. René Barreto</i>
A Vida Escolar no Estado (ESTABELECIMENTOS PÚBLICOS—EXERCÍCIOS GERAES DE ENSINO PRIMÁRIO).....	<i>N.</i>
Pelo magistério (DECRETOS, PORTARIAS, VÁRIAS).....	<i>J. F.</i>
Notas e Noticias.....	<i>N.</i>
Legislação do Ensino.....	

A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A' CAIXA POSTAL N. 502

BELEM

PARÁ—BRASIL

Director: Desembargador **AUGUSTO OLYMPIO** — *Redactor-chefe:* **FLÉXA RIBEIRO**
(SECRETARIO D'ESTADO DO INTERIOR)

Secretario geral: **OLAVO NUNES**

**Publicação oficial de sciencias, letras e especialmente de
pedagogia.**

A REVISTA DO ENSINO tem suas columnas francas á collaboração dos membros do magistério público e pessoas dedicadas ao estudo das questões de ensino, sob censura da redacção

Para tudo o que fôr concernente á REVISTA DO ENSINO, dirigir-se ao sr. Olavo Nunes, na Secretaria do Interior (das 9 ás 11 horas do dia)

ASSIGNATURAS

Pará..... Doze mil réis, por anno
Outros Estados Quinze mil réis
Número avulso Mil e quinhentos réis

Para o professorado primário official será de 10\$000 a assignatura annual.

Todo assignante da REVISTA DO ENSINO terá direito a uma bella capa, trabalho original de reputado professor de desenho, impressa em percalina, e que será distribuida quando completo o 1.º tomo, para sua especial encadernação.

A REVISTA DO ENSINO permutará com as publicações similares.
Toda correspondencia que se lhe destine deve ser endereçada á
GAIXA POSTAL n. 502 (Pará—Brasil).

São depositarios da REVISTA, em Belem: LIVRARIA MODERNA, rua João Alfredo, 89; LIVRARIA CLASSICA, rua João Alfredo, 58; PARÁ-CHIC, João Alfredo, 83; LIVRARIA BITTENCOURT, 15 de Novembro, 15; LIVRARIA ALFACINHA, rua João Alfredo.

A REVISTA DO ENSINO fará a critica dos livros que lhe forem offerecidos.

LIVROS ÚTEIS

Cândido de Figueiredo:

Licções Práticas da Língua Portuguesa (3 vols.)
Os estrangeirismos.
Problemas da Linguagem (2 vols.)
Falar e escrever (3 vols.)
Collocação de pronomes.
A ortografia no Brasil.
O que se não deve dizer (2 vols.)
Novo dicionário da língua portuguesa. (2 vols.)

De Affonso Lopes Vieira:

Os animaes nossos amigos.
Canto Infantil.

Coelho Netto:

Alma
O Mystério do Natal.

Fialho D'Almeida

(ENSAIO DE ESTHÉTICA DA LINGUA PORTUGUESA)

Critica d'arte sobre as obras do grande escriptor lusitano, com uma photogravura e uma carta autógrapha.

por FLEXA RIBEIRO

Elegante edição, em papel de linho, da LIVRARIA CLÁSSICA editora, de A. M. Teixeira, de Lisboa.

A' venda nas Livrarias:

Bittencourt, Clássica e no Pará-Chic.

LIVRARIA · BITTENCOURT

TYPOGRAPHIA PAFELARIA PAUTAÇÃO

LIVROS de instrução primaria e secundaria, romances, postaes e papeis
de todas as qualidades

METHODOS para piano, violino e outros instrumentos,
OPERAS completas e papel para copiar musica.

O mais variado sortimento de revistas modas e livros religiosos

Grande deposito de musicas classicas e de dança.

Objectos de apurado gosto proprios para presentes.

UNICO deposito dos afamados pianos de
M. F. Rachals & C. e Carl Mand'

Fabrica de livros em branco.

Imagens, Terços, Estampas, Medalhas, e Livros Religiosos

CASA ESPECIALISTA EM JORNAES DE MODA

Preços reduzidissimos

R. L. BITTENCOURT & COMP.

15 — Rua 15 de Novembro — 15

PARA' — BELEM



O aniversário do Governador

O Pará registou, no dia 9 do corrente, a data anniversária do supremo gestor dos seus destinos.

Assignalando, por sua vez, o acontecimento, a Revista do Ensino, órgão official da instrucção pública no Estado, não faz mais do que render a homenagem do seu respeito e da sua estima ao benemerito cidadão, sob cujo influxo patriótico aquelle ramo da administração tem recebido o mais fecundo e salutar impulso. De facto, deixando á margem outros vultuosos serviços prestados pelo ex^{mo}. sr. dr. João Coelho á terra que lhe foi berço, e cuja apreciação escapa aos moldes do programma deste mensário,—temos a satisfação de verificar, no conceito unânime da opinião, o desenvolvimento real que no seu governo tem tido, entre nós, a instrucção popular. A refórma do ensino primário, da qual já vamos experimentando os mais alentadores resultados, e que é a base de toda a cultura, não se pôde deixar de dizer que é modelar. Bastava este commettimento, incontestavelmente o mais alevantadamente nobre que um governo pôde emprehender, para que a sua acção administrativa fizesse jús á benemerencia pública, e o seu nome passasse aos porvindoiros cercado do nosso respeito e da nossa veneração. Feita esta, vieram os remodelamentos do Gymnasio Paes de Carvalho e da Escola de Pharmacia, estando já em via de decretação o da Escola Normal, tudo de accordo com os novos princípios que regem o assunto e com os mais aproveitaveis conselhos pedagógicos. A exposição escolar de desenho e pintura e o Salão de Pintura, annualmente installados nesta capital, são ainda productos da sua larga visão educativa.

Governo que assim se affirma, tendo como ponto culminante de seu programma o aperfeiçoamento intellectual dos seus concidadãos, é um governo de patriota, que prepara com desvelado carinho, nas iniciativas do presente, o futuro engrandecimento do Estado que administra.

A Revista se desvanece em expressar a s. ex^a., pelo facto relembrado, as suas felicitações.

Grammatica Superior

Grammatica Portugueza—Divisão

V

GRAMMATICA PORTUGUEZA é a arte que ensina a fazer uso correcto da Lingua Portugueza.

Divide-se em quatro partes: a *Phonologia*, a *Morphologia*, a *Taxionomia* e a *Syntaxe*.

A PHONOLOGIA trata *dos sons* de que as palavras se compõem.

A TAXIONOMIA trata *das classificações* das palavras.

A MORPHOLOGIA trata *dos órgãos* das palavras.

A SYNTAXE trata *da coordenação* das palavras na oração, e das orações no periodo.

As tres primeiras partes formam a **Lexeologia**, que é o estudo da palavra, emquanto que a **Syntaxe** é o estudo das *associações de palavras formando orações e periodos*.

A divisão da Grammatica em Phonologia, Taxionomia, Morphologia e Syntaxe não é exclusiva da Grammatica Portugueza, ou das Grammaticas Particulares, mas de qualquer Grammatica.

Não devemos confundir a *Phonologia* com a *Phonetica*. Esta é parte d'aquella, e limita-se ao estudo dos *sons elementares* (representados pelas letras) e do seu agrupamento *em syllabas*. A Phonologia incluye tudo isso, e mais: o agrupamento das *syllabas* formando *palavras*, a prosodia (*accentuação e quantidade*), e o modo de escrever as palavras e phrases (*orthographia*). Comprehende, portanto, o estudo dos sons em todas as suas partes.

* * A differença entre a *Lexeologia* e a *Syntaxe* torna-se clara com o seguinte exemplo:

Supponhamos que nos é proposto, para thema de analyse, «imprudente».

E' um polysyllabo paroxytono, adjectivo qualificativo, formado de tres orgãos—prefixo *im*, radical *prud*, suffixo *ente*.

Estão feitas as tres analyses—phonetica, taxionomica, morphologica: trata-se de *um vocabulo*, e tudo isso pertence á *Lexeologia*, que é o estudo *do vocabulo*.

Mas se nos exigirem a analyse syntactica de «imprudente», veremos que não ha meio de fazel-a. Por que? Porque n'essa palavra não ha uma oração, e sem oração não pôde haver *Syntaxe*.

A divisão mais curial da Grammatica, pois, é em duas partes—*Lexeologia* e *Syntaxe*, com as necessarias subdivisões.

* * Os antigos compendios a dividiam mal, em *Prosodia*, *Etymologia*, *Syntaxe* e *Orthographia*.

E' claro que a *Prosodia*, occupando-se da accentuação e quantidade *dos sons vocabulares*, e a *Orthographia* da representação *graphica dos mesmos sons*, incluem-se ambas na PHONOLOGIA.

Quanto á *Etymologia* (sciencia das origens e transformações das palavras) comquanto relacionada com a Grammatica, não é parte d'esta, mas da Linguistica.

Os ditos compendios distribuam-lhe a funcção de *classificar as palavras*, o que era outro êrro.

* * Os termos PHONOLOGIA e SYNTAXE pertencem a tecnologia grammatical. TAXIONOMIA e MORPHOLOGIA são tomados por emprestimo ás sciencias naturaes, onde tratam dos *methodos de classificação* e das *fórmãs animaes e vegataes*.

VI

Phonologia

A PHONOLOGIA é a parte da Grammatica que trata dos sons de que as palavras se compõem.

Os sons podem ser *pronunciados* ou *escriptos*.

Por isso a Phonologia divide-se em duas partes, a saber:

A ORTHOEPIA, que ensina a *correcta pronúncia*.

A ORTHOGRAPHIA, que ensina a *correcta escriptura*.

Comquanto alguns pronunciem *orthoepia*, por influencia analogica de *orthographia* etc., a pronuncia preferivel é *orthoépia*.
A Orthoepia tem a sua subdivisão em *Phonetica* e *Prosódia*

A primeira occupa-se dos elementos *acusticos*, e a segunda dos elementos *rythmicos* da linguagem.

Vide em seguida o schema da divisão da Grammatica, com a subdivisão da Phonologia:



VII

Lettras

LETTRA é um signal graphico que representa um som.

O conjuncto de todas as lettras usadas n'uma lingua é o ALPHABETO d'essa lingua.

O alphabeto portuguez consta das seguinte lettras: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, X, Y, Z.

Emprega-se tambem o—W—em palavras de origem germanica, como *walsa*.

As lettras se dividem em *vogaes* e *consoantes*.

São vogaes: A, E, I, O, U, Y.

Todas as restantes são consoantes.

OBSERVAÇÃO.—A palavra *alphabeto* é derivada dos nomes das duas primeiras letras gregas: *alpha* e *beta*. A palavra *abecedario* significa o mesmo, e se deriva dos nomes das nossas quatro primeiras letras: *a, b, c, d*.

Regularmente, cada letra representa um som. O nosso alphabeto, porém, resente-se de muitas irregularidades; por isso, na prática uma letra pôde representar varios sons, *conforme o caso, e até no mesmo caso*.

Tomemos para exemplo a letra *x*, de todas a mais sujeita a estas variações: representa ora um som *simples* ora um som *duplo*; no primeiro caso sôa como *z*, como *ss* e como *ch* (*exame, auxilio, xarope*); no segundo caso sôa como *ks* e como *kz* (*reflexo, hexametro*).

Ao passo que á letra *x* pôdem corresponder tantos phonemas, á letra *h* não corresponde nenhum: quando muito, denota *aspiração* em vogaes, ou *alteração* em certas consoantes; é uma simples *notação lexica*, figurando indevidamente no alphabeto.

Tratando-se de Phonologia, deve-se, pois, ter presente que *som não é letra*: erra-se dizendo—o som *érre*, o som *ésse*, o som *éfe*, o som *ême*, o som *xis*, etc. E' preciso dizer: o som *rrê*, ou *rê*, (forte ou brando, como em *parra* e *para*), o som *cê*, o som *fê*, o som *mê*, o som *chê*, procurando sempre, na graphia, representar o som pelo modo mais adequado, ou menos sujeito a equívoco.

O nosso alphabeto é o mesmo do latim.

Nas inscrições antigas, e nas modernas que as tomam por modêlos, nota-se o I em logar de J e o V em lugar de U (IESVS-AVGVSTVS). A razão é que *i* e *v*, para os romanos, soavam umas vezes como vogaes, outras como consoantes. Só posteriormente foram adoptados os caracteres J e U para estabelecer essa distincção phonetica.

As letras *e, g*, antes de *e, i* eram gutturaes, isto é, soavam em todos os casos como hoje antes de *a, o, u*. *Censor* pronunciava-se *kensor*, *germanicus-guermanicus*, *cibus-kibus* etc.

Q era sempre seguido de *u*, como agora. Já no latim popular este *u* poucas vezes soava.

VIII

Abreviaturas e symbolos

SYMBOLOS são signaes graphicos que representam palavras, *sem representar os sons de que ellas se compõem*, nem no todo, nem em parte. Taes são os signaes § (paragrapho), + (mais), e outros. Todos os algarismos são symbolos.

As lettras tambem pódem, accidentalmente, ser empregadas como symbolos; exemplo: $A + B - D = X$. N'este caso ellas não representam *sons*, mas *valores*, determinados ou indeterminados.

A representação das palavras por uma parte apenas dos seus sons, chama-se ABREVIATURA, exemplo: E. R. Mcê (espera receber mercê).

As abreviaturas são sempre notadas com um *ponto final*.

O uso das abreviações é ás vezes muito util, para poupar tempo e trabalho. Não é de todo arbitrario, como vamos vêr:

Em primeiro logar só nos valeremos d'este recurso de modo que, sendo facilidade para o escriptor, não seja difficuldade, ou talvez enigma, para o leitor. Portanto nos limitaremos a formulas geralmente conhecidas, *salvo convenção prévia*.

O numero de sons, ou lettras, indispensaveis a uma abreviatura, é indeterminado. Umaz vezes a lettra inicial, ou outras a inicial e a final, são bastantes (V. M., *vossa magestade*—Dr., *doutor*).

Quando o vocabulo se representa abreviadamente pelos seus primeiros sons, não deve terminar por vogal, ou syllaba completa. Assim, *capitulo*, *vocabulo*, *republica* não se abreviam em *ca.*, *vo.*, *re.*, ou *capí.*, *voca.*, *repu.*, mas em *cap.*, *voc.*, *rep.*

E' defeituosa toda abreviatura que não representa uma economia sensivel de tempo e de trabalho. *Livr.*, por exemplo, é má abreviatura para *livro*, mas seria aceitavel para *livraria*.

IX

Sons

SONS, em Grammatica, são *os elementos sensiveis da palavra*. Tambem se chamam *phonemas*.

Os sons pódem ser *vogaes* ou *consoantes*.

SONS VOGAES são os produzidos pela emissão livre da voz, tonalisada nas cavidades bocaes e nasaes.

OS SONS CONSOANTES são determinados pela intervenção dos labios, da lingua, do paladar, dos dentes, etc, e só figuram no vocabulo com o concurso dos vogaes.

Ha cinco sons vogaes principaes: *a, e, i, o, u.*

Todos estes pódem ser *oraes* (quando são todo o som pela bôca) e *nasaes* (quando são parte do som pelo nariz).

Exemplo de sons oraes: *a, e, i, o, u.*

Exemplo de sons nasaes: *ã, en, in, õ, un.*

OBSERVAÇÃO.—Toda letra vogal póde ser nasalada com *m* ou *n*; mas só a vogal *a* e a vogal *o* pódem ser nasaladas com *til*.

O complexo dos órgãos mediante os quaes produzimos a voz e a fala, chama-se *apparelho da phonação*.

Este apparelho é constituído principalmente: pelos PULMÕES (que esvasiando-se fornecem a necessaria *corrente de ar expiratoria*);—pela LARYNGE (onde essa corrente põe ou não em vibração as *cordas vocaes*);—pelas CAVIDADES BOCAES (onde a corrente póde soffrer varias modificações)—pelas CAVIDADES NASAES (que accidentalmente concorrem, com as bocaes, para dar passagem á corrente de ar).

A corrente é *sonora*, quando acompanhada de vibração das cordas vocaes, e *surda* quando desacompanhada, isto é, quando passa pelo orificio, que se chama *glotte*, sem fazer vibrar as ditas cordas.

No modo natural de falar, ha phonemas surdos e phonemas sonoros; n'aquell'outro modo, porém, que se chama familiarmente o *cochichar*, não existe vibração das cordas vocaes, todos os phonemas são *surdos*.

O que distingue os sons *vogaes* dos *consoantes* é o seguinte:

Nos sons *vogaes* a corrente expiratoria, *sempre sonora*, escapa livremente, NÃO ENCONTRANDO EMBARAÇO algum á sua passagem.

Nos sons *consoantes* a corrente expiratoria, *umas vezes surda, outras sonora*, ENCONTRA EMBARAÇOS que a modificam, representados pela acção dos labios, da lingua etc. E' o que se chama *articulação*.

Corrente *expiratoria* é a que sae dos pulmões, corrente *inspiratoria* a que entra para os pulmões. Esta ultima tambem póde produzir phonemas, porém na fala natural só nos utilizamos da corrente *expiratoria*.

Quando as cavidades nasaes, pela abertura do orificio que as põe em communicação com a pharynge, concorrem para a resonancia dos sons vogaes, estes se tornam *nasaes*, ou *nasalados*; quando não se dá esse concurso, os sons vogaes são *oraes*.

O augmento ou redução do espaço resonante (cavidades bocaes e nasaes), pela distensão ou contracção dos musculos pharyngeos, eis o que produz a variedade dos sons vogaes.

Depois das experiencias de Helmholtz, a acustica nos demonstra que, *em differentes vogaes*, ha differenças de timbre, ainda que emittidas pela voz do mesmo individuo. Mas em vozes diversas, concorrem tambem outros factores d'essa differença especifica. O *timbre* é o que o som possui de caracteristico, é por assim dizer a *physionomia* do som. Entre duas ou mais vozes que produzam o mesmo som, sendo eguaes a gravidade, a duração, a intensidade, alguma coisa ainda haverá de distincto: o timbre; porque cada individuo tem um timbre de voz que lhe é peculiar. Não nos parece, pois, muito acertado, ou pelo menos muito claro, explicar a differença entre vogaes pela differença dos timbres, como fazem alguns grammaticos.

Paulino de Brito



Reforma official da escrita Portuguesa

Regularização e simplificação da escrita portuguesa.

I—São proscritas de todas as palavras portuguesas, ou aportuguesadas, as letras *k*, *w*, *y*, as quais serão respectivamente substituídas pelas seguintes: *k* por *qu* antes de *e*, *i*, por *c* em qualquer outra situação; *w* por *u*, ou por *v*, conforme fôr a sua pronúncia; *y* por *i*. Escreveremos, pois, *caledoscópio*, *quermês*, *Venceslau*, *valsa*, *tipo*, *lira*, *fisiologia*, etc.

Excepções: 1.^a Poderão usar-se essas letras em vocábulos derivados de nomes próprios estrangeiros, em que sejam legitimamente empregadas; ex.: *kantismo*, *darwinismo*, *byroniano* (Kant, Darwin, Byron), os quais, porém, será lícito escrever, em harmonia com a pronúncia, *cantismo*, *darwinismo*, *baironiano*. Confrontem-se *Copérnico*, de *Kopernik*, *Antuérpia*, de *Antwerp*, *(h)iate*, de *yatch*.

2.^a Continuam em uso os símbolos *w*, para denotar o *Oeste*, e *K* como abreviatura de unidade métrica, e também na forma internacional *kilo*..., que todavia se poderá escrever quilo...; tanto mais que o *K* é um grosseiro erro nesta palavra pois o correspondente termo grego se escreve com *X*, e não com *K*. (1)

II—O abecedario empregado em português ficará consistindo nas seguintes letras e suas combinações, e portanto sómente com umas ou com outras se escreverão todas as palavras portuguesas, ou aportuguesadas. Essas letras e combinações são: *a b c ç ch d e f g h i j l lh m n nh o p q qu r (rr) s (ss) t u v x z*.

III—É eliminada a letra *h* do interior de todos os vocábulos portugueses, com excepção do seu emprego, como signal diacrítico, nas combinações *ch*, *lh*, *nh*, com os valores que as seguintes palavras exemplificam e unicamente para êles: *chave*, *malha*, *manha*. Portanto, escrever-se-hão, sem o *h*, *inibir*, *exortar*, etc.; e, semelhantemente, *sair*, *coerente*, *ai*, *proibir*, etc.

IV—É conservado o *h* inicial, quando a etimologia o justifique, como em *homem*, *humano*, *honra*, *hoje*; mas abolido onde é erróneo, como *hontem*, *hir*, *hombro*, que se escreverão *ontem*, *ir*, *ombro*.

1) Por não termos caracteres hellénicos, representamos os dois signaes gregos, por letras maiúsculas d'aquelle alphabeto: *X*=chi (ch com som de *K*); *K*=cappa (C forte).

Quando a uma qualquer palavra com *h* inicial etimológico se acrescentar prefixo, suprimir-se-ha o *h*; ex.: *desumano*, *inumano*, *desonra*, *filarmónica*, *desistória*, etc.

V—É licito escrever *h* final, como signal de interjeição, *ah! oh!*; mas é proscrita esta letra em todos os mais vocábulos: ex.: *Sara*, *Judá*, *raja* ou *rajá*, etc.

VI—Em harmonia com a clausula III é eliminado o *h* dos grupos *rh*, *th*, ou outros quaisquer, inexactamente denominados etimológicos, e portanto escrever-se-há *teatro*, *retórica*, *aderir*, *aborrecer*, *sirgo*, *sorgo*, *caridade*, *cristão*, *Cristo*, *monarca*, *técnica*, *cloro*, etc. O grupo *ch*, com o valor de *k* antes de *e*, *i*, será substituído por *qu*; ex.: *monarquia*, *arquitecto*, *química*, *querubim*. O grupo *ph* será expresso por *f*; ex.: *filosofia*, *frase*, *fenício*, *farol*, *física*, *fisiologia*, *ninfa*, *profeta*, etc. Assim também escreveremos *ditongo*, *tísica apotegma*, etc.

VII—Nenhuma consoante se duplicará no interior ou fim do vocábulo, senão quando a pronunção assim o exija, o que só acontece com *rr*, *ss*, *mm*, *nn*, como nas seguintes palavras: *carro*, *cassa*, *emmalar*, *ennegrecer*.

Nesta contormidade, escrever-se hão com letras singelas as seguintes palavras, e outras que é hábito escrever com letras dobradas: *abade*, *acusar*, *adição*, *afecto*, *sugerir*, *agravo*, *êle*, *ela*, *aludir*, *chama*, *pano*, *anexo*, *aparecer*, *atribuir*, *meter*, *atitude*, etc. As letras *r* e *s* dobram-se, se a pronunção o exige, quando a qualquer vocábulo se antepõe prefixo terminado em vogal; ex.: *pressentir*, *prorrogar*, *ressuscitar*: cf. *arrasar*, *de raso*, *assegurar*, *de seguro*.

VIII—São suprimidas as consoantes mudas, quando não influam no valor das vogais que as precedem; ex.: *autor*, *restrito*, *produto*, *produção*, *pronto*, *presunção*, *satisfação*, *praticar*, *tratar*, *retratar*, *sinal*, *Madalena*, *aumento*, *Inácio*, *Inês*, *assunto*, *assinar*, *sono*, *dano*, *condenar*, etc.

IX—São conservadas as consoantes, usualmente mudas, quando facultativamente se profiram, ou quando influam no valôr da vogal que as precede; ex.: *contractão*, *reacção*, *directão*, *excepção*, *adoptar*, *espectáculo*, *carácter*, *rectidão*.

Neste caso os vocábulos aparentados, em que essas vogais pertençam á silaba predominante do vacábulo, conservarão, por analogia, a consoante muda; ex.: *contracto*, *directo*, *excepto*, *adopto*, *caracterizar*, *recto*, *acto*, em razão de *activo*, *acção*, etc.

X—O emprego acertado das letras *ce*, *ci*, alternando com *s* (*se*), *s* (*si*), ou no interior do vocábulo o de *ç*, alternando com *ss*, depende da origem desses vocábulos e do valor que as ditas letras indicavam, quando a pronunção delas diferia, como ainda hoje difere dialectalmente em várias regiões do norte de Portugal. A consulta ao *Vocabulário* é indispensavel para decidir da escolha. Como regra geral *ce*, *ci*, *-ç*-correspondem a *ce*,

ci, ti, latinos, a *ce, ci, za, zo, zu* do castelhano actual, a *ss* arábicos, ou pertencem a vocábulos de origem americana indígena, transcritos pelos autores peninsulares.

Fica banido o *ç* inicial que será substituído por *s* nos poucos vocábulos em que etimologicamente figuraria; ex.: *sapato, sarça*, e não *çapato, çarça*, como antes se escrevia, e ainda uma ou outra vez se escreve.

XI—E' conservado o grupo inicial *sc*, das seguintes palavras e seus derivados e afins, em que o *s* é mudo: *scena, sciência, scetro, scéptico, scisma, scisão, sciático, scintilar, scelerado*, e algum outro menos usual.

XII—O emprego de *ch* ou de *x*, os quais histórica e ainda dialectalmente não eram nem são identicos no valôr fonético, regula-se pela sua origem, e a consulta ao *Vocabulário* torna-se necessária. Deve ter-se em atenção que *ch* corresponde a *cl, fl, pl, tl* a latinos, a *ch* francês nas palavras desta procedência; *x* corresponde a *x* e a *s* latinos. Nos vocábulos de origem arábica o emprego de *x*, e não de *ch*, é de rigôr; assim, *xegue*, e não *che (i) k*.

XIII—A escrita dos ditongos orais é a seguinte: *ai, éi, ei, ói, oi, au, éu, eu, iu, ou*, como em *ensaio, ensaiar, batéis*, (de bater), *sóis*, (de sol), *sois*, (verbo), *fui, páu, céu, seu, viu, grou*, e portanto *pai (s), amai (s), gerais, réis, reis, faróis, róis* (nome plural e verbo), *azuis*, etc. Ficam abolidas as escritas *ae, oe, ue, ao, eo*, para estes ditongos, quer em nomes, quer em formas verbais.

XIV—A escrita dos ditongos nasais é: *ãe, em, (ens), ãe, ão*, como em *mãe (s), bem, bens, põe (s), botões, cães, mão (s), órfão (s), cidadão (s)*.

Escrever-se-hão com *am* final, em vez de *ão*, as formas verbais em que essa terminação seja átona, como *louvam, louvaram* (presente e pretérito), diferente de *louvarão* (futuro).

Os vocábulos terminados no ditongo *em* (equivalente a *ei*) receberão o acento circunflexo, quando forem polissílabos, com a ultima sílaba predominante. Deste modo *porem*, do verbo pôr, diferenciar-se-ha de *porêm*, conjunção; *contêm* do verbo conter, de *contem*, do verbo contar; *armazêm, vintêm, vintêns, alguêm*, mas *viagem, origem (=viágem, origem)*.

O ditongo *úi de muito, mui*, dispensa igualmente o til na escrita usual.

XV—A grafia das vogais nasais finais será a seguinte, já consagrada: *ã (s), im, ins, om, ons, um, uns*, como em *lã (s), órfã (s), fim, fins, marfim, marfins, som, sons, jejum, jejuns*.

No interior dos vocábulos é a nasalidade da vogal expressa por *m* antes de *b, p* e por *n* em qualquer outra situação, o que já é de uso estabelecido, mas ao qual convêm não se fazerem excepções; assim escreveremos *circunstância, circunscrever, conquanto, pronto, ninfa*, com *n*, e não com *m*,

XVI—E' conservado ac *e* inicial átono o valor que tem de *i* em muitos vocábulos, como *erguer*, *herdeiro*, *evitar*, *elogio*; sendo, porém, substituído por *i* nas palavras *igual*, *idade*, *igreja* e seus derivados, ortografia anterior que se lhes restabelece. E' semelhantemente conservado o *e* com o valor de *i* átono antes de vogal, quando a analogia ou a etimologia o recomendem; ex.: *fealdade*, *desfear*, de *feio*, (cf. *desfiar* de *fio*), *ideal*, *meada*, *reagente*, etc. Restabelece-se, porém, a verdadeira de *pior*, *lial*, *rial* (antes *peior*, *leal*, *real*), em que o *ei* anterior se condensou em *i*, como aconteceu com *igreja* (forma antiga *eigreja*) e como ainda hoje acontece com o prefixo *eis*-(*ex*), que é usualmente pronunciado *is*. O último exemplo citado, *rial*, de *rei*, fica assim diferenciado de *real*, procedente do latim *res*.

O verbo *criar* será semelhantemente escrito com *i*, pois a sua conjugação é *crio*, *crias*, e não *creio*, *creias*, e portanto escreveremos também *criador*, *criatura*, *criança*, qualquer que seja a accepção em que se tomem tais palavras. O verbo *recrear*, todavia, escrever-se-ha com *e*, porque a sua conjugação é com *ei*, *recreio*, *recreias*; devendo ter-se em atenção que o *i* intercalar, para evitar o hiato *recreo*, só tem cabimento quando o *e* do radical é predominante, e conseguintemente escreveremos *passear*, *cear*, *desfear*, *passaio*, *ceio*, *desfeito*, e não *passaear*, *ceiar*, etc.

Há consideravel número de verbos, como *alumiar*, *gloriar*, *aviar*, que se conjugam *alumio*, *glorio*, *avio*, sendo portanto a vogal final do seu radical *i* e não *e*. Todavia, por influência daqueles em que essa vogal radical é pelo contrario, *e*, que átono se profere *i*, alguns verbos em *iar* confundiam-se com esses, e é já hoje impraticável a correção. Os principais destes verbos são os seguintes; e convém que não se traslade a outros a irregularidade que se manifesta nêles: *ansiar*, *anseio*; *obsequiar*, *obsequio*; *premiar*, *premeio*; *odiar*, *odeio*; *remediar*, *remedeio*. Em outros, menos triviais, é duvidoso o modo de os conjugar, como *licenciar*, *presenciar*, *sentenciar*, que muitos preferem conjugar *licencio*, *presencio*, *sentencio*, conquanto as formas *licenceio*, *presenceio*, *sentenceio* sejam muito mais usuais. E' claro que a irregularidade se não deve trasladar aos substantivos correspondentes, e que portanto escreveremos *ânsia* (e não *âncea* ou *ância*) *negócio*, *obséquio*, *ódio*, *prémio*, *remédio*, e assim também com *i* os derivados, *odioso*, *obsequioso*, etc.

XVII—Na pronúncia do sul de Portugal o *s* antes de consoante surda, e quando é final, profere-se como *x* atenuado, e sendo a consoante sonora, como *j*, igualmente atenuado. Se em tais condições está precedido de *e* surdo, êste *e*, por assimilação, palataliza-se e fica sendo igual a *i* na mesma situação, de modo que os dois vocábulos *pescar* e *piscar* só artificialmente se distinguem; assim também a primeira syllaba de

esteira confunde-se com a primeira sílaba de *história*, e tanto que antigamente se escrevia *estórca* (com *ea* para se evitar a leitura estorja, pois nenhuma diferença gráfica se fazia entre *i* e *j*). Para quem profira do mesmo modo *es* e *is*, átonos, é necessário recomendar que se regule pelas formas em que *e* ou *i* sejam predominantes, a fim de acertar com a devida escrita. No exemplo citado *pescar* procede de *pesca*, e portanto com *e* se escreverá: *piscar*, de *pisco*, ortografar-se há com *i*.

A confusão entre *es* e *is* mais frequente, e que dá margem a inúmeros erros de ortografia, ocorre com os prefixos *des-* e *dis-*. É usualíssimo ver-se escrito *distribuição*,—por exemplo. Cumpre advertir que o valor destes dois prefixos, assim confundidos na pronúncia meridional, é diverso: *des-* é privativo, *dis-*, indica “repartição, divisão”. Escreveremos pois *destinto* com *e*, de *destingir*, de *tingir*, *distinto* com *i*, de *distinguir*, e assim também *dispersar*, *discrição* (que se deve confundir com *descrição*, de *descrever*), *discórdia*, *discorrer* etc.

XVIII—Sendo o *e* átono, antes de consoante palatal (*ch*, *x*, *j*, *lh*, *nh*,) por assimilação igual a *i* surdo, dá-se frequentemente a dúvida sobre a escrita com *e* ou com *i*, em sílabas átonas. Convém, do mesmo modo, recorrer às formas em que a vogal duvidosa seja predominante; assim *lenheiro* de *lenha*, escrever-se há com *e*, *linheiro*, de *linho*, com *i*.

XIX.—Por outra parte, no centro de Portugal o *e* fechado antes das mencionadas consoantes palatais *ch*, *x*, *j*, *lh*, *nh* profere-se como *â*, e esta pronúncia vai-se difundindo cada vez mais no país: *fecho*, *cereja*, *selha*, *senha* são pronunciados *fâxo*, *cerâja*, *sâlha*, *sânha*. Valendo o *a* antes da consoante nasal, *m*, *n*, *nha* por *â* fechado, em geral, produz-se pela concorrência destas duas leis fonéticas, onde elas predominam, a confusão entre *senha* “sinal” e *sanha* “ira,” entre *lenho*, “madeiro,” e *lanho*, “golpe.”

Para não se deformar a língua pátria, torna-se essencial a devida distinção gráfica, ainda quando se não observe na fala, e é fácil acertar-se com a escrita, se se atender á pronúncia dessa vogal, duvidosa quando tónica, em formas nas quais ela seja átona: *sanha* “ira” escreve-se com *a*, porque dizemos *assanhar* e não *assenhar*, ao passo que um verbo derivado de *senha* (signa, latino) *desenhar*, se não profere *desanhar*; *lanho*, “golpe”, tem um derivado *alanhar*, que não é *alênhar*, e consequentemente deve escrever-se com *a*.

XX—Continua o emprego tradicional do *o* átono valendo por *u*, quer final, quer medial, quer inicial, ou êle seja analógico, como em *formosura* de *formoso*, de *forma*, *porteiro*, de *porta*, *correr*, *côrro*, *corres*, ou etimológico como em *monumento*, latim, *m o n u m e n t u m*, *governar*, castelhano *gobernar*, latim popular *g o b e r n a r e*, latim clássico *g u b e r n a r e*. Na escrita será indispensável atender-se á forma primitiva,

portuguesa ou latina, ou recorrer-se ao competente vocabulário, pois os casos duvidosos, para os indoutos, são aos milhares.

Antes da vogal, como em *mágoa*, *nódoa*, a conjugação dos respectivos verbos, *magoar*, *mágôa*, *ennodoar*, *ennodôa* como *soar*, *sôa*, indica a escrita correcta. Com verbos como *aguar* cuja conjugação é incerta, é preferível escrevê-los com *u* e assim também *água*, *régua*, *légua*, visto que a razão da escrita com *o* era principalmente o evitar-se que *u* fosse lido como *v*, quando nenhuma distinção fixa e assente existia, para se determinar quando as duas formas *u*, *v* eram consoantes, ou vogais. Feita a distinção, como há mais de um século se faz, quer na escrita, quer na imprensa, deixaram de ser necessários êsse e outros expedientes gráficos, como a adjunção de *h* a *u* ou a *i*, para indicar serem vogais, e não consoantes, o que motivou as grafias *hiate*, *huiivar*, *hia*, para que *uivar*, *iate*, *ia* se não lessem *vivar*, *jate*, *já*. Alguns *hh* e alguns *oo* teem essa origem a explica-los.

XXI.—No centro de Portugal o diagrama *ou*, quando tónico, confunde-se na pronunção com *ô*, fechado. A diferença entre os dois símbolos *ô*, *ou*, é de rigor que se mantenha, não só porque, histórica e tradicionalmente, êles sempre foram e continuam a ser diferenciados na escrita, mas também porque a distinção de valor se observa em grande parte do paiz, do Mnodogo ao norte. Outra razão se deve apontar ainda, e essa é que *ou* átono ou conserva o valor que lhe é próprio, ou popularmente, se profere *ô*; ao passo que *ô* vale por *u* nas sílabas átonas; assim, por exemplo, roubar, de roubo, não altera o valor do *ou* do radical, o que não acontece por exemplo, com *rogar*, de *rôgo*, em que *o* vale por *u*, se não é predominante. Duas excepções, pelo menos, existem modernamente: *apouquentar*, de *pouco*, e *aposentar*, de *pouso*, que antes eram *apouquentar*, *apousentar*. A redução deve ter tido origem no sul, em que *ou* se confunde com *ô*.

Este ditongo *ou* alterna em quasi todos os vocábulos com o ditongo *oi*, ao qual muitos dão a preferencia, exceptuando porém, certos vocábulos como *outro*, *roubo*, etc. A alternância dá-se principalmente antes de *r*, *s*, como em *ouro*, *cousa*; *oiro*, *coisa*.

Quem prefira *oi* a *ou* assim escreverá, pois qualquer das formas é licita na maioria dos vocábulos, como se disse. Nas formas verbais, porém, como a 3ª pessoa do singular do pretérito *lovou*, não é admittido o ditongo *oi* por *ou*, nem tampouco em *coube*, *soube*, *trouxe*, etc.

Advertir-se-há que é errónea a forma *poude* em vez de *pude*, 1ª. pessoa, e *pôde*, 3ª. pessoa do presente do verbo poder, que tem origem diferente (potui, potuit, latinos) da que vemos em *coube*, *soube* (lat. capui (t), sapui (t). comum á 1ª. e 3ª. pessoas do mesmo tempo verbal dos verbos *caber* e *saber*. Um qualquer indivíduo, originário das regiões em que *ou* é di-

ferente de *ô* no valor, não conjugará jamais assim erradamente o verbo *poder*, nas duas formas citadas nas quais não ha o ditongo *ou*, como em *coube*, *soube*, *trouxe*, mas sim *u* e *ô* fechados.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA.

Como é uso corrente, marcam-se com o devido acento, agudo ou circunflexo, os vocábulos terminados em *a*, *e*, *o*, tónicos, seguidos, ou não, de *s*, e por analogia os terminados em *em*, *ens*; ex: *alvará (s)*, *louvará (s)*, *maré (s)*, *mercê (s)*, *portaló (s)*, *avó (s)*, e bem assim os monossílabos, como *pá (s)*, *sé (s)*, *sê (s)*, *só (s)*; *vintêm*, *vintêns*, *contêm*, *contêns*; os monossílabos em *em*, *ens*, dispensam a acentuação: *bem*, *bens*, *tem*, *tens*.

XXIII.—O sinal denominado til (˘) vale por acento tónico quando não haja outro acento gráfico a designar sílaba predominante do vocábulo: ex: *cidadão (s)*, *escrivão*, *escrivães*, *nação*, *nações*, *mão*, *mãe (s)*; mas *ourégão (s)*, *rábão (s)*, *Fstêvão*, *Cristóvão*, etc.

XXIV.—As palavras terminadas em *i*, *u*, vogal nasal ou ditongo, seguidos ou não de *s*, ou em outras consoantes, excepto na terminação *em*, *ens*, entende-se terem como sílaba predominante a última, não se acentuando portanto, graficamente senão as excepções a esta regra; ex.: *javali (s)*, *peru (s)*, *maçan (s)*, *atum*, *atuns*, *marau (s)*, *arraís*, *esqueceu*, *judeu (s)*, *painel*, *farei (s)*, *mulher*, *vencer*, *timidez*, *feliz*, *arroz*, *alcaçuz*, *lioz*, *alcatruz*; mas *quási*, *Vénus*, *órfã (s)*, *álbum*, *amáveis*, *fácil*, *fáceis*, *sável*, *sáveis*, *farieis*, *alcáçar*, *carácter*, (*plural caracteres*), *mártir*, *sóror*, *cónsul*, etc.

XXV.—Os nomes terminados em *em*, *ens*, e as formas verbais em *am*, *em*, entende-se terem como sílaba predominante a penúltima, que se não assinala com acento gráfico; ex: *louvam*, *louvaram*, (cf. *louvarão*, futuro), *porém*, *contem* (dos verbos *por*, *contar*), marcando-se o acento gráfico quando a sílaba predominante seja a última; ex.: *porêm*, *contêm* (de *conter*), *armazêm*, *armazens*, *Jerusalêm*, *Belém*.

XXVI.—Todos os vocábulos cuja sílaba predominante seja a antepenúltima terão essa sílaba marcada com o competente acento escrito; ex.: *sábado (s)*, *câmara (s)*, *cédula (s)*, *pêssego (s)*, *sêmola (s)*, *concêntrico (s)*, *título (s)*, *íntimo (s)*, *pródigo (s)*, *cômodo (s)*, *lôbrego (s)*, *lúgubre (s)*, *único (s)*; *área (s)*, *ária (s)*, *árduo (s)*, *mágoa (s)*, *contemporâneo (s)*, *Libânio*, *ânno*, *proscênio (s)*, *gêmeo (s)*, *ingênuo (s)*, *sêmea (s)*, *virgínio (s)*, *insônia (s)*, *fúria (s)*, *facúndia (s)*, *ândito (s)*, *argênteo (s)*, *fimbria (s)*, *vergôntea (s)*, *núncio (s)*, *demónio (s)*, *António*, *Antônia*, *infortúnio*, *farmacéutico*, etc.

XXVII.—O acento marcado nos exdrúxulos é diferencial com relação aos vocábulos que, escritos com as mesmas letras, tenham por sílaba predominante a penúltima, ou a última; ex.:

fábrica, substantivo, e *fabrica*, verbo; *réplica*, substantivo, e *replica*, verbo; *indico*, adjectivo, e *história* substantivo, e *historia* (*ri*), verbo; *telégrafo*, substantivo, e *telegrafo* (*grá*), verbo, etc.

XXVIII.—Quando um qualquer vocábulo que tenha por sílaba predominante a penúltima, e cuja vogal nessa sílaba seja *e* ou *o* abertos fôr homógrapho com outro em que esse *e* ou *o* seja fechado, marcar-se hão estes com acento circunflexo. Assim se diferenciarão *rêgo*, substantivo, e *rego* verbo; *pêgo*, ave, e *pego*, abismo, ou forma do verbo *pegar*; *rôgo*, substantivo, e *rogo*, verbo; *sôbre*, preposição, e *sobre*, verbo; *mêdo*, susto, e *medo*, nome étnico; *dêmos*, presente do subjuntivo, e *demos*, pretérito (do verbo *dar*).

XXIX.—Diferenciar-se hão pelo acento agudo os seguintes vocábulos: *pára*, verbo, de *para*, preposição; *pêlo*, *pêla*, de *pêlo*, substantivo, de *pelo*, *pela*, (*per lo*, *per la*, *per o*, *per a*); *pólo*, substantivo, de *polo*, (forma antiquada de *pelo*); e pelo circunflexo, *pêra*, de *pera*, forma antiga e popular da preposição *para*; *quê*, de *que* proclítico, átono; *cômo*, verbo, de *como*, particula. Pelo agudo se diferenciará a forma do pretérito, *louvâmos*, da do presente, *louvamos*.

XXX.—As formas verbais *dêem*, *lêem*, *vêem*, *crêem*, (de *dar*, *ler*, *ver*, *crer*) receberão o acento circunflexo, ficando assim distintas de outras como *te* (*e*) *m*, *ve* (*e*) *m*, de *ter*, *vir*.

XXXI.—Quando a segunda de duas vogais consecutivas seja *i* ou *u*, que não forme ditongo com a vogal precedente, marcar-se-há com o acento agudo, se for tónica; ex.: *sai*, *saída*, *faisca*, *saúde*, *balaustre*, *raízes*, *baú(s)*. Se fôr átona pode assinalar-se com o acento grave; ex.: *saimento*, *faiscar*, *saúdar*, *enraizado*, *abaúlado*. É licito dispensar-se o agudo se a consoante seguinte não fôr *s*: ex.: *ainda*, *raiz*, *sair*, contanto que não inicie outra sílaba. Podem portanto escrever-se *Coimbra*, *raiz*, *sair*, sem acento, mas exigem-no *saída*, *saira*, *saúde*, *raízes*, *ataúde*, etc.

XXXII.—Os ditongos *éi*, *ói*, *éu*, sempre finais tónicos, receberão o acento agudo, que os diferencia de *ei*, *oi*, *eu*, fechados; ex.: *painéis*, *faróis*, *chapêus*; em *réis*, *ba'éis*, *papéis*, *sóis*, êsse acento distingue tais vocábulos dos seus homógraphos *reis* (de *rei*), *bateis*, *papeis* (de *bater*, *papar*) *sois* (de *ser*). Outros exemplos são *bóia*, *jóia* (cf. *joio*, com *o* fechado), *gibóia*, *herói(s)*, etc.

XXXIII.—HIFEN.

Os vocábulos compostos cujos elementos conservam a sua independência fonética unem-se pelo hifen (-) e mantem igualmente a sua acentuação; ex.: *água-pé*, *pára-raios*, *guarda-pó*. O hifen repetir-se-há na linha imediata, quando por éle se faça a separação silábica de linha para linha; ex.: *pára-*

-raios. Quando um dos termos do vocábulo composto não existe independente em português, na sua forma integral, unem-se os dois elementos sem hífen; ex.: *clarabóia, fidalgo*. Outro tanto se fará quando a noção do composto se haja perdido, como em *solfa, dezoito (deç-a-oito), abrolhos*.

XXXIV.—O hífen será utilizado iambém nos seguintes casos :

a) Unir os pronomes pessoais enclíticos aos respectivos verbos, de que são complementos; ex.: *louvá-lo, devê-lo, puni-lo, dá-nos, dou-vos, falo-lhes*, etc. A acentuação do verbo mantém-se como se não se lhes unissem êsses complementos. São êrros inadmissíveis, mas muito frequentes, LOUVAL-O, DEVEL-O, PUNIL-O, etc.

b) Os advérbios *mal, bem*, formando o primeiro elemento de um composto, unem-se ao segundo elemento por hífen, quando sem êle a soletração seria errada; ex.: *bem-aventurança, mal-logrado*, para que se não leiam *be ma venturança, ma logrado*. Este último, todavia, pode ler-se também *malo-grado*, pois dizemos *malograr, malôgro*.

A palavra *aguardente* formará o seu plural *águardentes*, se porêr se preferir separar os dois elementos, *água-ardente*, o plural será *aguas-ardentes*.

XXXV.—Há vocábulos que, sendo derivados, seguem a analogia dos vocábulos compostos, com os seus elementos unidos por hífen, em terem dois acentos tónicos dos quais é predominante o segundo; são êles os aumentativos e diminutivos formados com o infixo *z*, e os advérbios derivados com o sufixo *mente*. Se os adjectivos ou substantivos de que se formam terminam em vogal com acento agudo, muda-se êste em acento grave, ex.: *sòzinho, cafèzinho, mãzona*, etc. Esta mudança tem por causa evitar-se que, escrevendo-se *mãzona*, por exemplo, se entenda ser a primeira sílaba predominante. Nos advérbios, porêr, formados com o referido sufixo—*mente*, que antes era um substantivo, a acentuação com o agudo, ou o circunflexo mantém-se, por não poder dar-se a confusão apontada: *fácilmente, cortêsmente, sómente*.

XXXVI.—APÓSTROFO

E' quasi abolido êste sinal ortográfico, absolutamente inútil para a leitura, e de introdução relativamente moderna. O seu emprêgo limitar-se-há a indicar, principalmente na poesia, a supressão de uma letra, que usualmente se escreve na prosa, como em *esp'rança, mer'cer, par'cer, c'roa, p'ra, 'star*, etc. Pode, também, usar-se no interior das dições compostas quando nelas se faça elisão do *e* da preposição *de*, como em *mãe-d'água*.

XXXVII.—Os pronomes complementos enclíticos dos verbos escrever-se-hão como nos exemplos seguintes: *tenho-o*,

tem-lo, tem-no, temo-lo, tende-lo, louvá-los, devê-los, uni-los; dava-vo-lo, vêem-se-lhe, comprámo-la, sem se indicar por apóstrofo a supressão de *e* e de *s*, que é de regra: *tem-lo*, está por *tens-lo, vê-mo*, por *vê-me-o*. O verbo conserva a acentuação marcada que lhe competiria sem complementos, e assim é a sua pronúnciação.

XXXVIII—Reúnem-se em uma só dição, sem apóstrofo ou hífen, os seguintes pronomes, precedidos das preposições *a, de, em, por*: *ao(s), á(s), do(s), áquele(s), àquela(s), dele(s), dela(s), deste(s), desta(s); daquele(s), daquela(s), dêsse(s), dessa(s), naquele(s), naquela(s), neste(s), nesta(s), nesse(s), nessa(s); disto, disso, daquilo, nisto, nisso, naquilo, noutro*.

Outro tanto acontece com os artigos *o(s), a(s), um, uns; uma(s)*, e os advérbios *aqui, aí, ali, acolá, além, onde, antes*, ex.: *do(s), da(s), pelo(s), pela(s), no(s), na(s), aonde, donde, daqui, daí, dali, dacolá, dalém, dantes*, etc.

Quando porém, êsses pronomes sejam orações de infinito, a preposição conservar-se há inteira e separada; ex.: *por causa de êles não quererem; em razão de os não ter visto*.

As demais elisões, que no decurso da fala ou da leitura se costumam fazer, não são indicadas na escrita; não se escreverá pois: *d'idade, d'entrada*, mas sim *de idade, de entrada*, pelo mesmo motivo por que se não escreve *vint'e um*, conquanto o *e* de vinte aí se não profira. São elisões e crases que é escusado representar na escrita, e algumas das quais são facultativas, quer individual, quer ocasionalmente.

XXIX. DIVISÃO SILÁBICA.

A divisão de um vocábulo qualquer simples em sílabas far-se-há foneticamente pela soletração e não pela separação dos seus elementos de derivação, composição ou formação, contanto que a dição composta não tenha os seus elementos apartados por hífen (-). Desta maneira dividir-se há, por exemplo, *subscrever*, como *subs-cre-ver*, do mesmo modo por que a palavra *escrever* se não divide como *e scre ver*, e *vezes*, *pastora*, como *vez es, pastor a*, mas sim como *ve zes, pas to ra*. Assim também, *di rec ção, a dop tar, su búr bios, de sas tra do, de sar mar, i ná bil, bi sa vó, pres tan te, cir cuns tân cia*, etc., etc.

Para a segunda linha e para a soletração pertencem á vogal que se lhes segue as consoantes que podem começar palavra; assim teremos *co bra, am pla*, porque temos *bra ço, pla ga; ecli pse* (cf. *psicologia*).

XL.—Quando o *s* dos prefixos *des-, dis-*, é seguido de consoante separa-se dela: se depois se lhe segue vogal, pertence a esta, e com ela forma sílaba; ex.: *des fazer, dis tri buir*, mas *de sen ga nar, de sen vol ver*.

XLI.—Duas consoantes iguais separam-se, ex.: *arrastar, as sistir, em malar, enastrar*.

XLII.—As palavras compostas dividem-se pelos seus componentes; ex.: *porta-voz, vice-almirante*, repetindo-se na linha inferior o hífen.

XLIII.—Nos vocábulos formados com o prefixo *ex-*, fica êste separado do segundo elemento, ao dividir-se ou soletrar-se a palavra; ex.: *ex êr ci to, ex ce der*.

XLIV.—São inseparáveis as letras dos seguintes grupos de consoantes: *bl, cl, dl, fl, gl, pl, tl, vl; br, cr, dr, fr, gr, pr, vr; ch, lh, nh; cs, ps*.

Se, porém, o *s* se lê separado do *c* no interior do vocábulo separado se divide; ex.: *des cer, côns cio, pros cênio*; mas *en sce na ção*.

XLV.—São igualmente inseparáveis duas vogaes consecutivas, formem ou não ditongo; ex.: *ai po, cau sa, rai nha, proê mio, goe la, poei ra, pro nún cia, voar, voo, á gua, moinho, é gua, i guais, con tí nua, fa mí lia, se ria, sé ria, realida de, veí cu lo*.

XLVI.—O *u* depois do *q* ou *g* é dêle inseparavel, quer seja mudo quer se profira; ex.: *quin ta, guer ra, fre quên te, a gûen tar, ar gûir*.

A. R. Gonçalves Viana



Páginas escolhidas

Por F. R.

Alexandre Herculano.

Através dos excerptos que a Revista estampa nesta secção verificou de certo, o leitor, que a nossa preocupação constante e precípua é a de desvendar através do labor do pensamento o viço primaveril da forma, a vida íntima da expressão, occulta e palpitante, na immortalidade do Estylo.

O que, de feito, o anthologista procura surprehender na collectânea das páginas—é a lição do Estylo.

HERCULANO, que floresceu na época de transição da arte de escrever em Portugal, é um typo representativo da arte literária: sem a graça fugidia, a ironia flórea e pertinaz de Garret—seu mestre das lides da literatura, sem a paixão mórbida da castidade adamantina da frase, como Castilho, sem a eloquencia multifária de Camillo, que ia da lágrima pungentíssima á gargalhada insólita por entre coriscos inéditos duma syntaxe que ficou sem exemplo:—o autor do Eurico, renovando a investidura pétrea dos Chronicons, integrou a lingua estylistica na lídima forma portuguesa, ficando, como era, escritor másculo, de enfibração genuinamente lusitana.

Como erudito de raro quilate, criou os estudos históricos em Portugal, ajustando-os em método científico, no exame cuidadoso das fontes reaes. E sua História de Portugal é um modelo de narrativa; perpetua, ao mesmo tempo, a angústia dum espirito na caça percucente da Veracidade.

O autor do Bôbo, na sociedade de seu tempo, foi árvore magna e frondosa que, de súbito, começou a morrer pela raiz: e com espanto, em pleno esplendor, assistimos o heróe renunciar á luta, enclausurar-se numa obscuridade inquebrantável. A História de Portugal, incompleta como a deixou seu autor, lembra um desses fragmentos da estatuária grega, e nos faz sonhar com a maravilha de harmonia que, divinamente, nasceria de sua homogeneidade total.

De sua obra de ficção preferimos o Monge de Cister, sóbria e larga narrativa, a que a pompa das imagens, a magestade das idéas, o côro pathético dos sentimentos emprestam o solenne esplendor das coisas sagradas.

A prosa de HERCULANO, larga e luminosa, tem a solidez e o brilho dos metaes: refulge; é dúctil; mas não é fungível.

Logo após sua morte, escreveu Ramalho Ortigão: “como philósopho, como investigador, como crítico, como poeta, ALEXANDRE HERCULANO cria em Portugal os estudos históricos; funda a mais importante collecção dos modernos trabalhos literários—O Panorama; ennobrece a lingua com o seu estylo nítido e cortante em que a frase tem o lampejo e o golpe dos passes de espada; honra o officio das letras com o porte rígido, austero e elegante de sua figura literária... cria escola; agrupa em volta de si uma mocidade que o admira e o idolatra”. (1)

ALEXANDRE HERCULANO de Carvalho Araujo, nasceu em 1810, e veiu a morrer por 1877. Suas obras de mais vulto são a História de Portugal, O Monásticon (2 partes), O Bôbo e as Lendas e Narrativas. Publicou tambem Os Opùsculos, A Harpa do Crente, A Voz do Propheta, etc.

1] *As Farpas*, vol. 2, pag. 6.—ed. 1887

ALEXANDRE HERCULANO**A Procissão de Corpus**

O dia tinha amanhecido sereno e puro. Uma brisa suave do norte, varrendo as cimas dos pomares entressachados de hortas ou almuinhas, que se dilatavam por Valverde e pelo valle de Andaluz, espalhava ao longe os efflúvios dos rosaes e da madresilva. Era um bello dia de estio aquelle. Os campos como que sorriam, e até o interior da cidade, em cujas visceras obscuras e lodacentas penetrava a viva claridade do sol espléndido, e donde a aragem affugentava o cheiro repugnante de uma crassa atmospherá, parecia revivescer, remoçar, desempoeirar-se, e o seu borbórinho, habitualmente roufenho, cavo, triste sem melancolia, tornava-se harmonioso e accorde com o sussurro da brisa.

O dia que amanhecêra fôra o dezeseite de junho e o dezeseite de junho era um dia sancto, o da procissão de Corpus.

Um dia sancto; um dia sancto!... Assim junctas estas duas palavras são as mais sonoras, as mais pinturescas, as mais saudosas da nossa língua; para mim ao menos. De todas essas memórias passadas, cujas ruínas o descrever da idade de homem me tem alastrado pelo coração, uma sei eu que vive ainda nelle fresca e viçosa, e que me parece morrerá só quando eu morrer. E' a lembrança dos dias sanctos dos meus tenros annos. Um domingo de então ainda me sorri suavemente quando deito olhos longos para o caminho tortuoso e agro por onde já derramei, sem saber como, um terço de século da vida. Na orla desse horisonte crepuscular do passado, avulta-se-me a capellinha da habitação da infância ao dia sancto, e o altar com os seus castiçaes de talha dourada e as jarras de flôres, que lá se punham no sabbado á noite, e o levantar cedo para todos e tudo estar lavado, espanejado, escovado e ordenado para a missa. Sabe Deus com quanta fé e devoção a minha alma tenra se balouçava na toada monótona que murmurava o velho frade arrabido, calvo e macilento, cujo burel desaparecera debaixo das vestes variegadas do sacerdócio! Através de alta gelosia o sol vinha, semelhante a uma columna de vidro amassada com pó de ouro e tombada de seu pedestal, bater de sosláio nos degráus do altar, e as luzes trémulas das vellas, cuja

claridade se annullava no esplendôr do dia, pareciam-me espiritos que se inclinavam esperando a presença real de Deus para o adorar. Depois o frade que viera de longe, do convento de Ribamar ou da Bôa-viagem, almoçava e jantava. E todos estavam contentes; porque era um sancto e jovial frade o bom do arrabido, e contava histórias que era um pasmar. Naquelles dias abençoados juraria eu que a folhagem das árvores era de um verdor mais vivo, os fructos mais saborosos, o ar mais diáphano, a água mais transparente, o céu mais azul, e até as alfaias da casa mais novas, e o caio dos muros mais alvo. A' tarde corria pela relva com os outros moços da minha idade, e travava luctas e gritava e ria e suave e tripudiava nos jogos e brinquedos que são próprios daquella idade; mas quando o sol descia para o horisonte ia assentar-me á sombra de uma grande nogueira, sósinho, a ouvir cair num tanque uma pequena bica d'ágoa, e alli ficava muito tempo a scismar. Em que? Eu sei lá! Em nada, provavelmente. Mas scismava e sentia levantar-se-me no coração um fumosinho de tranquillá melancolia, fumosinho, que se condensava brevemente nos olhos em lágrimas, que não chegavam a rolar, mas que nelles bailavam. E alli me achava a noite, e buscavam-me e desfaziam-me o encanto; mas ficava-me cá a saudade... Domingos dos doze annos, em que o meu espirito infante se harmonisava com o hymno eterno da natureza, salve! A glória litterária, o amôr da independência, talvez até o orgulho de proceder honesto, todos os meus sonhos de ambição da-los-ia a trôco de me sentir viver comvosco; comvosco, oh dias sanctos; porque os outros, esses se não eram pállidos como os de hoje, eram acres, dolorosos, inquietos. As paixões fervidas e insensatas da mocidade vinham chegando; e como que já sentia rugir a pouca distância as tempestades que iam agitar e devorar-me os annos mais bellos da vida... Não tenho saudades dess'outros dias. Não tenho. Deixa-los ir. E' pelos meus ricos dias sanctos de então, que eu sempre hei de chorar,

Ainda hoje ha um individuo, que exerce singular predomínio sobre mim, e ignora-o. E' o sineiro da minha meio-rural, meio-urbana paróchia. Na escala das reputações de sinos os da minha freguezia occupam logar modesto, e todavia, quando repicam antes da missa do dia, sinto passar em volta de mim uma como aura fugitiva dos dias sanctos da meninice, e o sol illumina-se da luz daquelle tempo. O repique, por estes sitios,

é ainda patriótico e tenaz; ainda não o perverteu a peste da civilização. Nem as cantigas populares, nem as harmonias do theatro se atreveram a pôr pé sacrilego nos degraus do campanário. Abençoado sineiro, que me parece has-de morrer abraçado com as tradições do teu antecessor. Oxalá que se eu te sobreviver, tenhas um herdeiro digno de ti! Mal sabes tu, quando no teu ardôr de artista te penduras por essas cordas, e as fazes vibrar, saltando de um a outro lado, banhando-te numa catadupa de sons estrugidores, que se despenham sobre ti, jorram pelas sineiras, e vão enovelados esmorecer por esses ares; mal sabes tu, que, a certa distância, no alto da montanha, alguém larga o livro, a penna, as idéas, e fica abstracto e immovel a aspirar as harmonias que lhe mandas frouxas, sacrosantas, ricas de saudades da infância! Mal sabes tu quantas cogitações profundas, quantas dôres do espírito tens suspendido com essas divinas toadas. Oh, que se me podesses restituir a capella, e o velho arrabido, e a sua missa, e as suas histórias, e o murmúrio que tinham outr'ora as pequenas biccas a correr nos pequenos tanques, e a sombra que davam as nogueiras, e a melancolia do sol posto de ha vinte annos; se tal podesses!... Eu sei!? Caindo adorar-te-ia, fosses Deus ou Satanaz.

Ai, não podes; não podes! Isso tudo sumiu-se. Hoje sou cidadão, jurado, eleitor, homem de letras: podia ser commendador, conselheiro, governador-civil, deputado, ministro, se navegassem por esse rumo as minhas ambições, e Deus me houvesse concedido ser um nadinha mais parvo.

Vida positiva, realidade do mundo, se tu fosses uma realidade tangivel, uma realidade que sentisse, uma realidade real, quizera ver-te jazer ante a mim, para te por um pé sobre os peitos e calcar-te e cuspir-te nas faces! Só isto me consolava das saudades dos dias sanctos infantis e deste viver miseravelmente desbotado.

Leitor, que tens tu com isso, comigo, ou com o meu spleen? Prometti contar-te uma velha história. Bôa ou má, queres ouvi-la, e não uma autobiographia intima. Vou obedecer-te. Escusas de gritar mais: "Avante, narrador!"

Era, pois, o dia da procissão de Corpus.

As ruas por onde esta havia de passar estavam desde a véspera varridas, e cobertas de junco e espadanas. Saíndo da cathedral e transpondo a porta de ferro, aberta no muro antigo

de D. Diniz, descia-se ao longo deste para o lado da praia pelas Fangas, e dobrando á direita, entrava-se na magnifica Rua-Nova, tão célebre pelo seu commércio e pelo grandioso dos seus edificios. Na extremidade desta, voltando em ángulo recto á direita, prolongava-se outra rua que, costeando o monte de S. Francisco, vinha desembocar n'outras, que se prolongavam com ella até um terreiro d'onde rompia para o noroeste e norte os dous valles de Valverde e da Mouraria, cortados quasi de nascente a poente pela nova muralha d'el-rei D. Fernando. O terreiro, que se poderia comparar ao eixo de um compasso aberto, cujas pernas fossem os dous valles, chamava-se ainda Valverde, abrangendo o terreno da praça que depois se denominou o *Rocio*, quando esta palavra deixou de ser a designação absolutamente genérica de quaesquer terrenos communs, ou logradouros dos concelhos; e as ruas que ligavam este recinto com a extremidade occidental da Rua-Nova, costeando as alturas do Carmo e de S. Francisco vieram a ser origem da célebre rua do Ouro. Na immediata Rua-Nova, dous annos depois da conjunctura em que sobrevieram os successos contidos nesta narrativa, começaram a ajunctar-se os artifices de metaes preciosos; porque foi então que o concelho ordenou o arruamento dos mesteiraes, cujos grémios constituíam os *mestéres*. Para o nascente da Rua-Nova d'El-rei, nome com que esta parece foi designada, ao menos no século seguinte, e das outras que seguiam na mesma linha até Valverde, ficava uma inextricavel meada de ruas, travessas, viellas e becos, semelhantes ás que ainda hoje constituem o bairro do Alfama, e cuja planta fôra difficil traçar depois que por cima desse labyrintho passou o suão mirrador do terremoto e o espirito perpendicular, amplo e rectangular do marquez de Pombal. Ao oriente deste macisso, que occupa o fundo do valle estendido entre a primitiva cidade mourisca e o monte dos Martyres, dilatava-se das raizes da alcaçova até a Magdalena a rua de Santa Justa, encostada mais ou menos ao exterior do lanço da muralha de D. Diniz, que corria da Porta do Ferro para o norte. Era ao redor deste macisso que a procissão de Corpus, a grande solemnidade popular de Lisbôa e de todas as cidades e villas notaveis do reino, se movia lentamente, colleando semelhante a desconforme serpente, que tentasse esmagar o arrabalde; porque, no desenvolvimento da sua complicada estructura, ainda tinha a cauda embebida na Rua-Nova, quando já as fórmulas singulares da fronte

se adiantavam, como um sonho de pesadello ou uma scena de phantasmagoria, ao redor de Valverde, caminho da cathedral.

Para assistir a este maravilhoso espectáculo, a este drama litúrgico, amontoavam-se desde o romper d'alva, não só os moradôres de todos os bairros da cidade, mas tambem os das aldeias e villas que demoravam por algumas léguas em volta. Excepção da regra geral eram unicamente os judeus e mouros, cujos traços especiaes os faziam distinguir da outra gente, e lhes poderiam acarretar neste dia insultos, violências, e até risco de vida no meio da gentalha feroz, se ousassem aproximar-se daquelle extenso theatro, na conjunctura em que a devoção do povo subia naturalmente até o gráu de fanatismo pela ebriedade do enthusiasmo.

Nenhum sitio em todo o trânsito da procissão era tão adaptado para conter avultado concurso de espectadores, como Valverde e a Rua-Nova. O primeiro, muito mais vasto que o actual Rocio, posto que irregular, só era limitado do sudeste pela freguezia de Santa Justa, do norte pelo convento dos dominicanos, edificado no ángulo do delta, que resultava da conjuncção da Mouraria e Valverde, e do occidente pelo bairro da Pedreira. No cimo do cerro que campeava sobre o valle via-se já meio-demolido, para se edificar o convento do Carmo, o palácio da nobre familia dos almirantes Peçanhas, cujo último representante fôra victima da cólera popular, na revolução de 1384. O bairro da Pedreira ou do Almirante, coutado por pertencer aos chefes daquella célebre linhagem, era um objecto de terror e de ódio para o concelho de Lisbôa, por se um covil de malfetores, onde as justiças municipaes não podiam penetrar. Na verdade D. Fernando descoutára esse bairro; mas D. João I, indulgente sempre com os crimes politicos, ainda daquellas familias que menos affeiçoadas lhe ficaram sendo, restituiria á dos Peçanhas os antigos previlégios. Além da vastidão da praça de Valverde, patente a todos, a encosta íngreme da pedreira offerencia aos seus moradôres uma espécie de amphitheatro para gosarem mais ou menos distinctamente as scenas transitórias da procissão sem saírem de casa.

Se as dimensões da Rua-Nova não eram, absolutamente fallando, tão amplas como as da praça, podia-se dizer que essa rua era um theatro mais apropriado á mobilidade do espectáculo. Nenhuma outra soffria comparação com ella na largura, porque tinha mais de trinta palmos, largura fabulosa numa cidade

onde se diriam nobres e anchas as que tivessem mais de oito ou dez. Assim a multidão podia dilatar-se alli em duas alas profundas, mas sempre vizinhas das variadas representações, que não tardariam a passar enfileiradas umas após outras. A'quelle arrazoado espaço se ajunctava a série de suportaes ou atrios onde o povo trepando ás bases dos pilares que formavam as arcarias lateraes, abraçando-se com estes, descendo e tornando a subir, se assemelhava a uma nuvem de formigas, ora a cima, ora abaixo nos troncos de um pecegueiro, e fervendo nos seus renovos, cújas folhas se encrespam irritadas pela impertinência das hóspedes. Por estas vantagens que a Rua-Nova offerencia, era nella que se apinhava a força do concurso da procissão.

Em todos os gnomons de Lisbôa a sombra angular da agulha de ferro passava já o ponto do meio-dia, e ainda o movel drama não rompia da profunda portada da cathedral. Alguns vereadores e os mestéres e officiaes da câmara a quem não tocava acompanhar o préstito, encostados aos balcões do paço municipal, situado á direita do terreiro da sé, *no ar*, ou, como hoje diriamos, no andar superior da igreja da Santo António, sancto famoso, que segundo a tradição nascêra no pavimento térreo da sala do concelho, pareciam disputar vivamente com dous personagens, cidadãos pelo trajo, um roliço, baixo, rosado, jovial, outro alto, cadavérico, rachítico, grave e melanchólico. Eram os procuradores de Lisbôa nas últimas côrtes, cujos tempestuosos debates entre a nobresa e os populares tinham cesado, havia apenas tres ou quatro dias, com as respostas definitivas d'el-rei aos capítulos geraes e especiaes dos concelhos, e aos que por sua parte a fidalguia apresentára.

Se os magistrados, mestres e officiaes do concelho disputavam com os seus procuradores não era por quaesquer bagatellas, mas por causa de matérias sólidas e macissas como o figurão baixo e roliço, graves e melanchólicas como o esguio e cadavérico, os quaes um ao pé do outro podiam ter inspirado a invenção do ponto e virgula. Tratava-se do resultado das últimas côrtes.

“Mestre Antão,”—dizia colérico o ponto a um esparteiro, rolho e pequeno como elle, eleito almotacér nesse anno—, “fallaes doutiva. Isso é fallar do povo. Peitas de fidalgos! Pois não se descoutaram os termos de todos os concelhos? Não ficam os alcaides obrigados ás guardas, roldas e sobreroldas dos castellos, e ...

“E quem o nega, Peraffonso Sardinha?”—interrompeu mestre Antão.—Os capitulos geraes provaram-se bem contra os fidalgos, e bem os despachou el-rei; mas os que deviam apresentar-se? E os especiaes? Os de Lisbôa, por exemplo? Nem palavra sobre estas compras e vendas miudas dos mercantes forasteiros, sobre o que se havia requerido já a sua mercê.”

“Então”—ouviu a virgula com voz cavernosa e cansada—accusae-nos a nós próprios de...

“De nada, Lourenço Martins, de nada. O povo é que falla e se queixa...”

“Deixal-o fallar e queixar:—” proseguiu Lourenço Martins.—“Tinhámos promettido fazer arruido e assuada em S. Domingos, e quando viram alevantarem-se os cavalleiros, e injuriarem e ameaçarem os procuradores dos concelhos de Portugal, não houve uma voz popular que bradasse lá do corpo da igreja e cobrisse o vozeirão do prior do Hospital, ou que nos animasse contra a sanha bruta do das Galés, que escumava e parecia um diabo incarnado. E o povo, moita! Estavam lá enfiados de medo, e agora alevantam-se contra nós; porque deixamos algumas cousas para mais tarde, conforme o concelho do chanceller...”

“Ahi é que me aperta o sapato:”—disse do lado, em tom de oráculo, o mester Esteveannes, sapateiro o mais rico de Lisbôa, e portanto membro da aristocracia burgueza, homem de ordem, circunspecto, e que não se deixava arrastar pelas paixões populares.—“Para que havemos de andar d’aqui para acolá? Quem governa governa. Deixae vós lá o chanceller, que elle bem sabe o que faz, e é um grande homem e amigo do povo, e ha-de dar cabo destas tyrannias e oppressões dos fidalgos. Tendes razão, senhor Lourenço Martins: tendes razão! Deixem gritar a arraia miuda. Quem lhe deu direito de andar a grunhir por essas praças e bodegas que as cousas vão mal; que não se fez isto, que não se resolveu aquillo? Se nós os cidadãos estamos contentes, que têm com a governança e regimento da república esses ganhapães, que mantemos em nossas officinas, e que só devem cuidar em merecer o salário que lhe damos? Não fazem favor de me explicar ahi aos regatões do Pelourinho, aos atafoneiros das Fangas, ou aos carneiros do Matadouro, porque se tiram ou põe os regimentos, as leis e as posturas? Não sei o que diga, mestre Antão, quando

vos ouço fallar como a relé mais pífia. Não sei o que diga nem o que pense de vós.”

O auctorizado voto do sapateiro ricaço ferminou a questão. Mestre Esteveannes era um parcella rudimental dessa classe média, que se ia organisando no meio das transformações sociaes da idade média, classe cujos caractéres appareciam já no modo de pensar do honrado mester—a má vontade para tudo quanto o berço ou a fortuna poz acima della, e um orgulho tyrânico para com as camadas inferiores do povo, d'entre as quaes foi surgindo;—classe egoista e oppressôra como a que substituiu em influêcia e riqueza, e peor do que ella na hypocrisia, tendo na bôca a liberdade, a moral, a justiça, e no coração o desprezo do pobre e humilde, a cubiça insaciavel, a vaidade e a corrupção; classe, emfim, ácerca da qual a história terá no porvir de lavrar uma sentença ainda mais severa, do que ess'outra que já pesa sobre a memória dos ferozes e dissolutos barões e cavalleiros dos séculos da barbaridade.

Se, porém, quanto ás doutrinas a linguagem do mester não era excessivamente orthodoxa, era, quanto aos factos, de extrema exacção. No meio das paixões que agitavam os espiritos nos meados de 1389 estava, como a aranha no centro da sua teia, o sancto-homem de João das Regras, que empregava a lucta de interesses oppostos em realisar os seus planos. Para converter em proveito da corôa aquella espécie de febre excitada pelas assembléas politicas da nação, era preciso que os concelhos nunca obtivessem uma victória absoluta, e que do complexo dos actos que iam ferir as classes privilegiadas resultasse o conservar-se viva e ardente a mútua malevolência de burguezes e nobres, mas apparecendo sempre como árbitro e moderadôr entre uns e outros o poder do sceptro. Durante os dias que mediaram desde as scenas descriptas no capítulo antecedente até a reunião solemne de parlamento em S. Domingos o velho doutor de Pisa desenvolvera todos os recursos da sua destresa e actividade. Conhecedor das mais secretas intrigas dos fidalgos pela delação do abbade, João das Regras semeára habilmente rivalidades entre uns, suspeitas entre outros, lisongeára o orgulho dos audazes, aterrára os timidos, não poupára mercês para os ambiciosos, e ao mesmo mesmo tempo aproveitára o menor dicto, o menor gesto, que podia ter uma interpretação odiosa para irritar o ánimo d'el-rei que repugnava a ceder ás violentas pretensões do povo contra a nobresa, pre-

tensões que iam ferir muitos dos seus antigos companheiros de glória. Por outra parte, refreando as idéas immoderadas dos procuradores, persuadia-os de que só avançando lentamente os concelhos alcançariam, enfim, libertar-se das oppressões dos poderosos. O condestavel, que era o adversário mais de recear, e alguns barões demasiado turbulentos foram retidos nas províncias com diversos pretextos, que a próxima renovação da guerra proporcionava. Finalmente as duzentas mil libras de micer Percival applicadas ao pagamento de soldados e quantias acalmaram até certo ponto a indignação do commum dos cavalleiros. Os esforços do velho ministro foram coroados de feliz resultado; e a tempestade que se preparava limitou-se a um vão ruído na assembléa de S. Domingos, ás inúteis declamações e invectivas do prior do Hospital, de João Rodrigues de Sá, do conde de Cea, e de alguns outros, cuja violéncia de character não fôra possível dobrar, ou cuja previsão do futuro não era facil illudir, e que ainda tentavam salvar, posto que sem muita esperanza, o edificio já vacillante da aristocracia.

A linguagem de João das Regras para com o seu illustre amigo o prelado de Alcobaça não fôra sincera quanto a Fernando Affonso. Posto que cordialmente detestasse este por se haver unido ao bando dos fidalgos, e ainda mais pelo ciume vidrento de valido, ciume inexoravel, ou antes malevoléncia corrosiva e immorredoura, o parentesco de um dos mais importantes conselheiros da corôa e a protecção do arcebispo de Braga eram considerações que militavam a favor do moço escudeiro. Via por outra parte o perigo de faltar ás promessas feitas, talvez imprudentemente, ao chefe dos monges brancos. Actuado por sentimentos appostos, reflectira que, ganhando tempo, poderia aproveitar quaesquer occurrências para facilitar a vingança de D. João d'Ornellas sem compromettimentos próprios, e evitára a difficuldade inculcando a sua hesitação como um cálculo de prudéncia. Mas se nisto o chanceller fizéra uma reserva mental, não dissimulára a verdade na importante nova que por intervenção do abbade enviára aos impacientes procuradores. De feito, a final annuência d'elrei a que elle redigisse as respostas aos capítulos, e removesse as resistências da nobresa como lhe aprouvesse, era uma verdadeira victória.

O triumpho, todavia, do omnipotente válido não fôra só um resultado da sua astúcia. A lucta da nobresa para

defender a própria existência como corpo politico, lucta de que tivemos de apresentar algumas scenas aos olhos do leitor, para lhe pintar a vida intima de uma épcha só geralmente conhecida no seu aspecto guerreiro, e na sua vida exterior, offerece durante um longo decurso de annos, o espectáculo de continuos desbaratos dessa casta, que pelas riquezas, pelo número, pelo valor, e pelas memórias do passado, parecia dever assombrar perpetuamente o throno, e conservar as classes inferiores na servidão. Este phenómeno, que terminou pela ruina completa da nobresa no reinado de D. João II, singular ao primeiro aspecto, tem explicação facil. Era uma necessidade para o progresso da civilisação; resultava do modo de ser da sociedade. João das Regras não fazia mais do que ordenar melhor o combate, defini-lo mais claramente e apressar o seu desfecho. N'outra qualquer época, o discípulo de Bartholo não se distinguiria, talvez, na série dos ministros e privados, que, pelo menos desde o reinado de D. Diniz, combateram a quasi independencia dos orgulhosos barões do reino, e que por isso favoreceram a emancipação do povo. Eram, em grande parte, as circumstâncias, que punham agora em relevo o génio inquestionavelmente superior do chancheller, e que lhe deram na história um alto logar entre os estadistas eminentes. Posto que pareça escusado dilatarmo-nos sobre tal objecto, não cremos que o leitor desaprove o darmos-lhe em breves palavras uma idéa dessas circumstâncias, que aliás têm relação com o remate, e ainda mais estreitamente com o titulo deste livro.



INGRATIDÃO

Era uma vez um moleiro
Que estava no seu moinho. . .

Começando seu caminho,
Vinha na serra Janeiro
Com longo acompanhamento
De sombra, de neve e vento,
Para honrar (se bem me lembro)
Despedidas, bota-fóra
Do velho e pobre Dezembro.

Inda estavam,—a tal hora!
Ao borrarho da lareira
Moleiro e mais a moleira,
Depois de bem consoados,
Bem fartos e regalados. . .
Que minguas, lá no casal,

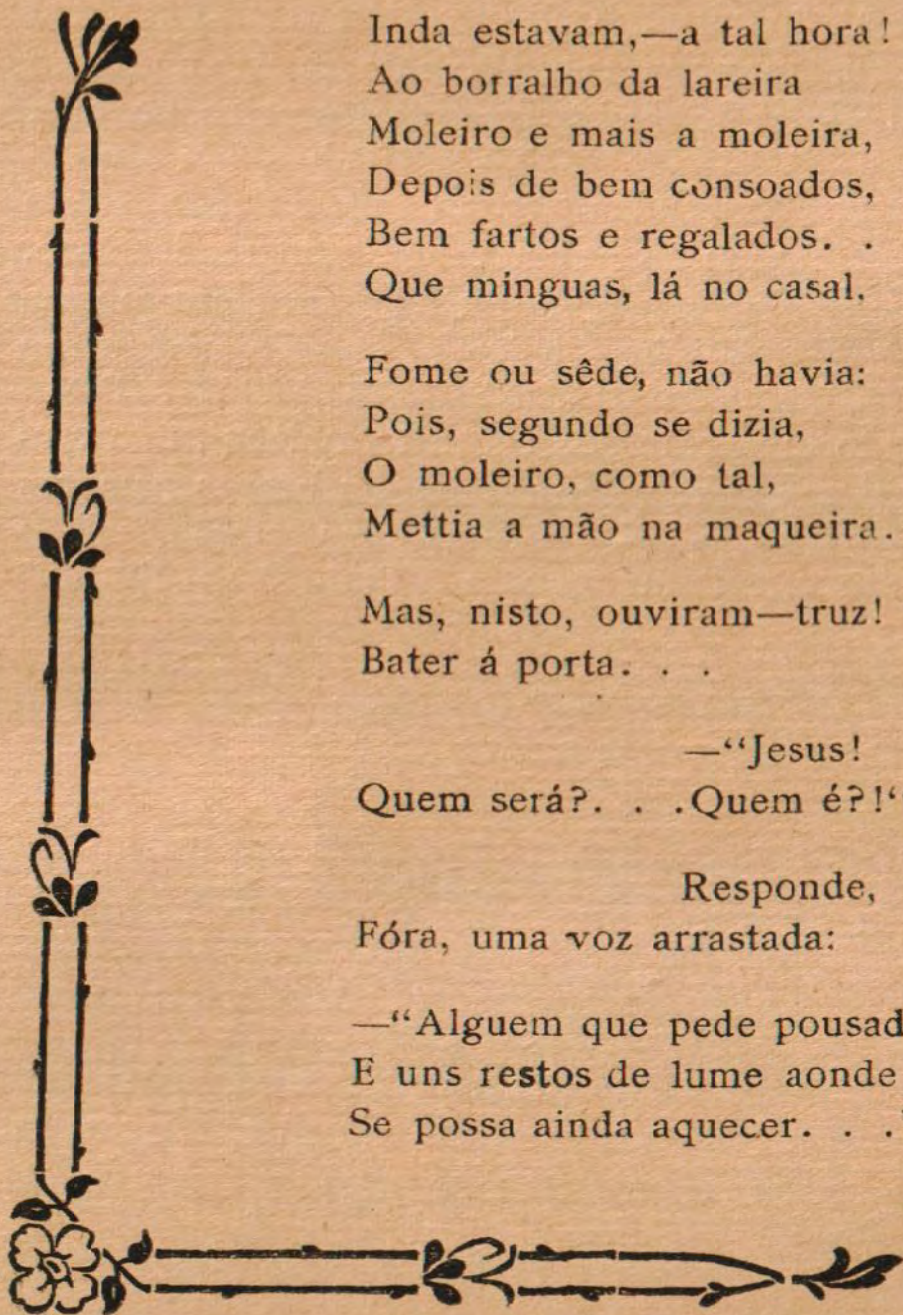
Fome ou sêde, não havia:
Pois, segundo se dizia,
O moleiro, como tal,
Mettia a mão na maqueira. . .

Mas, nisto, ouviram—truz! truz!
Bater á porta. . .

—“Jesus!
Quem será?. . . Quem é?!“—

Responde,
Fóra, uma voz arrastada:

—“Alguem que pede pousada,
E uns restos de lume aonde
Se possa ainda aquecer. . .”—



Torna, soberbo, o moleiro:

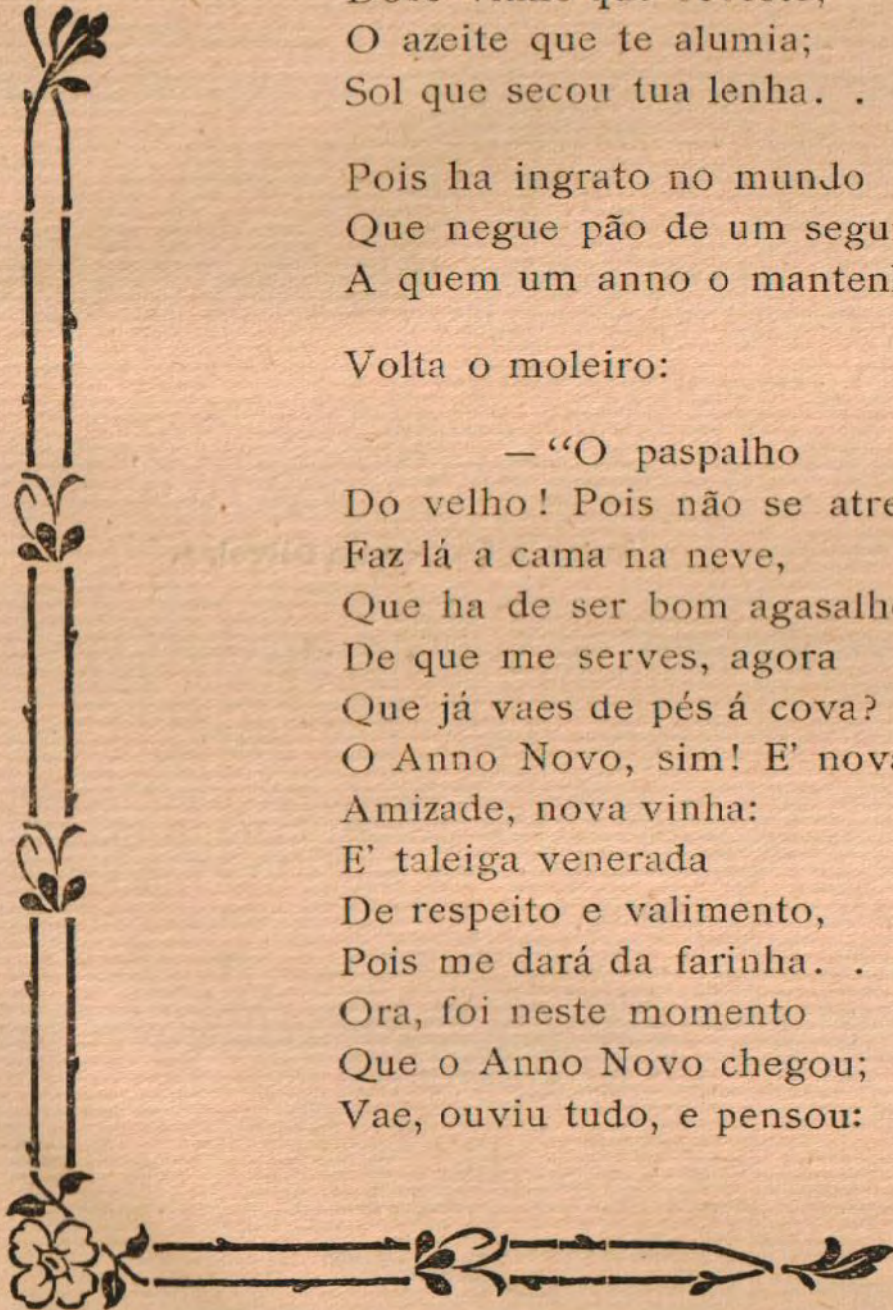
“Andar! Andar! caminheiro.
Esmola?. . . Não póde ser!”
Diz a voz:

—“Não me conheces,
De certo! Se conhecesses. . .
Sou o Anno Velho: Eu sôu
Quem para ti foi tão bom
Que tudo o que te fartou
Por minha graça e meu dom
O lograste dia a dia:
Alvo pão que tu comeste;
Doce vinho que bebeste;
O azeite que te alumia;
Sol que secou tua lenha. . .

Pois ha ingrato no mundo
Que negue pão de um segundo
A quem um anno o mantenha?!”

Volta o moleiro:

—“O paspalho
Do velho! Pois não se atreve?
Faz lá a cama na neve,
Que ha de ser bom agasalho!
De que me serves, agora
Que já vaes de pés á cova?
O Anno Novo, sim! E' nova
Amizade, nova vinha:
E' taleiga venerada
De respeito e valimento,
Pois me dará da farinha. . .”—
Ora, foi neste momento
Que o Anno Novo chegou;
Vae, ouviu tudo, e pensou:



—“Olha o coração ruim!
Alma damnada! O mofino!
De aqui a um anno, p’lo visto,
Fazia-me o mesmo a mim. . .
Espera! que eu já te ensino:
Has de pagal-as”—

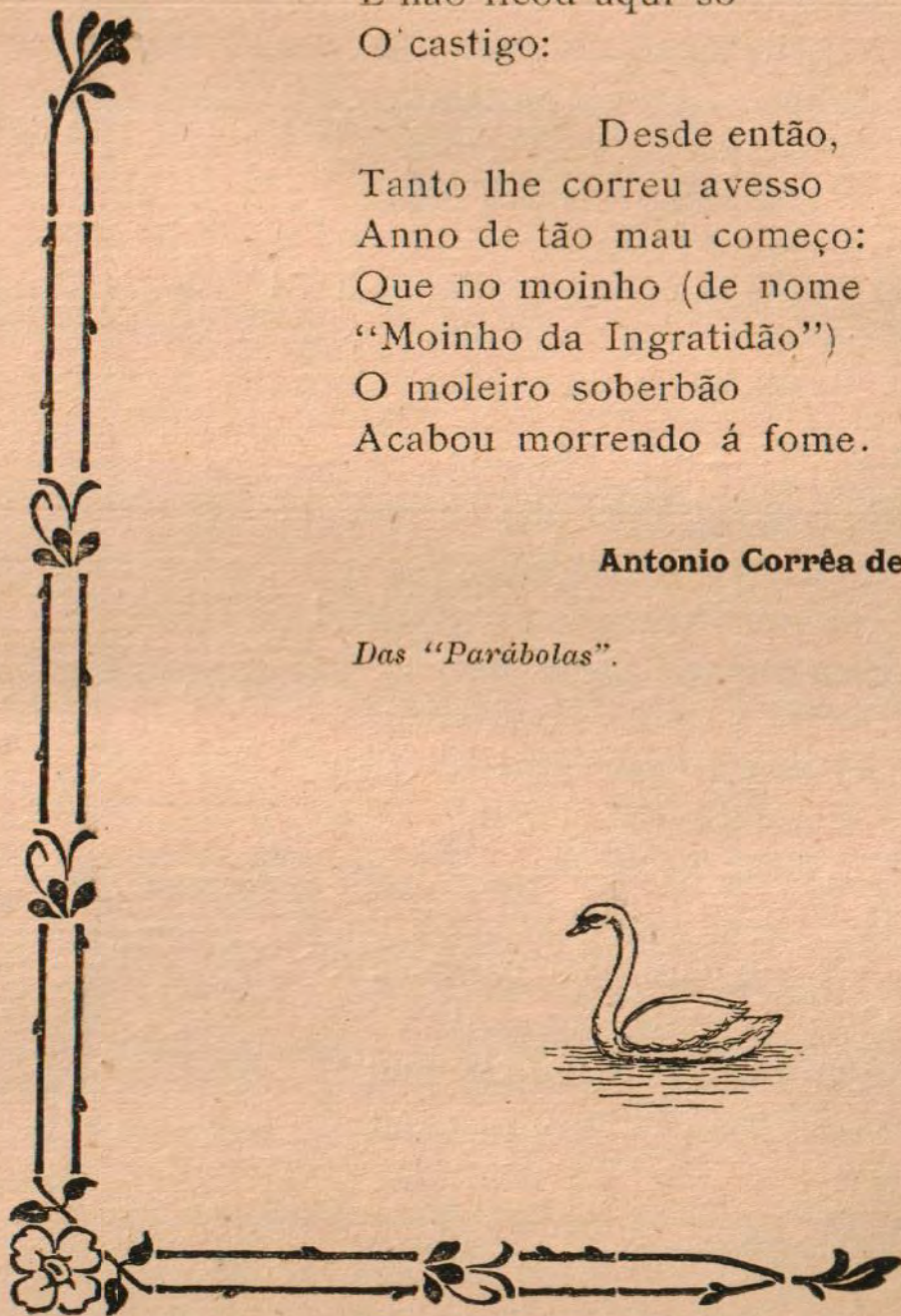
E nisto,
Põe-se a chover! a chover!
Começa o rio a crescer;
A crescer de tal feitio,
Que logo ao moinho, o rio
Levou o rodizio e a mó!

E não ficou aqui só
O castigo:

Desde então,
Tanto lhe correu avesso
Anno de tão mau começo:
Que no moinho (de nome
“Moinho da Ingratidão”)
O moleiro soberbão
Acabou morrendo á fome. . .

Antonio Corrêa de Oliveira.

Das “Parábolas”.



Notas sobre grammatica e philologia

Ainda o caso da proposição composta

No numero 9 da excellente Revista do Ensino encontrei uma *Contestação de alguns suppostos quindus grammaticas do Snr. Theodoro Rodrigues*.

Esta contestação é feita pela respeitabilissima Sr.^a D. Maria Tereza, que eu não tenho a honra de conhecer

Estranhei sobremodo esta assignatura de *Maria Thereza*. Os bons mestres da lingua portugueza escrevem *Tereza* sem *h* e provam que assim é que se escreve, porque *Tereza* vem do castelhano *Tareja*, que deu a fórma popular *Tareza*, e a erudita *Tereza*. Mas não discuto sobre isto, porque as mulheres são demaziadamente caprichozas...

Deixando de parte este ligeiro incidente, vou tratar dos pontos principaes da *Contestação*.

A veneravel Sr.^a D. Maria Tereza espanta-se de eu defender a tórma *fazer que*, declarando que *fazer com que* é usada pelos classicos, e que, no caso, ha o emprego de uma elipse que se resolve deste modo: *fazer de modo com que*. Manda-me ler Ruy Barbosa e Heraclito Graça. Muito obrigado, excellencia: eu já os conheço de sobra.

A solução dada pela Sr.^a D. Maria Tereza nada me adiantou. O verbo *fazer* ficou sem a sua significação de transitivo directo, e eu muito desejava que a illustre Sr.^a D. Maria Tereza me dêsse o objecto directo desse verbo no seguinte caso: *A falla de vento fez de modo com que muitas embarcações ficassem por largo tempo immoveis nas aguas tranquilladas da bahia*. Não há objecto directo, como facilmente se verifica. A' vista disto a conspicua Sr.^a D. Maria Tereza fica lá com os seus *fazer com que*, *cumpriu com o seu dever* e outras coisas mais, que eu vou muito bem com as fórmas *fazer que*, *cumprir o seu dever*, etc.

E para terminar este primeiro cavaco, peço permissão para transcrever a frase incombatiavel de Gonçalves Viana, o grande e talvez o maior dos filologos portuguezes. Ahi vai:

Ao depois o desejo de obterem mulher FEZ QUE se aventurassem áquella viagem (18 leguas), e verificaram que os habitantes desta ultima estavam nas mesmas circumstancias ou ainda piores.

(A. J. Gonçalves Viana—*Palestras Filologicas*—Pagina 165, edição de 1910).

Diz a veneranda Sr.^a que os directores da nossa lingua devem recolher do povo as suas expressões, corrigi-las e dar-lhes fóros de cidades.

Muito bem. O povo usa da fórma *fazer com que*, e cumpre aos *directores da lingua corrigi-la e dar-lhe fóros de cidade.*

No exemplo de Verissimo Vieira: *Este livro é o premio que alcançaste hontem, quando fizeste exame* há incontestavelmente uma proposição complexa ou ampliada, apesar da divergencia insustentavel da doutrina da Sr.^a D. Maria Tereza, porque *proposição complexa é a que se fórma de principal e subordinada ou subordinadas.*

A muito digna Sra. D. Maria Tereza fez-me uma injustiça clamorosa, dizendo que eu tinha apresentado uma proposição *composta complexa*. Eu não disse isso, porque não defendo absurdos. O que eu disse foi que no exemplo do Sr. Vieira havia uma proposição composta de duas coordenadas asyndeticas complexas, porque a proposição composta—o que me parece racional—é a que se fórma de proposição simples constituida sómente pela oração principal, ou de proposições complexas, cuja definição já foi dada. A illustrada Sra. verificará este caso no original que enviei á *Revista do Ensino*.

Já vai longo este cavaco, mas eu peço de novo permissão para dizer á veneravel Sr.^a *que não como, porque vejo outro comer, nem bebo, porque vejo outro beber*. Como deve saber, os classicos têm dentro dos seus livros páu para toda obra. Elles tambem erram, porque estão sujeitos áquelle celebre preceito latino. Quando elles erram e não querem dar o braço a torcer, inventam-se uns tantos tropos, umas tantas figuras de syntaxe que lhes venham justificar os descuidos. Isso não quer dizer, entretanto, que eu reconheça um erro e persista nelle, ou que eu me atire de uma torre de cabeça para baixo, porque um mestre mandou, ou que a respeitabilissima Snr.^a D. Maria Tereza se case com um cidadão rotineiro, rabujento e tomador de rapé. Quem estuda, quem faz a cultura séria da lingua que fala

não aceita incondicionalmente o facto linguistico que lhe é apresentado. Examina-o, critica-o, submete-o aos processos da analyse e, se a analyse não o resolver, fica elle considerado uma *anomalia grammatical*, ou uma *frase feita*.

O caso do *fazer com que* não é uma anomalia nem uma frase feita, porque tem uma solução precisa.

E nada mais digo nem pretendo dizer, apresentando os meus respeitos á muito illustre Sra. D. Maria Tereza.

Mandus—6—912

Teodoro Rodrigues.



A LINGUA PORTUGUÊSA

REGÍMEN,—REGIME,—REGIMEM

Do professor Ferreira dos Santos, conhecido educacionista, e nosso distincto collaborador, inseriremos, no próximo número, e com o titulo acima, interessantes reflexões suggeridas pelo brilhante artigo publicado na Revista pelo sabio romanista sr. dr. A. R. Gonçalves Viana, sobre o mesmo assumpto.

Esse trabalho obedecerá ao seguinte summário:

I Ha vocabulos portuguezes terminados pelas consonancias apicaes *t, d, né?*

II Em portuguez o *n* post-vocalico, não seguido de consonancia explosiva, representa consonancia, ou é mero signal da nasalidade da voz que o precede?

III Dever-se-á pronunciar segundo a prosodia convencional com que lemos latim, um vocábulo adaptado ha séculos ao nosso idioma e tão identificado com elle que até deslocou a sua accentuação latina, passando de esdrúxulo a grave?

IV A predominar na graphia o systema phonético, que prosodia servirá de padrão? a de Portugal? a do Brasil? a dos doutos? a popular?

V Será coerente com as doutrinas dos orthographos phoneticistas eliminarem-se, na graphia de um vocábulo, letras que representam sons?

VI Dos pluraes anómalos *adunanes, canones*, poder-se-á deduzir uma regra geral, que abranja todos os vocábulos terminados em *n*, como *afan, iman, regimen?*

UMA CARTA

DE GOELHO NETTO

Meu illustre confrade Sr. Fléxa Ribeiro.

Venho agradecer lhe o livro sobre o Filho e á gentileza do seu coração a página carinhosa do ultimo número da "Revista do Ensino" na qual, generosamente, apreciou o pouco que, com a penna, hei feito pelas crianças. E' tão difficil escrever para os pequeninos! Elles estão para nós como Gulliver para os de Brobdignat e, entre os gigantes, Glumcalklitch era excepção miniosa. Agora no outono, com os primeiros frios, sentado á beira do lar, ouvindo o riso da minha prole, numerosa como as hyadas, penso, com remorso, no que poderia ter feito, coisas uteis que fossem para as crianças como fructos sãos, substanciosos e doces, fructos, não direi da Arvore da Sciência, que é alta e frondosa, mas dum arbusto tenro, a que ellas podessem chegar, sem esforço, com a intelligencia e onde aproveitassem noções, que seriam a summa de taes fructos. Preferi compor novellas e romances e só com aparas fiz livros infantis. Certa vez, em visita, ouvi uma senhora lastimar-se. Queixava-se a pobre de não ter forças para amamentar o filho e dizia: «Não imagina como soffro quando vejo meu filho ao collo da ama, criado por ella, preferindo-a a mim, que sou sua mãe». Eu tambem, quando encontro algum dos meus petizes interessado na leitura dum volume de histórias... tenho ciumes do autor. Enfim... outros ha mais

infelizes do que eu porque, uma noite—estava, então, enfermo, de cama—juntaram-se os pequenos no meu quarto, e um delles, o que mais cuidados me dá, por ser o de imaginação mais árdega (genitura sombria num paiz como o nosso) poz-se a contar aos irmãos uma historia de montanha, com pastores, terras seccãs, misérias, morte d'ovelhas. . . De repente o coração bateu-me em sobresalto. Soergui-me, attento encarei o narrador—e os olhos iam-se-me enchendo d'agua. E' que a história era. . . A gotta d'agua e as nuvens, que lá vem nos Apólogos. Que alegria orgulhosa! Confesso-lhe, meu amigo, que não trocaria aquella hora de intimidade meiga, pela mais deslumbrante apothese. Ao fim do raconto, attra-hindo o pequeno, interroguei-o:— Onde aprendeste esta história?— No collégio. E' bonita, não é?— E' linda! E cahe o segredo. Mas o mais velho, que conhece os Apólogos, declarou superiormente:— Essa história é de papai.—E' tua? perguntaram as crianças em côro, fitando-me com os olhinhos maravilhados — E'! affirmei. E foí a primeira vez que me senti admirado por um público sincero e pareceu-me até que o beijo com que, nessa noite, os pequenos se despediram de mim trazia alguma coisa mais alem do amoroso respeito, trazia a veneração que elles põem no beijo com que agradecem ao Criador a ventura da vida. Que melhor prêmio para um escritor!? Enfim. . . sempre fiz algo e mais faria, meu amigo, se o tempo não fosse tão escasso e a saúde tão fragil. Disponha fraternalmente, do

seu muito grato admirador.

A GOTTA D'AGUA E AS NUVENS.

Os pastores mais velhos juravam não haver, em memória d'homem, lembrança de tão rigorosos sóes, queimando aquelles fertes lugares, como os do abrasado verão que passava, lento e suffocante.

De tantos rebanhos que pasciam nas achadas e pelos verdes recóscavos alegrando, com as suas vozes, o agreste silêncio, poucas ovelhas restavam, essas mesmas entresilhadas, balando tristemente no fundo das grotas seccas.

Mantendo-se o ceu sempre azul, sumindo-se, chupados pela terra, os derradeiros fios d'agua, quasi todos os zagaios abandonaram as pasturas montesinas descendo á planície com o fato dizimado.

Na serra ficaram apenas dois moços resitando ao flagello, esperando que se rompessem as nuvens que atravessavam o ceu, rolando alem dos cimos remotos.

Um dos moços, preguiçoso e desanimado, depois dum dia de penoso andar por fraguedos e balsas, á cata de fonte ou arroio, tornou ao seu tugúrio descorçoado e, sem pensar no rebanho que ia, aos pouco, ficando reduzido, resolveu entregar-se á Providencia, certo de que ella o havia de socorrer.

O outro, mais activo e corajoso, metteu-se ao matto, invadiu as cavernas, desceu a grotões a ver se encontrava um broto d'agua a saltar da terra ou toalha espumante a algar pènedo porque não lhe parecia possível que aquellas rochas, sempre tão copiosamente lavados seccassem dum momento para outro.

Ao cabo de muita fadiga viu um escasso lacrimal instillando de alto-roso alcantil e, partiu a levar a notícia ao companheiro.

Encontrou-o deitado á sombra, lamentando a sua miséria e, em torno delle, os magros animaes esfalfados, ávidos, balião baixinho como em queixa triste.

Sem conter a alegria deu parte da sua fortuna, descrevendo o sítio acceitoso e fresco em que encontrára água.

—Rio ou fonte? perguntou o lerdo pastor.

—Nem rio nem fonte: é uma lágrima lenta que pinga da pedra.

Pareceu ao outro tão minguada a razão que nem se quiz fatigar descendo ao sítio sombrio.

—Mana gotta a gotta o manancial que encontraste e que é isso para a sede dos animaes? Não será com gottas d'agua que hei de salvar o pouco que me ficou do rebanho. Se se tratasse de fonte ou córrego onde os pobresi-

nhos bebessem até á saciedade, eu desceria contigo supportando o sol que abrasa; mas por tão pouco não quero aggravar o soffrimento com o canção.

—Mas se houvesse fonte ou córrego nós não lamentariamos a inclemência do sol e a serra estaria animada como dantes, com todos os pastores nos seus ranchos e todos os pastos cobertos de gado. E' justamente por ser a época de tão apertada miséria que me alegro com o achado que fiz. Vem!

—Não, disse o outro; as nuvens ennegrecem e incham a mais e mais annunciando as desejadas chuvas. Com um só dia de aguaceiro as fontes rebentarão de novo e as águas desfilarão das rochas.

—E enquanto não chove?

O moço encolheu os hombros com indiferença.

Vendo que o não decidia, o outro partiu levando aos hombros duas urnas.

Logo que chegou ao alcantil procurou aproveitar as duas gottas que manavam das arestas da pedra e, vendo que cahiam nas urnas, lentamente, a espaços longos, sahiu a reunir o seu pequeno rebanho.

Os animaes, sem alegria, abatidos, estirovam-se na relva queimada, arquejando.

O ceu quente estava todo doirado e, por todo a serra, cantavam cigarras. As folhas seccas estalavam sobre os pés do pastor e subia de todos os pontos um cheiro acre e morno de rescaldo.

Pacientemente, vagarosamente foi o moço conduzindo ovelhas e borregos, guiando-os, por escolhidos caminhos fáceis, para o sitio amavel e, quando lá chegou, antes mesmo de procurar um ponto resguardado onde se agasalhassem, correu a ver as urnas e descobriu no fundo d'ambas a água que subia e brilhava, tremendo com o insistente e vagaroso gottejar.

Anoiteceu com luar e o moço deitado na palha, sem somno, pensava em noites iguaes áquella, nos tempos ferteis, quando todos os pastores juntos discorriam, cantavam em torno de lumes, ouvindo o rolar das águas beneficiadoras.

E o companheiro? Elle, ao menos, buscara aquella gotta d'água, soubera descobri-la e ouvia-lhe o soído pousado, certo de que ao clarear da manhan, teria com que desedentar-se e ás ovelhas... E o outro? Lá estava á espera das nuvens que passavam no ceu, sombrias, levando água para outras regiões mais felizes.

Pastor e gado adormeceram.

Ao romper d'alva, com o canto jocundo dos passarinhos e o romor das brisas nas folhas, o moço, acordando e ouvindo o lépido ruido do estellecídio, correu ás urnas e achou-as quasi cheias.

Alegre, reunindo o pequenino rebanho e o rafeiro que o guardava, abeberou-os com a água d'uma das urnas e, aproveitando a da outra, regou

a terra no sítio em que pretendia ficar e logo sentiu a gratidão daservas desalteradas: como que acordaram do torpor estival em que jaziam respondendo, com o viçor, ao beneficio inesperado.

Tornaram as urnas ás gottas do alcantil e o rebanho. contente e reanimado, poz-se a correr no bosque catando as folhinhas tenras.

Passaram-se dias e dias. As nuvens não se desfaziam em chuva, a mais e mais aservas serranas mirravam esturricadas, mas o alcantil não negava o seu pouco e já o pastio reverdecia á volta do rancho de palha do moço activo e o rebanho e o cão refaziam-se saciados.

Lembrou-se, então, o moço do companheiro e subiu a ve-lo no tugúrio da serra.

Caminhando notava pelas trilhas a devastação da secca. Planaltos que seus olhos avistavam, planaltos outr'ora viçosos, eram pardos e arrasados taboleiros de ressequidos gravetos; os leitos dos córregos eram vallos pedregosos e longe, nas chans avelludadas, nem um filete d'água luzia.

Ao sahir numa clareira viu um esqueleto de ovelha, outro adiante, ainda outro; os corvos haviam-se fartado nos míseros animaes. Seguiu e, num fosso, descobriu o cão de pastoreio que o outro tanto estimava. E o dono? achou-o tambem.

Estava estendido, como morto, junto a uma árvore, os olhos semi-cerrados, a bôca entre-aberta. Ajoelhou-se e, tomando a borracha que levava o tiracollo, chegou-a aos lábios do desfallecido.

Logo que sentiu o fresco o desgraçado abriu os olhos e, fitando-os no companheiro, sorriu tristemente,

—E Deus! murmurou. E Deus que nos abandona! As nuvens passam todos os dias, carregadas d'água, passam devagar, como zombando do nosso soffrimento, e vão despejar longe, talvez no mar. Essa é, então, a misericórdia divina? Vi morrerem, uma a uma, todas as minhas ovelhas, hoje seria a minha vez se não viesses em meu soccorro. Achastes par ahi algures fonte o córrego... Eu bem sabia que nem todos haviam estancado. De mim não se compadeceu o Senhor. Tambem... quem sou eu para merecer a compaixão de Deus!?

—Não blasphemues, disse o pastor: se chegaste a tal extremo de ti sómente te debes queixar, que não procurastes remédio contra o flagello. Deus não quer inertes nem desalentados: o preguiçoso e o pusillánime são inuteis para o mundo e fracos perante Deus. Sem iniciativa e coragem, actividade e esforço, nada se consegue.

Eu, procurando, achei as gottas do alcantil e, perseverando pacientemente com ellas, salvei-me e salvei o que era meu e ainda revigorei as plantas quasi mortas e vim a tempo de chamar-te á vida.

Confiavas demasiadamente em Deus. Deitado e rezando delle esperavas

t do contando com as nuvens do espaço. Se houvesse imitado o meu exemplo não terias soffrido tanto. Eu aproveitei o pouco e, todas as noites, ajuntando as gottas, achava de manhan, com que abeberar o gado e regar o pasto; e tu, com os olhos nas nuvens carregadas d'água que passavam no ceu, ias acabando entre as ovelhas mortas de sêde.

Eu nunca confiei nas illusões: achei mais seguro o pouco do rochedo do que a abundância que, todos os dias, passava entre o sol e a terra.

As nuvens eram mais copiosas, não nego, mas estavam tão longe e é tão incerto desfazerem-se... e a gotta d'água pingava sempre da pedra enchendo as urnas.

Foi o teu mal, e é esse o mal de muitos: deixar o pequeno bem, que é certo, pelas illusões immensas que vagam na altura.

Dos "Apólogos".

Coelho Netto



CURIOSIDADES SCIENTIFICAS

Metamorphose dos animaes

Certos animaes só attingem ao estado perfeito, depois de haver passado por um dado número de formas *larvárias*, mais ou menos affastadas da forma materna. O estudo desses estados larvários successivos, ou metamorphoses, é dos mais interessantes, pois que, alem de nos tornar conhecidos os hábitos muito curiosos dos animaes, foi fecundíssimo em óptimos resultados quer quanto á classificação ou quanto á nomenclatura.

Relativamente á classificação, o conhecimento das phases por que passam certos animaes no curso de seu desenvolvimento, permittiu de reconstituir, com um gráu de absoluta certeza, o encadeiamento natural de certos grupos.

Batráchios.—Assim é, que os batráchios, por exemplo, podem ser considerados a justo título, como estabelecendo o traço de passagem dos Peixes aos Répteis. Realmente, do ovo da rã, nasce ao fim de pouco tempo, uma larva que muito se

assemelha a um peixe. Termina-se o corpo por um cauda que tem perfeita forma de barbatanas; volumosa, a cabeça é provida de guelras, aparelho respiratório que, é sabido, só se encontra nos peixes, na classe dos vertebrados. Breve, porém, os pulmões se desinvolem no interior do corpo do animal, apparecem as patas, sob a forma de cotos; pouco a pouco as guelras se atrophiam, e desaparecem, assim como a cauda; enfim a rã succedeu ao embrião e offerece na sua nova forma caracteres tão differentes dos peixes, que chega ao ponto de,— sem o estudo das phases do desenvolvimento, sernos-ia impossivel estabelecer as estreitas relações que existem entre essas duas classes de animaes.

Insectos.—Tambem os insectos nos dão exemplos de metamorphoses igualmente interessantes e ás vezes, muito mais complicadas. Na generalidade, na classe dos insectos, do ovo nasce uma larva (verme, lagarta), que após haver apresentado certas modificações transitórias mais ou menos complexas, chega ao estado de insecto perfeito. Todavia, um dos estádios mais ou menos constantes é um período de vida latente, que constitue o estado de nynpha (chrysálida), e precede o apparecimento do indivíduo completamente desenvolvido. Nos casos em que o estado da nynpha não se assignala pela quebra da vida activa da larva, diz-se que a metamorphose é *incompleta* (Orthoptérios). No segundo caso, ao contrário, a metamorphose é *completa*. Ha enfim a hypermetamorphose, quando o insecto, (canthárida) só chega ao estado de desenvolvimento completo apoz haver atravessado por uma successão de estados larvários assaz numerosos, com interposição de um estado de vida latente (pseudo-chrysálida), sem prejuizo do verdadeiro estado de chrysálida que precede o apparecimento do insecto perfeito. A hypermetamorphose consiste em summa, em uma multiplicação extrema das phases do desenvolvimento.

Mudas.—No correr das metamorphoses, surgem mudas mais ou menos numerosas. Umas coincidem simplesmente com o augmento de volume da larva que se desenvolve; nesse caso, racha-se a pelle, como o faria um invólucro que se tornasse em demasia pequeno, para o conteúdo que envolvia. Mudanças desta espécie se observam ainda na maior parte dos animaes que, chegados embora ao seu estado perfeito, estão ainda em crescimento. O camarão, por exemplo, assim que

sae do ovo reveste-se da forma de indivíduo de sua espécie, mas durante o seu crescimento soffre elle umas trinta mudas, caracterizadas pela queda total de seus tegumentos externos, ou sejam essas lâminas sólidas (Apodemas) que seus tegumentos criam ao interior do corpo, como sustentáculo e defeza das partes molles.

Outras mudas ha, que não correspondem ao augmento do corpo do animal, que pode até diminuir, mas representam a queda dos tegumentos antigos que são substituidos por tegumentos novos sob os quaes o indivíduo se reveste de forma inteiramente diversa: acontece por exemplo, que a terceira muda da segunda larva das cantháridas é seguida do apparecimento de uma pseudo-chrysalida, cujos tegumentos offerecem uma forma differentíssima. Ao mesmo tempo, houve contração do corpo da larva que diminuiu de volume. Certos insectos (chleon) passam, segundo Lubbock, por mais de vinte mudas durante o seu desenvolvimento, e, a cada uma dellas, corresponde uma mudança acentuada no joven individuo.

Gerações alternantes.—Certas metamorphoses se dão em tão singulares condições, que durante muito tempo se desconheceu as analogias que existem entre ellas e as metamorphoses comuns. O carácter dessas metamorphoses singulares reside na função considerável que pode desempenhar o indivíduo em cada uma das phases do seu desenvolvimento. Este, em certos casos, chega até a se reproduzir, (assexualmente, já se vê), no estado imperfeito em que se encontra. Gera individuos semelhantes a si próprio, e são elles que, continuando as phases interrompidas da evolução embryonária, chegam enfim a reproduzirem a forma perfeita. Deu-se o nome de gerações *alternantes* ou *geneagenésicas*, a essas gerações sexuaes ou assexuaes que se sucedem em regular alternativa.

Citemos o *peixelim* (mollusco), cujo modo de desenvolver-se é clássico, o foi descoberto por Chamisso, naturalista russo. Pensava-se antes d'elle, e segundo as observações incompletas conhecidas, que existiam duas espécies de peixelins, uma vivendo solitariamente, a outra em agglomeração ou colónia formada por uma cadeia de individuos, ligados sempre uns aos outros. Este observador fez-nos conhecer o erro em que laborávamos, demonstrando que o individuo solitário não passava de uma larva assexuada, que se produzia por abrolhos dos individuos sexuados. D'esses abrolhos assim formados

permanecendo sempre unidos entre si, resulta uma cadeia de indivíduos sexuados que produzirão ovos, dos quaes nascerão indivíduos ágamos. Eis aí um simplícimo exemplo de geração alternante, na qual mui facilmente se reconhecem as tres phases ordinárias do desenvolvimento desde o ovo até ao typozoário, passando pelo metazoário. E' por processos análogos que se desenvolvem as medusas, os echinodérmios, e diversos outros animaes invertebrados. Em summa, diz o sr. Milne-Edwards, "o phenómeno das gerações alternantes, por muito singular que nos pareça á primeira vista, se relaciona estreitamente aos phenómenos geraes do desenvolvimento dos animaes pela via commum de geração; a differença é, que num caso, o segundo produz trabalho zoogénico, o Metazoário, aperfeiçoa-se pouquíssimo, exercita uma função muito curta no interior do ovo, e só gera um typozoário; enquanto que, no outro caso, aperfeiçoa-se muito, torna-se apto a levar durante mais tempo uma vida errante, antes de procrear e indivíduo typico que realisa a forma mais completa da ninhada de seres do qual descende, e pode reproduzir diversos indivíduos desta última categoria, ou mesmo um certo número do novos Metazoários do qual surgirá mais tarde a nova geração de Typozoários.

Um phenómeno curioso, e se póde observar em número notavel de animaes, vem ainda complicar o seu modo de desenvolvimento. A cada um dos estados do novo indivíduo corresponde um meio especial, um terreno apropriado onde elle deve viver, para adquirir seu completo crescimento. Produz-se então ao curso da evolução embrionária migrações que consistem em mudança de sítio para cada uma das formas de que se reveste o embrião.

Se acrescentarmos que as as formas que elles revestem nestas phases successivas, são quasi sempre mui diversas das formas dos paes de que nasceram, ou das formas a que devem chegar, que frequentemente até o Typpozoário tem uma organização menos adiantada, retrógrada em relação á do Metazoário, teremos indicado as fontes de erros numerosos de classificação e nomenclatura, que foram commetidos a quando se não conhecia ainda essas particularidades do desenvolvimento dos animaes.

Quantos Metazoários, dessas nutrices, encontrados em meios tão diversos dos que habitam o Typozoário, foram to-

mados, devido sobretudo á sua forma, que mais parece uma aberração, por espécies particulares, as quaes deram nomes, e um lugar foi designado na ordem zoológica, muitas vezes bem longe da classe que occupava, em realidade, o typo-zoário, isto é, o indivíduo perfeito. Quantas espécies, géneros até, não foi preciso suprimir quando melhor se conheceu o desenvolvimento dos animaes. E quanto progresso se necessita de fazer ainda no mesmo sentido. O apanhado que acabamos de fazer, basta a demonstrar a função consideravel que desempenha a embryologia, não sómente na biologia, mas tambem na zoologia systemática.

A Educação dos Cegos

Os cegos não são mais os tristes desherdados da sorte que dantes eram: saíram da noite eterna, para participarem, como operários, á nossa vida social. Que as pessoas para quem a vida é uma sucessão contínua de imagens, reflitam no seguinte: ha na França, por exemplo, cerca de 30.000 cegos, isto é, a população de uma pequena cidade.

Os cegos cessaram pois de serem infermos, depois que uma educação particular, um alphabeto, livros, processos e instrumentos de trabalho especiaes, tornaram-n'os perfeitamente aptos a concorrerem á nossa vida laboriosa e intellectual. Graças aos esforços perseverantes, aos devotamentos esplêndidos que elles suscitaram, já alguns podem ser classificados entre habéis artesões em indústrias que lhes pareciam inacessiveis. Fazem trabalhos utilissimos, trabalhos de cesteiros, escovas, colchões, tapetes e calçados. Vão mais longe ainda: sabe-se que os grande fabricantes de pianos utilizam-se de afinadores cegos, por serem grande a destreza de seus dedos, e agudissima a sensibilidade de sua audicção. Os massagistas cegos são tambem preferidos pela gente rica previlegiada, em razão de suas discretas qualidades. Encontrámo-los ainda em numerosas profissões, reflectidos, nunca distraidos, tendo uma consciencia mais fina, um mais alto cuidado de seus deveres, uma espécie de vista interior, uma vida íntima e aptidões meditativas e profissionaes, que nos obrigam a não mais considera-los como eternos prisioneiros das trevas. E realmente, té mesmo como modestos operários, elles se revelam além do mais, auxiliares

a quem as pessoas de coração bemfazejo, se sentem felizes em poderem proteger. A's artes, já deram os cegos organistas do maior mérito:—em quatro annos, conquistaram tres vezes o prêmio de órgão do Conservatorio de París,—professores de música e de solfejo, pianistas, violinistas etc. Enfim, deram-nos um escultor de animaes cheio de talento: Luís Navatel, de pseudónimo VIDAT, diversas vezes premiado; sem contar os letrados, cuja vida de estudioso trabalho teve como recompensa diplomas universitários, até o bacharelado em letras, inclusive. Todas essas victórias são devidas, a uma prodigiosa perseverança, a heroísmos pacientes, a generosidades incansaveis, das qua a menor não foi a que trancreveu para a escritura de Braille, es os mais áridos livros de sciência e os mais pesados dictionários clássicos.

A bliblioteca de Braille, que se compõe de cerca de 32.000 volumes, todos provenientes de dádivas particulares—é especialmente visitada pelos que só podem conhecer as linhas infinitas do horisonte, as cores movediças do céu, as emoções da natureza viva, pelas descrições dos poetas.

Como se perguntasse de uma feita a um bibliothecário cego como podia conhecer e achar o tomo desejado no meio de tantos livros, respondeu simplesmente e de forma a nos dar uma idéa exacta dos seus meios de investigação: “Conheço-os todos, nas pontas dos dedos”.

O cego que vivia outróra em perpétua solidão, de parçaria com a sua miséria e desespero, sentiu as suas condições de vida se modificarem, a medida que se lhes pôs ao alcance os materiaes de uma nova vida intellectual.

Não mais implora e roga a nossa piedade. Nada espera de certa sensibilidade a lembrar-lhe uma decadência que a sua coragem não aceita. Pede-nos, ao contrário, Justiça e Trabalho, e mais essa solidariedade que é a base da nossa organização social.

Octávio Graça.



OS PANTUFOS VERMELHOS

Trad. especial para a Revista.

De H. Heine

A gata astuciosa—velha e cinzenta—dizia-se sapateira! Havia diante de sua janella uma pequena exposição de pantufos para meninos: pantufozinhos de marroquim, de velludo e de setim, ornados de enfeites d'ouro e de laçarotes de fitas de mil côres. O mais bello de todos, era um par de pantufos dum vermelho escarlata: ao maravilhoso fulgôr de seus reflexos, muitos meninos, ao verem-no de passagem, levavam a alegria no coração.

Um murganho branco, de bom trato doméstico, passara diante do balcão da sapataria. Subitamente, voltou-se; parou, olhou pela janella, e disse emfim: "Viva, dona gata! A senhora tem lindos pantufos vermelhos. Se não fossem muito caro, eu lh'os compraria; diga-me seu preço."

A gata respondeu: "Meu gentil menino, peço-lhe que entre e venha honrar minha habitação com sua presença. As mais lindas damas vêm á minha casa, e até mesmo duquêsas, alta nobrêsa... Deixo-lhe os pantufos muito barato; mas vejamos primeiramente se lhes servem. Ah!—mas faça favor de entrar, e sentar-se.

Falou assim, dum tom dulcisono, a má e pérfida gata: e, o branco camondongo inexperiente, caiu na armadilha traiçoeira.

O murganho assentou-se num banco, e estendeu a perna fina para experimentar as chinellinhas rubras e estofadas;—era um typo de innocência e de serenidade.

De súbito, a traçoëira gata agarrou-o com as suas garras furiosas; mordeu-lhe a pobre cabecita, e disse-lhe: "Meu queridinho, minha branca criaturinha, meu lindinho,—eis te morto, como simples murganho que tu és,—rígido e morto! Todavia, eu quero collocar sôbre o teu tumulo os pantufos encarnados; quando a trombeta do Juizo Final soar para a última dança, tu sairás de teu sepulcro como os demais, e então, calçarás os pequenos pantufos rubros."

Moral da fábula

Branços camondongos, acautelai-vos! não vos deixeis engodar pelo brilho das coisas do mundo! Mais vate, eu vol-o aconselho, mais vale de certo, trotar com os pés descalços, do que comprar pantufos em casa de gata.

Curta réplica

Ao Sr. Th. Rodrigues

Não se dedignou o Sr. Th. Rodrigues de responder ás minhas despretenciosas reflexões sobre a analyse syntactica dadas a lume no 8º numero desta Revista.

Pois assim succedeu, não deixo de replicar à defesa da classificação da proposição composta que elle abraça, e tão proficiente e calorosamente defende.

Começa combatendo a denominação de proposição composta que dá o egregio e saudoso mestre Sotero dos Reis ao seguinte exemplo da sua grammatica: *O homem pensa, porque é um ente dotado de intelligencia*. E continuando, affirma, a proposito da differença entre o que é *composto* e o que é *complexo*, que não tenho que extranhar a sua cegueira, porque acha mesmo que ha essa differença.

Mais: «Em Chimica não ha corpo complexo. Só ha corpo simples e composto.

«Decompondo a agua por exemplo, ficam dois corpos simples, oxygenio e hydrogenio, dois corpos puros que, separados, se equivalem perfeitamente. Figurando uma hypothese, esses dois corpos correspondem a estas duas orações: *Cumpre, o teu dever e ama a tua patria acima de tudo*».

Esses dois corpos (pergunta) poderão corresponder tambem a estas duas orações: *Não te esqueças dos conselhos que teus paes te deram?*

Crê que não, «porque a segunda oração é uma subordinada, não se equipara á principal, não é um sentido absoluto, não corresponde nem ao oxygenio nem ao hydrogenio».

«Não é isto logico?»

Antes de tudo, devo declarar que não asseverei houvesse em chimica corpo complexo. Quando perguntei se, em sendo um corpo composto, não era tambem complexo, eu quiz apenas que se deparasse a conclusão do que eu dissera, isto é, que não havia differença entre o que é composto e o que é complexo. Pareceu-me que se havia de tomar as minhas palavras como querendo exprimir que, visto que eu não atinava com essa differença, para mim o corpo composto era outro sim

complexo, ou que tanto valia dizer corpo composto como corpo complexo.—Aliás sabem todos que nem mesmo os zotes das classes de Chimica serão capazes de se convencer de que no estudo dessa sciencia, além dos corpos simples e compostos, ha corpos complexos . . .

Quanto á comparação dos elementos da agua com as orações de uma proposição composta por coordenação, não se pode nem se deve negar que é perfeita.

No caso da oração: *Não esqueças os conselhos que teus paes te deram*, penso que o auctor da defesa a que respondo, propositadamente mistura alhos com bugalhos.

Explico-me. Com certeza não me é desconhecido o papel importantissimo que representa em Chimica a theoria dos radicaes. Pois bem: é ahi que vou buscar os subsidios para a explicação.

Radicaes ha que existem livres, e outros não. Dos primeiros são os radicaes compostos de atomicidade par, e dos segundos os de atomicidade impar.

Quando consideramos o acido cyanhydrico (C Az H), por exp., não se nos evidencia a perfeita analogia dos seus elementos com as orações de uma proposição composta por subordinação? Pois o radical C Az, tal qual apparece ahi, não é a oração subordinada, que anda sempre junta com a total de que depende, e nunca só?

Vê pois o Sr. Th. Rodrigues que se estriba em solidos fundamentos a classificação que adopto. Assim, entendo que a proposição que Sotero classificou como composta por subordinação, e eu transcrevi acima, está bem classificada.

Alvitra o meu distincto oppugnador que se submeta a questão ao parecer de um mestre que nos queira dar essa honra.

Eu estava quasi a dar como excusado o alvitre, pois me parece que da parte de nenhum de nós ha o designio de impor como dogma a sua opinião. Discute-se analyse, e ainda que não haja accôrdo, resta-nos a consciencia da sinceridade que usamos.

Entretanto annúo no que me suggere, e folgo de annunciar que receberei com o respeito devido o parecer, sem duvida luminoso, do mestre a quem, por fortuna minha, couber considerar os meus desataviados artigos juntamente com os do meu illustre antagonista, tersos e flóridos.



A Vida das Abelhas

(Trad. especial para a Revista)

De Maurício Mæterlinck

Acontece que, no dia prescrito pelo “espírito da colméia” uma parte do povo, estritamente determinada, e seguindo leis immutáveis e certas, cede o lugar, a *cidade*, a esperanças ainda informes. Deixam, na colméia adormecida, os machos entre os quaes, mais tarde, escolher-se-ha o amante real, abelhas novíssimas que tratam dos ovinhos, e alguns milhares de operárias, que continuarão a saquear ao longe, guardarão o tesouro accumulado, e manterão as tradições moraes da colméia:— porque, cada colméia tem a sua moral particular. Algumas ha, virtuosíssimas—outras são inteiramente pervertidas; e o apicultor imprudente pode corromper certo povo, fazer-lhe perder o respeito á propriedade alheia, incita-lo á pilhagem, dar-lhe hábitos de conquista e de ociosidade que o tornarão temido por todas as republiquêtas dos arredores. Basta que a abelha tenha occasião de experimentar que o trabalho, ao longe, entre as flôres do campo, que ella visita ás centenas para colher uma só gôta de mel,—não é o único nem o mais pronto meio de enriquecer, e que mais fácil é, introduzir-se ella fraudulentamente nas cidades mal guardadas, ou á força, nas que se não podem defender, por fraquêza. Perde, para logo, a noção do dever resplandescente, mas impiedoso, que a torna a escrava alada das corollas, na harmonía nupcial da Naturêsa;—e, muitas vezes, difficil é fazer voltar ao bom caminho, uma colméia assim depravada.



Tudo está a indicar, não ser a Rainha, mas sim o “espírito da colméia”, que decide o enxameiar. Acontece com esta rainha o que se dá com os chefes, entre os homens; parecem exercer o mando, mas por sua vez, obedecem a ordens mais imperiosas e mais inexplicáveis que as cumpridas pelos que lhe são submissos.—Quando este espírito fixou o momento, talvez que desde a aurora, —pode ser mesmo desde a véspera ou ante-véspera,—elle haja dado conhecimento de sua resolução, porque, assim que o sol bebeu as primeiras gôtas de orvalho, logo se nota em volta da zumbidora cidade, uma agitação fóra do commum, e com a qual o apicultor raramente se engana. Dir-se-hia ás vezes, que ha luta, hesitação, arrependimento, recuo. Realmente acontece, que por muitos diasseguidos, certa emoção dourada e flúida, se eleva e se acalma sem razão apparente. Uma nuvem, que não vemos, formar-se-ha por acaso no ceu que as abelhas vêm? ou uma saudade brilhará em suas intelligências? Discutir-se-ha em um conceiho cheio de murmúrios, a necessidade da partida? Nada sabemos, assim como ignoramos qual o modo por que o “espírito da colméia”, revela a sua resolução á multidão.

Se é certo que as abelhas communicam entre si, ignora-se se o fazem á maneira dos homens. Esse murmúrio perfumado de mel, esse frêmito entontecido pelos bellos dias de verão, que é um dos mais dôces prazeres do criador de abelhas, esse canto festivo do trabalho que ascende e desce, em torno do colmeal, á hora cristallina, e que parece o murmúrio de alegria das flores desabrochadas, o hymno de sua felicidade, o éco de seus suaves perfumes, a voz dos cravos brancos, do thymo, das mangeronas,—não ha certeza de que ellas o ouçam. As abelhas têm, no entanto uma escala completa de sons que nós mesmos podemos discernir, e que vái da felicidade profunda á ameaça, á cólera, á angústia; têm a ode á Rainha, os estribilhos da abundância, os psalmos da dôr; possuem enfim os longos e mysteriosos gritos de guerra das princessas adolescentes, nos combates e mortandades que precedem o vôo nupcial. Será uma música de acaso, que nem sequer roce o seu silêncio interior? O que é fóra de dúvida é não se commoverem ellas com os ruídos que produzimos perto da colméia, porque talvez julguem não pertencerem esses

barulhos á vida que ellas vivem e por isso em coisa alguma as devam interessar. E' admissivel que, de nosso lado, não ouçamos senão uma mínima parte do que ellas dizem, e que ellas emittam uma quantidade de harmonias que os nossos órgãos não estão aptos a perceber. Em todo o caso, veremos por diante que as abelhas se entendem e entram em accordo entre si, com uma rapidez ás vezes prodigiosa,—e quando, por exemplo, o enorme *Sphinx Atropos*, a borboleta sinistra que traz em seu dorso uma caveira, penetra na colméia,—por uma espécie de incantamento irresistivel que lhe é próprio, a pouco e pouco a notícia circula, e desde as guardas da entrada té ás últimas operárias que trabalham, lá ao fundo, nos derradeiros alvéolos, todo o povo freme de agonias.



Por longo tempo se acreditou que, abandonando os tesouros de seu reino, para se lançarem assim á uma vida incerta, as sábias moscas-do-mel, tão económicas, tão sóbrias, de hábitos tão previdentes, obedecessem á uma espécie de loucura fatal, a um impulso machinal, á uma lei da espécie, á um decreto da Natureza, á essa força, que para todos os seres, se esconde no Tempo que passa.

Que se trate da abelha ou de nós-mesmos chamamos fatal a tudo o que ainda não comprehendemos.

Hoje, porém, a colméia nos abandonou dois ou tres de seus segredos materiaes, e ficou verificado não ser este êxodo nem instinctivo, nem inevitavel. Não é uma emigração cega, mas um sacrificio, que parece reflectido—da geração presente á geração futura. Basta que o apicultor destrua em suas células as jovens rainhas ainda inertes, e que, ao mesmo tempo, se as larvas e as nymphas são numerosas, alargue os entrepostos e os dormitórios da nação: immediatamente, todo o tumulto improductivo cessa, como gotas de ouro de uma chuva obediente, o trabalho habitual se espalha pelas flôres, e a velha rainha, sentindo-se de novo indispensavel, não esperando ou não mais temendo a successôra, sem susto sobre o porvir da actividade que vái nascer,—a velha rainha, ainda este anno renuncia a ver a luz solar. Retoma, passivamente, nas trevas, sua tarefa maternal, que consiste em pôr,—seguindo uma

espiral methodica, de célula em célula sem omittir uma única, sem parar nunca,—dois ou tres mil ovos por dia.

Que ha de fatal em tudo isso, a não ser o amor da raça de hoje pela raça de amanha? Esta fatalidade existe tambem na espécie humana, mas são aí menores o seu poder e a sua extensão! Nunca produz esses grandes sacrificios totaes e unánimes. Qual a fatalidade previdente a que obedecemos, e que possa equivaler com a dessas trabalhadoras? Ignorámo-lo, e não conhecemos o ser que nos considere como consideramos a abelha.

S. de PADILHA.



Páginas inéditas

.....
Aperfeiçoai, Senhores, estas minhas reflexões, as quaes posto que mal e imperfeitamente enunciadas não abafão o merecimento intrinseco do fim deste escripto ou verdadeiramente do que constitue a essência do seu assumpto. Dai ao Pará um systema cordato de extrahir sólido proveito dos braços dos índios mal-usados ao trabalho, para que em virtude do mesmo systema elle goze destinos prósperos. Sem se empregar os meios congruentes não se obtem os fins: para se ter população de índios deve-se fazer despezas que bons juros lhe poderemos tirar.

He de intuitiva evidencia e de incontratavel força das cousas, a necessidade de christianisar e de civilisar os defferentes bandos de homens naturaes, que possuindo em muitos retalhos uma bôa porção da Provincia vivem nos matos primavos do paiz a par das feras, sacrificados aos ares mephyticos, e ao bafo lethal de podridão maligna de aguas estagnadas, sem asilo, sem segurança individual, e vítimas da barbaridade em perenne guerra de cruizas mortaes durante a sua vida, a qual não é mais do que um tempo de dor, de indigencia, e

de tristeza. Sejam os surdos ás vozes dos que afiguram íngrema esta empreza, e impraticavel que a possam coroar com bom êxito: á Deos não praza que sigamos prevenções desfavoraveis do vulgo, que é pela própria rudeza o defensor do seu mal: nada obra quem a nada se aventura: todos esses conceitos intellectuaes além de infensos ao bem geral da Província são derivados de ideas pouco exactas, que ainda hoje surgem ao clarão da publicidade em obras copiadas pelos prelos de Paris, nas quaes os índios do Brasil são caracterizados de maior indôlencia, estolidez e desídia, que os das outras plagas da América. Os indígenas do paiz aprazivel aonde rolam as águas assombrosas do magestoso Amazona em nada diferem dos indígenas do opulento México, e des da funda e vasta bahia de Hudson: e ninguem poderá negar que no México os trabalhos dos seus índios abrirão a porta a uma prosperidade notavel, e que os da referida Bahia se arrojão espontaneamente ás fadigas árduas e arriscadas de caçarem horriveis feras, e trazerem as suas pelles aos Europeus em troco de quinquilharias.

Se os nossos índios igual prestança com nosco não effectuão, se com elles não vemos reforçado o numero dos Brancos, a culpa he tão somente nossa, pois dormimos a somno solto sobre nossos genuinos interesses, e de tal maneira que até induz a suspeitar que somos desfalecidos da sagacidade instinctiva, que dirige a todas as pessoas para o proseguimento do que se lhes antolha como grato e util. Em razão disto os índios do Pará podem allegar escusa ao seu lânguido lethárgo como os ociosos de Jerusalem: *Nemo nos conducit.*

Quando na minha imaginação figuro esta tosea gente verdadeiramente necessária, descuidada pela nossa administração interna, parece-me que a Divina Providencia tem assim os índios porque os demerecem os que se deviam aproveitar delles. Neste sentido diz o sábio e magnânimo Filho do Psalmista Hebreu que castiga Deos os avarentos dando-lhes os bens, e não lhes permittindo o uso.

He necessário desenlaçar-nos da ignavia que nos illaquea: desattenda-se os que pretextão a inacção com a existencia de dificuldades, que nunca se ensua vencer, e que só quebram o valor de homens indolentes e ignaros, que promptamente se acanhão diante da precisão de sacudir estorvos. A terra está pedindo as mãos que lhe negamos: he de absoluta necessidade um novo Regulamento, que promova a completa reduccão

dos nosso índios á arte da vida civilisada para que elles venhão a ser sócios fieis das nossas lidas, e d'est'arte possamos desviar de nós os males gravissimos, que a idea da falta progressiva de escravos nos apresenta em arredada perspectiva.

Como Cidadão livre e amator da felicidade, da honra, e da glória desta Província, a quem pela filiação política devo as obrigações da pátria, entendi eu que não obstante a Natureza não me haver dotado de sublimidade de concepções nem de talento de invenção tambem me seria permittido contribuir para o bem geral e commum felicidade da mesma Província expressando alguns patrióticos pensamentos, que possam interessar de algum modo a ventura geral: he nesta virtual consideração que eu me atrevi a expender argumentos, que inculcasem com toda a evidencia a especial necessidade da civilisação dos índios para sahirmos do seio da miséria e abatimento, e trilharmos com igual velocidade ao mesmo tempo todos os caminhos da indústria e do commércio franco e legal segundo nos possibilita a immensidade de nossos meios. a fim de sermos felizes e grandes, e como taes reluzirmos entre todas as nações, que são regidas pelos princípios de uma política alumida pelas luzes da mais sã filosofia, e que por isso demonstrão possuir Governo, Religião, Virtude, Honra, e Probidade.

Porem para lograrmos deste suspirado desiderato he necessário ponderar que os braços dos nossos índios não devem ser metidos em acção para somente expulsar as precisões do urgencia imperiosa com que a Natureza clama, pois he princípio económico verificado pela experiencia de todos os séculos e paizes que a necessidade da subsistencia não he incentivo tão picante para suscitar o geral trabalho, e estender e melhorar a indústria, como o desejo de gozar, enriquecer, e subir á consideração e independencia. Bem disse Raynal que o trabalho para aplacar o pungente estimulo da fome he tão tísico como ella mesma. Quanto mais os povos se habituão a desfrutar os bens que a Natureza maternamente liberalisa aos seus paizes tanto mais intenso he o estudo e lida para achar e dar emprego ás diversas classes de pessoas que vivem do seu honesto trabalho. Até os mesmos Selvagens se despoção da frouxeza do seu negligente e inerte desmazelo para se entregarem aos mais agros e penosos trabalhos quando se lhes offerece artigos de prazer e ornato.

Por tanto a nossa agricultura deve ser aperfeiçoada e abranger todos os vegetaes indígenos e forasteiros. As lidas que ella demanda são exuberantemente premiadas em um paiz como o nosso onde a sagaz Natureza quiz mais afamar-se. O estado de uma athmosfera constantemente humida e carregada de gases, o frequente orvalho matutino, a moderada reiteração de dias pluviaes, e a portentosa cópia de águas fluviaes, nos asseguram não obstante o Sol dardejar a prumo sobre nós seus raios uma vegetação pomposamente assoalhadora de vários e numerosos entes do Reino Vegetal preciosíssimos pela fineza de seus lenhos, perfume cheiroso dos seus bálsamos, bondade das suas tintas, gommas, resinas, oleos, cêras. Tão abundante fecundidade sem requerer afanosos e lidados trabalhos agrários abala o ánimo de qualquer homem remisso quanto mais d'aquelle que reconhece na agricultura a origem primeira e inexaurivel de toda a felicidade pública pela dobrada vantagem de contribuir mais do que nenhuma outra assim para o incremento da população, como para um enérgico e avultado commércio, que são os dois princípios ou polos em que se firma a prosperidade das Nações, e que por isso necessariamente são os dous objectos principaes de todo o bom Governo.

Ora sendo certo que a rapidez do crescimento da população depende em grande parte do espaço livre e productivo sobre o qual ella pode estender-se, e do augmento das subsistências, e tendo a Província dentro das suas monstruosas florestas os braços assumptíveis e aptaveis á lavoura, não resta mais se não arreda-los da sua ociosidade estuda e entrete-los na regularidade de um bem entendido trabalho productivo para seu e nosso benefício. A prosperidade de um povo resulta sempre do emprego sabiamente combinado das cousas e dos homens. E para este fim he preciso não perder de vista as circumstâncias das situações e dos tempos as quaes decidem todos os negócios políticos do mundo: quaesquer medidas em contrário só as pode inspirar o espírito de uma independencia abstracta.

Podem os artigos que acima ficão especificados ter a característica da inutilidade das minhas ideas, mas ningnem achará nunca superflua a extensão dos bons desejos que nos guião, e posso asssverar sem offender a modéstia nem desconhecer os limites estreitos da minha intelligencia, que fiz quanto

estava da minha parte por ter a fortuna de atinar com os meios mais próprios para o conseguimento deste grande projecto. Os ditos artigos versão em matéria de estremada importância, e a vós incumbe expurgal-os de meus erros e opiniões menos bem fundadas ou substituil-os por outros mais esperançosos, que possam ser seguidos do êxito mais prompto e vantajoso, se por ventura as razões em que me fundei somente servirão de illudir-me. Eu ficarei contente ao ver em discussão e arran-jamento os meios proporcionado para dar immutabilidade aos estabelecimentos indianos, dos quaes possam os colher todos os lucros devidos ao acerto de medidas bem combinadas por homens reflexivos, de cujo superior merecimento e amor da pública utilidade a Provincia deve esperar a melhoria compativel com a possibilidade das suas benéficas intenções.

Perdoai, Senhores, ao zelo cáldo de um patriota solitário o atrever-se a levantar a voz à face deste Concelho, a quem a Lei Fundamental acordou o direito de propor, discutir e deliberar sobre os negócios públicos mais interessantes da Provincia. Desde o Chefe supremo da Nação até ao último dos súbditos todos somos membros do grande Corpo politico do Estado, todos sem distinção devemos dedicar ao bem geral os nossos esforços, talentos, capacidade, e cultura do espirito pelos meios que as circunstâncias nos offerecem: toda a contemplação se poem de parte quando he o bem da pátria e da humanidade o que fixa as nossas ideas: e por tanto o fervor dos meus desejos penetra hoje até ao centro da Consulta cívica da Província com a menção dos pensamentos, que deixo indicados acerca do objecto, que neste momento temos em vista, e que por muitos lados interessa o público.

Partindo pois desta base confio que este alumiado e probo Concelho não obrará por transiente accesso de meditação e justiça, mas que ha de concentrar-se de tal sorte no objecto proposto que nenhuma consideração estranha lhe distrahirá o propósito e vontade de fazer reviver a civilização dos índios, reunindo-os em sociedade moral: e escarmen tanto nos erros políticos e práticos, que levarão a um gráo deploravel este negócio vital do nosso paiz obstará os inconvenientes apontados nas reflexões principaes que acabo de manifestar, e aquelles que por effeito da superioridade das suas luzes possa divizar neste momento. Então terei a ineffavel satisfação de addir parabens singelos sobre o presente, e de augerar vin-

douras ditas. Isto me basta e me será galardão honroso, que gratifique sufficientemente o tenué trabalho da minha officiosa proposta, cuja exposição litteral hé tão franca quanto desardonada de assedos atavios. Finde pois a Representação: e sirvalhe de fecho o mesmo pensamento paranético, que Roberto Southey inculpiu na qua admiravel História do Brasil: de cujo pensamento, ligado ás palavras por que posso expressar eis a substância que eu accomodo aos meus conterrâneos:

«Deos na sua misericórdia conceda aos Paraenses o estabelecer entre si a verdadeira ordem, liberdade, sciencia e piedade, a fim de florecerem por todos os séculos».

M. Baena.



Série Graduada de

Mathematica Elementar

Primeira lição

Observação.—Toda a creança tem, aos 7 annos, a noção mais ou menos exacta de numeros até 5. Algumas podem mesmo conhecer até mais. A primeira lição deve pois consistir em verificar que extensão, a esse respeito, têm os conhecimentos da maioria da classe. Assim, a professora mandará que diversos alumnos vão tirando, de um grupo numeroso de objectos, quatro objectos, dois objectos, tres objectos, cinco objectos, sete objectos, um objecto, seis objectos, etc., de modo a verificar até que numero a maioria da classe consegue separar, de golpe, e não de um em um. Feito este exercicio, durante algumas poucas lições, passar-se-ha ao estudo graduado dos numeros.

Os numeros um e dois

A professora.—Levante sua mão direita.
Levante sua mão esquerda.
Quantas mãos tem você?
Esconda a mão direita

Quantas mãos póde ver agora?
 Esconda a mão esquerda.
 Quantas mãos escondeu?
 Quantos pés tem você?
 E quantos olhos?
 E quantas cabeças?

(*Segurando um cubo*) Quantos cubos^o tenho na mão?
 (*Tomando dois cartões quadrados*) Quantos quadrados
 tenho?

(*Tomando duas esferas*) Quantas esferas tenho?
 Mostre-me dois cubos. Mostre-me duas esferas.
 Diga—*cubo*—duas vezes. Diga—*quadrado*—duas vezes.
 Dê um cubo a Luiza. Dê uma esfera a Laura.
 Tome uma esfera em sua mão.
 Tome outra esfera.
 Quantas esferas tomou?
 Então uma esfera e uma esfera são esferas.
 Largue uma esfera sobre a mesa. Com quantas ficou?
 Então, de duas esferas tirando uma fica . . . esfera.
 Largue a outra. Com quantas esferas ficou?
 Você tinha duas esferas na mão; largou as duas so-
 bre a mesa. Com quantas ficou?
 Um cubo e um quadrado, quantas cousas são?
 (*Mostrando os objectos sem nomeal-os*) Então um e um
 são.

Mostre-me dois dedos. Eu tenho aqui na mão dois tri-
 angulos.—Mostre-me tambem dois triangulos.

Diga-me duas palavras.

Eu tirei aqui da mesa estes dois circulos.

Lucia, tome você tambem outros dois circulos.

Diga-me os nomes dos dois meninos.

Trace uma linha no quadro negro. Trace duas linhas.
 Apague uma. Quantas ficaram? Apague a outra. Quantas fi-
 caram?

Este signal representa o numero um: 1.

Este signal representa o numero dois: 2.

Este signal representa nenhum: 0

Faça no quadro negro tantos pontos quantas mãos você
 tem.

Faça no quadro negro tantas linhas quantos olhos você
 tem.

Apague no quadro negro tantas linhas quantos narizes
 você tem.

Escreva a figura que representa uma cousa.

Escreva a figura que representa nenhuma cousa.

Escreva a figura que representa duas cousas.

Mostre-me tantas bolinhas quantas representa este si-
 gnal—2.

Mostre-me tantas taboinhas quantas representa este signal—1.

Si eu tiver dois cubos e lhe der um, fico com ...

(*Mostrando, sem nomear*) Então, de dois tirando um, fica ...

E si você tem um circulo e eu dou-lhe outro, você fica com ... circulos.

(*Mostrando, sem nomear*) Então, um e um são ...

Si você tem dois triangulos e me dá um, fica com ...

(*Mostrando, sem nomear*) Então, de dois tirando um, fica ...

Si você faltou á escola na terça-feira e no sabbado, faltou durante a semana ... dias. (*Traça dois quadrados* $\square \square$). Quantos quadrados tracei? (*Traça dois circulos* $\circ \circ$). Quantos circulos tracei?

(*Traça dois triangulos* $\triangle \triangle$). Quantos triangulos tracei?

(*No quadro negro*): \square e \square são ...

» » » : \circ e \circ são ...

» » » : \triangle e \triangle são ...

Julio, você trace um quadrado. Maria, trace você um triangulo. Edmundo, trace você um circulo.

Copiem :

●	● ●
um	dois
1	2

Segunda lição

0 numero tres

(*Mostrando tres cubos*) Quantos cubos aqui estão juntos? Mostre-me dois cubos. Junte mais um. Carlos, mostre-me um numero igual de esferas; Alvaro, mostre-me um numero igual de triangulos; Joaquim, mostre-me um numero igual de circulos; Pedro, mostre-me um numero igual de dedos. Quantas esferas você me mostrou, Carlos? E você, Alvaro, quantos triangulos me mostrou? E Joaquim, quantos circulos? E Pedro, quantos dedos?

Trace tres linhas no quadro negro. Faça agora tantos pontos quantas linhas. Construa agora tantos quadrados quantos pontos fez. E agora tantos triangulos quantos quadrados.

Eu tomo um cubo, uma taboinha e um triangulo; quantas cousas são?

Mostre-me uma bolinha, um quadrado e um palito; quantas cousas me mostrou? (*Mostrando, sem nomear*) Então, um e um e um são... Mostre-me outras tres cousas.

Diga-me tres cousas que você viu hoje, quando veio para a escola; tres cousas que você almoçou; tres cousas que você pôde fazer; tres cousas que você pôde vestir; tres pessoas que conhece.

Luiza, você pôde tirar uma taboinha destas tres? Quantas taboinhas restaram? Que mais pôde tirar das tres taboinhas?

Quantas ficaram? Que mais pôde tirar? Quantas ficaram?

Quem vê mais alguma coisa que pôde ser feito? Eu vejo Maria pôr as suas taboinhas em duas divisões. Quantas estão neste grupo?

Quantas estão nesta divisão? Que foi que Maria achou em tres taboinhas? (*duas taboinhas e uma taboinha*).

Tome dois cubos. Acrescente mais um. Quantos cubos tem agora?

Então, dois (cubos) e um (cubo) são...

Jayne deu-me duas bolinhas e Arthur uma. Quantas bolinhas me deram elles? Então duas e uma são ...

João, si você tiver dois botões e lhe derem mais um, você fica com... Conte-me uma historia a este respeito.

Francisco, tome um cubo. Tome agora outros dois.

Com quantos ficou? Então, um e dois são ...

Esta figura representa tres—3

Escreva as figuras que representam um, dois, tres.

Escreva a figura que representa nenhum.

Si você possuir uma bolinha e João lhe fizer presente de mais duas, você fica com... Então, uma e duas são ...

Quem me conta a historia de um e de dois? Outra? Outra?

Trace uma linha vertical ou de pé. Trace mais duas linhas horizontaes ou deitadas. Quantas linhas traçou?

Marque tres pontos em logares differentes. Faça um triangulo. Quantas linhas você vê ahí? Apague uma; quantas ficaram? Então de tres linhas tirando uma, ficam ...

Apague outra linha; quantas ficaram? Então, de tres linhas tirando duas, ficam ...

Apague a ultima; quantas ficaram? Então, de tres linhas tirando tres, ficam ...

(*Repetição destes exercicios com outros objectos*).

Tome duas taboinhas. Quantas mais você precisa tomar para ter tres taboinhas? (*Repetir com os cartões de forma geometrica*).

Tome uma taboinha. Quantas mais você precisa para ter tres taboinhas? (*Repetir com os cartões*)

Si eu tiver tres tostões e você um, quantos eu tenho a mais que você? (*Repetir com outros objectos, fazendo novas historias*).

Mostre-me um cubo. Faça, ao lado d'elle, uma fila composta de dois cubos. Faça ao lado desta uma outra fila formada de tres cubos. Qual é a carreira que tem mais cubos? Qual é a carreira que tem menos cubos?

Quantos cubos a fila do meio tem mais do que a primeira? Quantos menos do que a ultima? Quantos cubos ha mais na terceira do que na primeira fila? E mais do que na segunda?

Quantos cubos ha menos na primeira carreira do que na segunda? E do que na terceira?

Diga-me o que mostra isto:

○ ○ e ○ são ○ ○ ○.

□ mais □ □ são . . .

○ mais ○ são

△ △ mais △ são . . .

Mostre-me tantos circulos quantos representa esta figura—3. Mostre-me tantos triangulos quantos representa esta figura—1. Mostre-me tantos quadrados quantos representa esta figura—2. Mostre-me tantas mãos quantas representa esta figura—0.

Revisão

Tome uma bolinha e um cubo. Quantas cousas você tomou?

Dê tres passos para frente. Dê dois para traz.

Quantos passos você avançou do logar em que estava a principio?

Quantas juntas tem seu dedo pollegar? E os outros dedos? Mostre-me tantos dedos quantos representa este signal—2.

E este outro signal—1. E este outro—3. E este outro—0.

Escreva o signal que representa quantas mãos você tem.

E o que representa quantas boccas você tem.

Levante a mão. Feche a mão. Abra dois dedos. Abra mais dedos de modo a mostrar tres dedos. Escreva o signal que representa tres dedos.

Si eu tiver tres tostões e lhe der um, com quantos fico?

E si lhe der dois? com quantos fico?

Conte uma historia a respeito de dois. Conte outra a respeito de tres. Outra. Outra.

Tres tostões são quanto mais do que um tostão?

Tres tostões são quanto mais do que dois tostões?
 Quantas azas tem um passarinho? Quantos olhos? Quantas pernas?

Quantas cousas mais são um garfo e uma faca do que duas colheres?

Diga-me o que significa isto:

○ ○ e ○ são ○ ○ ○ ?

□ □ e □ são

△ △ e △ são

Tire dois quadrados de uma só vez. Tire tres circulos de uma só vez.

Copiem:

●	● ●	● ● ●
1	2	3
um	dois	tres

NOTA—O Professor variará os exercicios, fazendo de vez em quando as perguntas, sem nomear os objectos, mas apresentando-os, e depois apresentando-os e occultando-os em seguida, afim de que o alumno, embora vendo, ou só pensando no objecto, não os nomeie: é a transição necessaria para o calculo abstracto.

Exemplos:

«1.—Prof.—Quantos cubos tenho na mão direita? (2). Quantos cubos tenho na mão esquerda? (1). Quantos cubos tenho nas duas mãos? (3). Então, (*mostrando os cubos*) dois e um são. E um mais dois são.

2.—Prof.—(*Occultando as mãos atraz das costas*). Então, Carlos, quantos cubos você viu nas minhas duas mãos?

E quantos na mão direita? (*Mostra rapidamente e occulta outra vez*)

—E quantos na mão esquerda? (*Mostra e occulta*).

Si eu passar agora um cubo da mão direita para a esquerda, quantos me ficam na mão direita? E na esquerda? E nas duas mãos?»

Com estes exercicios, o alumno já principia a recorrer á imaginação para lembrar-se do que viu, e, si bem que pensando sempre nas cousas, começa entretanto a realisar os calculos sem recorrer mais á pura objectividade.

Outro exercicio que deve fazer-se a cada passo, no decurso do ensino dos numeros até dez, é habituar os alumnos a tirarem, sem contar, mas de golpe, grupos de dois, tres, quatro, cinco objectos, bem como reconhecer taes grupos á simples vista, conforme já se viu no inicio destas lições.

A Vida Escolar no Estado

Estabelecimentos públicos

EXERCÍCIOS GERAIS DE ENSINO PRIMÁRIO

A 15 de junho realizou-se, no grupo *José Verissimo*, o torneio de declamação, entre alumnos das diferentes escolas dos grupos escolares e Institutos Gentil Bittencourt e Lauro Sodré. Cada estabelecimento apresentou dois alumnos, cujos nomes damos a seguir:

1.º grupo

Carlos Bandeira de Mello
Ubaldo Pereira

2.º grupo

Pedro Carvalho
Consuelo Coêlho da Silva

3.º grupo

Ormindo Lanter
Maria Antoniêta Fernandes

Grupo escolar José Verissimo

Lauro Camara
Maria Izaura Moraes

Grupo escolar Barão do Rio Branco

Donato Pires dos Reis
Iruena Pimentel

6.º grupo

Ildemiro Pereira Lima
Dhulia Celeste Costa

7.º grupo

Lino Franco
Petronilia Almeida

Instituto Gentil Bittencourt

Almira Barbosa
Leonor de Avelino Vellasco

Instituto Lauro Sodré

Othélo Ferreira Ewerton
João Santos

—O acto foi presidido pelo sr. dr. secretario de Estado da instrucção publica; e a commissão julgadora, composta das normalistas Maria Pinto Marques Rangel, Virginia Faria Alves da Cunha, Maria M. Sarmanho e Cecilia Magno Travassos dos Santos, conferiu, com approvação de s. exc., o 1.º premio ao menino Carlos Bandeira de Mello, do 1.º grupo escolar, alumno da professôra Maria Baena Camisão.

2.º premio: Dhulia Celeste Costa, do 6.º grupo escolar, alumna da professora Rosa Virgilina da Costa.

Obtiveram menções especiaes: Consuelo Coêlho da Silva, do 2.º grupo, alumna da professora Brazilina Guimarães; Maria Antoniêta Fernandes, do 3.º grupo, alumna da professora Juliana Simões Soares; Maria Izaura Moraes, do grupo *José Verissimo*, alumna da professora Virginia Faria Alves da Cunha, e Almira Barbosa, do Instituto *Gentil Bittencourt*, alumna da professora Virgilia Léo do Valle.

EXERCICIOS DE LEITURA.—A 28 do mesmo mês, realisaram-se, no grupo escolar *José Verissimo*, os exercicios geraes de leitura, entre alumnos dos grupos escolares e Institutos *Gentil Bittencourt* e *Lauro Sodré*, pertencentes aos 3.ºs e 4.ºs annos elementares.

A commissão examinadora foi composta das seguintes normalsitas: Carlota Justo Ribeiro, Joanna Martins d'Oliveira, Rosa Virgilina da Costa e Virgilia Penna.

O resultado foi o seguinte:

1.º PREMIO, conferido á menina Julia Magalhães, do 3.º anno elementar, alumna da professora Juliana Simões Soares, do 3.º grupo escolar;

2.º PREMIO, Auta do Nascimento Braga, do 4.º anno, alumna da professora Emilia Guimarães, do 6.º grupo.

Obtiveram menções especiaes os alumnos: Raymundo Furtado de Sousa, do grupo *José Verissimo*, alumno da professora Sylvia Falcão de Macêdo Costa; Esmeralda Monteiro e Bonedicto Bentes, do 1.º grupo, alumnos das professoras Aurelia Seixas Franco e Maria J. Baena Camisão; Maria de Santa Cruz Pereira, do Instituto *Gentil Bittencourt*, alumna da professora Leonor Ruggieri Ledo.



Travessa Benjamin Constant, 79. Directora
 2º. Grupo — professora normalista Placidia Alves Cardoso.
 Escolar. — A matricula elevou-se, no mês de junho,
 a 468 alumnos: 218 na secção masculina e 250
 na feminina.

A maior frequencia foi de 308 alumnos, a menor de 245 e a
 média, 276.

—Effectuaram-se os exames parciaes, dando o seguinte
 resultado:

SECÇÃO MASCULINA

Escola complementar:

Compareceram	13
Approvados plenamente	3
» simplesmente	10
Faltaram	2

1ª. Escola elementar:

Compareceram	68
App. plenamente	16
» simplesmente	52
Faltaram	46

2ª. Escola elementar:

Compareceram	33
App. plenamente	12
» simplesmente	21
Faltaram	7

3ª. Escola elementar:

Compareceram	20
App. plenamente	9
» simplesmente	11
Faltaram	7

SECÇÃO FEMININA

Escola complementar:

Compareceram	17
App. plenamente	10
» simplesmente	7

1ª. Escola elementar:

Compareceram	88
App. plenamente.....	49
» simplesmente.....	39
Faltaram	22

2ª. Escola elementar:

Compareceram.....	42
App. plenamente.....	22
» simplesmente.....	20
Faltaram	12

3ª. Escola elementar:

Compareceram	31
App. plenamente.....	13
» simplesmente.....	18
Faltaram	3

—Fôram iniciadas, neste mês, as aulas de desenho pelo professor José Girard, que as faz com muita proficiencia e assiduidade.

—Visitou o grupo o dr. Juruema Franco, inspector escolar, nos dias 7 e 25.



Grupo Escolar José Virissimo A matricula, neste grupo, attingiu, durante o mês de junho, o numero de 579 alumnos, dos quaes 46 fôram eliminados.

SECÇÃO MASCULINA

Escola complementar:

Matricula.....	29
Frequencia maior.....	23
» menor.....	16

Salientou-se, neste mês, pelo seu bom comportamento e muita applicação, o alumno do 1º. anno, Flavio Hermano Carneiro, que passou para o 2º. nos exames realizados no fim deste 1º. semestre.

1ª. Escola elementar:

Matricula.....	109
Frequencia maior.....	69
» menor	43

Alumnos desta escola que se distinguiram pela applicação e bôa conducta: Benedicto Netto, Edgard Franco e Manoel Pavão de Andrade.

2ª. Escola elementar:

Matricula.....	66
Frequencia maior.....	44
» menor.....	30

Alumnos que se distinguiram pela sua applicação e bom comportamento:

Oswaldo Henrique Mählmann, que no exame de junho passou para o 3º. anno, e Amaro de Campos Figueiredo.

3ª. Escola elementar:

Matricula.....	51
Frequencia maior.....	39
» menor.....	25

Alumnos mais distinctos nos estudos e comportamento: Antonio Moraes, Antonio Ferreira, Veronezio Guimarães, Raymundo Nonato Junior e Antonio Mesquita Serra.

SECÇÃO FEMININA

Escola complementar:

Matricula.....	37
Frequencia maior.....	34
» menor.....	24

Alumnas mais distinctas:

1º. logar: Zilda Proença—2º. anno.
 » » Henriqueta Benmyara—1º. anno
 2º. logar: Anna Motta, 2º. anno

1ª. Escola elementar:

Matricula.....	144
Frequencia maior.....	88
» menor.....	63

Alumnas mais distinctas: Maria da Gloria Borralho, Maria d'Oliveira Lopes e Theotonia Augusta Silva.

2ª. Escola elementar:

Matricula	81
Frequencia maior	56
» menor	33

Alumnas **mais** distinctas: Januaria Barata e Amalia Oliveira.

3ª. Escola elementar:

Matricula	62
Frequencia maior	49
» menor	29

Alumnas **mais** distinctas: Rosa Elvir Medina e Guilhermina Bezerra.

MOVIMENTO TOTAL

Matricula	579
Frequencia maior	402
» menor	263

—No dia 3, reassumiu o exercicio do seu cargo a normalista Alice Lemos d'Oliveira Mello, que se achava licenciada, sendo dispensada a adjuncta substituta, normalista America Loureiro

—A 28 iniciaram-se aulas de desenho sob a direcção do professor Girard.

—De 17 a 27, realisaram-se exames oraes em todas as escolas, alcançando alguns meninos, nessa occasião, passagem de anno e classe.



Mês de junho—

Grupo escolar Barão do Rio Branco As diversase scolas deste grupo escolar funcionaram regularmente durante o mês findo, no qual tivemos 21 dias de serviço. A 13 deste mês, por ordem do sr. dr. secretariot da instrucção publica, foi encerrada a matricula deste estabelecimento, a qual, até essa data, era elevadissima, sendo a frequência tambem muito grande. A dita matricula attingira a 771 alumnos, sendo: 373 da secção masculina e 398 da feminina, os quaes se acham distribuidos pelas 8 escolas na ordem seguinte:

SECÇÃO MASCULINA

Escola complementar (1º e 2º annos):

Matricula	25
Frequência maior	23
» menor	18
Média	29

1ª escola—(1º anno do curso elementar):

Matricula	145
Frequência maior	101
» menor	71
Média	86

2ª escola.—(2º anno do curso elementar):

Matricula	119
Frequência maior	90
» menor	59
Média	78

3ª escola—(3º e 4º annos):

Matricula	84
Frequência maior	58
» menor	49
Média	54

SECÇÃO FEMININA

Escola complementar (1º e 2º annos):

Matricula	48
Frequência maior	42
» menor	33
Média	37

1ª escola (1º anno):

Matricula	157
Frequência maior	100
» menor	72
Média	86

2ª escola (2º anno):

Matricula	102
Frequência maior	79
» menor	63
Média	70

3ª escola (3º e 4º annos):

Matricula	91
Frequência maior	75
» menor	61
Média	63

—Tem sido notavel a grande frequência que tem tido este grupo neste anno. Desde abril que a menor frequência tem sido de 413 alumnos; a partir dahi temos tido frequências muito elevadas.

Assim é que neste mes a frequência teve o movimento seguinte:

Frequência maior	522
» menor	415
Média	489

—A 5 deste mês deixou de funcionar, provisoriamente, como adjuncta effectiva da 3ª escola elementar masculina, a normalista Vicencia Theodolina Nascimento, por ter sido designada pelo dr. secretario para substituir o professôr da escola complementar masculina do 3º grupo da capital, durante seu impedimento. Foi nomeada para substitui-la a normalista Zulmira Crespo de Castro, que a 13 assumiu o exercicio desse cargo.

—Foi por tres vezes, neste mes, este grupo visitado pelo sr. inspector escolar, dr. Juruema Franco, que assistiu aulas em várias escolas. Dos termos de visita deixados por esta autoridade de ensino, vê-se que levou bôa impressão de suas visitas.

Foi de magnifico effeito a idéa de fazer publicar na Revista os nomes dos dois alumnos que, durante o mês, mais se distinguiram por seu comportamento e applicação. Damos a seguir o nome dos dois alumnos que, durante o mês de junho, mais se salientaram, em cada escola:

SECÇÃO MASCULINA

Escola complementar: Humberto Couto da Gama, Henrique Quinto Coqueiro.

1ª escola elementar: Adriano Pimentel, Carmello Gaya.

2ª escola elementar: Heraclito Rayol Pires, Francisco de Figueiredo Lyra.

3ª escola elementar: João Paulo de Araujo e José Paulo Ferreira (do 3º anno), Raymundo Theodoro A. Oliveira e Raymundo Pinto (do 4º anno).

SECÇÃO FEMININA

Escola complementar: Francisca de Campos Barreto, Maria Pereira Lima.

1ª escola elementar: Celeste Vasconcellos, Maria de Nazareth Silva.

2ª escola elementar: Nina Ayres da Silva, Annita Ayres da Silva.

3ª escola elementar: Iruena Pimentel e Francisca de Castro Sampaio (do 3º anno); Delma do Couto Gama e Alme-rinda Pereira da Silva (do 4º anno).

—Foram eliminados no fim deste mês 71 alumnos, sendo: 36 meninos e 35 meninas. Estes 71 eliminados neste 2º trimestre, reunidos aos 45 eliminados no 1.º, dão o total de 116. Deduzido este número de eliminados da matricula total, fella baixar para 655 alumnos, que é o número existente neste estabelecimento, sendo 315 na secção masculina e 340 na feminina.

—Dos dias 11 a 26 realisaram-se neste grupo os exames de sufficiencia. Foram feitos sob a presidencia da directora e perante commissão examinadora de duas professoras. Para todas as aulas do curso elementar as provas de exame constaram de um pequeno dictado e de arguições sobre as materias do actual programma. Os alumnos do curso complementar (1º e 2º annos) fizeram, além das provas escriptas de portuguez e arithmética, provas oraes de todas as materias do programma. Em geral, foi satisfactorio o resultado destes exames. Tiveram accesso, do 1º para o 2º elementar, 5 alumnos; do 2º para o 3º, 2 meninas; do 3º para o 4º, 2 meninos; do 1º para o 2º anno complementar, 9 meninos e 9 meninas.

Directoria do grupo escolar Barão do Rio Branco, 6 de julho de 1912.

A Directora,

MARIA LUISA P. AMARAL.



Pelo Magisterio

DECRETOS

—Junho, 1912

Dia 1—Ao professor da escola complementar da secção masculina do 3.º grupo escolar, normalista Perciliano Ferro e Silva, fôram concedidos quatro meses de licença, na fórmula da lei, para tratar de sua saúde, onde lhe convier, a contar desta data.

Dia 3—Para tratar de sua saúde, obteve a professora-adjuncta do 7.º grupo escolar, normalista Belmira de Jesus Franco, quatro meses de licença, nos termos da lei, a contar de 1.º do corrente.

—A' vista do resultado da inspecção medica a que foi submettido, e nos termos do art. 102, § unico, do Reg. geral do ensino primario, foi declarado em disponibilidade o professor effectivo e vitalicio da escola de 1.ª. entrancia do sexo masculino de Guarimã, municipio da Vigia, Gerinaldo Antonio dos Santos, com os vencimentos a que tiver direito.

Dia 5—Attendendo ao que requereu a professora effectiva e vitalicia da 1.ª. escola elementar da secção feminina do grupo escolar de 2.ª. entrancia da villa de Santa Izabel, normalista Amelia de Barros Brigido, e á vista do resultado da inspecção medica a que foi submettida, foi a referida professora declarada em disponibilidade, com os vencimentos a que tiver direito, nos termos do art. 102, § unico, do Reg. geral do ensino primario.

Dia 7—Para exercer interinamente o cargo de official do Instituto Orphanologico do Outeiro, foi nomeado Aurelio Ximenes Costa do Carmo.

Dia 10—A' professora effectiva da 1.ª. escola elementar da secção feminina do grupo escolar de Obidos, normalista Francisca Monteiro da Costa Rocha, fôram concedidos quatro meses de licença, em prorogação, nos termos da lei, para tratar de sua saúde.

Dia 10—Teve tres meses de licença, na fórmula da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 5 do corrente, conforme requereu, a normalista Maria Juliana do Espirito-Santo, adjuncta effectiva do 6.º grupo escolar.

Dia 11—Foi dispensado da commissão em que se acha como director do grupo escolar de Mocajuba, o professor effectivo da extincta escola elementar do sexo masculino daquela cidade, João Caetano Ribeiro, e nomeado para exercer effectivamente o referido cargo o professor substituto da 1.ª. escola elementar da secção masculina do mesmo grupo, normalista Samuel Epaminondas da Costa.

Dia 14—Foi nomeado Armindo Pereira Caldas para reger, interinamente, a escola elementar de 1.ª. entrancia do sexo masculino da villa de Joannes, municipio de Soure.

Dia 18—Foi exonerado o director effectivo do grupo escolar de Curuçá, normalista João Gualberto de Campos.

—Para reger, interinamente, a escola elementar de 1.ª. entrancia do sexo masculino de Guarimã, municipio da Vigia, foi nomeada dona Idalia Costa de Vilhena Monteiro.

—Dona Raymunda Clara dos Santos Porto, foi nomeada para reger, interinamente, a escola de 1.ª. entrancia do sexo feminino da villa de Colares.

—Obteve quatro meses de licença, nos termos da lei, e em prorrogação da que se acha gosando, a professora da 1.^a escola elementar da secção masculina do grupo escolar de Cametá, normalista Lucia de Mendonça Dias.

Dia 26—A' adjuncta effectiva do 6.^o grupo escolar, normalista Adelia Lacerda, fôram concedidos tres meses de licença, em prorrogação, nos termos da lei, para tratar de sua saúde.

Dia 27—Foi exonerado Benjamim Sousa, do cargo de official do Gymnasio Paes de Carvalho

—Do cargo de director effectivo do grupo escolar de Baião, foi exonerado o normalista Antonio Mendes Vieira.

PORTARIAS

—Junho, 1912

Dia 1—A normalista Vicencia Theodolina do Nascimento, adjuncta do grupo escolar Barão do Rio Branco, foi nomeada para reger, em commissão, a escola complementar da secção masculina do 3.^o grupo, durante o impedimento do serventuario effectivo, normalista Perciliano Ferro e Silva.

Dia 3—Foi nomeada a normalista Guilly Tesch Furtado Bandeira d'Assumpção para substituir a adjuncta do grupo escolar Barão do Rio Branco, normalista Vicencia Teodolina do Nascimento, durante o seu impedimento.

—A normalista Benedicta Duarte Guimarães, professora effectiva da 2.^a escola elementar da secção feminina do 1.^o grupo escolar, teve dois meses de licença, na fórmula da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 1.^o do corrente, conforme requereu.

Dia 4—Foi nomeada a normalista Euphrosina Silva para substituir a adjuncta do 1.^o grupo escolar que passar a reger a 2.^a escola elementar da secção feminina do mesmo grupo, durante o impedimento da professora Benedicta Duarte Guimarães.

—Ao porteiro do grupo escolar do Pinheiro, Genesio Avelino, fôram concedidos dois meses de licença em prorrogação, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, onde lhe convier.

—Obteve dois meses de licença, na fórmula da lei, para tratar de sua saúde, onde lhe convier, o professor do curso primario do Instituto Lauro Sodré, normalista João Santino Ribeiro.

—A professora effectiva da escola complementar mista do grupo escolar de Muaná, normalista Alice Castro de Menezes, teve trinta dias de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 30 de abril ultimo, conforme requereu.

Dia 5—Ao normalista Alfredo Antonio Malcher, professor effectivo da 2.^a escola elementar da secção masculina do grupo escolar de Mojú, fôram concedidos dois meses de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 1.^o do corrente, conforme requereu.

—Para substituir o professor de mathematica da Escola Normal, bacharel Alfredo Lins de Vasconcellos Chaves, durante seu impedimento de licença, foi nomeado o sr. Abel Martins.

Dia 7—Fôram concedidos sessenta dias de licença, na fórmula da lei, para tratar de sua saúde, onde lhe convier, a contar de 9 do corrente, ao normalista Tauriano Gil de Sousa, professor effectivo da 2.^a escola elementar da secção masculina do grupo escolar de Mocajuba.

Dia 10—Fôram nomeadas:

a normalista Zulmira Crespo de Castro, para substituir a adjuncta do grupo escolar Barão do Rio Branco, normalista Vicencia Theodolinda do Nascimento, durante o seu impedimento;

a normalista Petronilla Vieira, para substituir a adjuncta do 6.º grupo escolar, normalista Maria Juliana do Espirito-Santo, durante o seu impedimento de licença, e

a normalista Eugenia Cavalleiro de Macedo, para substituir a adjuncta do 7.º grupo, normalista Cantidiana da Costa Maltez Henriques, durante o tempo em que estiver licenciada.

Dia 15—Foi concedido um mês de licença, sem vencimentos, para tratar de seus interesses, a contar de 11 do corrente, ao professor do Instituto Orphanologico do Outeiro, normalista Basilio Chrispim de Carvalho.

Dia 17—O normalista Fileto F. de Almeida Trindade foi nomeado para substituir o professor de uma das escolas elementares do Instituto Lauro Sodré, normalista João Santino Ribeiro, durante o seu impedimento.

—Para substituir o professor da 2.ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar do Mojú, durante o seu impedimento, foi nomeado Agostinho dos Santos Maia.

—Foi exonerado o porteiro do grupo escolar de Abaeté, Leopoldo Ceciliano Paes.

Dia 18—Para membro do Conselho Escolar de Vigia, na qualidade de representante do sr. dr. secretario da instrucção publica, foi nomeado o sr. Manuel Guimarães Junior.

Dia 19—Ao porteiro do grupo escolar de Gurupá, Sabino dos Santos Martins, fôram concedidos tres meses de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde.

Dia 20—Para exercer effectivamente o cargo de porteiro do grupo escolar José Verissimo, foi nomeado Archimimo Duarte Tavares.

Dia 21—A' professora effectiva da 1.ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar de Bragança, normalista Raymunda de Andrade Pinheiro, fôram concedidos sessenta dias de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 17 do corrente, conforme requereu.

Dia 25—Para porteiro effectivo do grupo escolar de Abaeté, foi nomeado Hygino Pereira.

—De accordo com a indicação do director do grupo escolar de Bragança, foi nomeado o cidadão Francisco Pereira Corrêa para substituir a adjuncta, normalista Genoveva Déa da Silva, durante o seu impedimento, devendo perceber seus vencimentos desde o dia 18 do corrente, quando entrou em exercicio.

—De accordo com a indicação do director do grupo escolar de Santa Izabel, foi nomeada dona Virgilina Maria de Oliveira para substituir a adjuncta, normalista Maria Pereira da Silva Motta, durante o seu impedimento, devendo a nomeada perceber os seus vencimentos desde o dia 15 do corrente, quando entrou em exercicio.

—Obteve sessenta dias de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 10 do corrente, conforme requereu, a normalista Angiolina Barroso Pereira, professora da 1.ª escola elementar da secção feminina do grupo escolar da Vigia.

—De accordo com a indicação do director do grupo escolar de Bragança, foi nomeado o sr. Bernardo Borges Pires Leal, para substituir a professora effectiva da 1.ª escola elementar da secção masculina, normalista Raymunda

de Andrade Pinheiro, durante o seu impedimento, devendo o nomeado perceber seus vencimentos desde o dia 18 do corrente, data em que entrou em exercício.

Dia 26—Foi nomeado João Antonio da Silva para substituir o porteiro do grupo escolar de Alemquer, durante o seu impedimento de licença, devendo perceber seus vencimentos desde o dia 24 de maio, quando entrou em exercício.

Dia 27—Foi exonerado Alfredo Pereira Gomes do cargo de porteiro do grupo escolar de Baião, e nomeado para substituí-lo Simeão Gregorio Vieira.

Dia 28—Foi nomeado Thiago Pereira da Silva para substituir o porteiro do grupo escolar de Muaná, durante o seu impedimento de licença, devendo o nomeado perceber seus vencimentos desde o dia 11 de maio ultimo, data em que entrou em exercício.

VÁRIAS

—Junho, 1912.

—Communicou-se á directora substituta do 7.º grupo escolar da capital, que a adjuncta Maria Carmen Alves da Cunha deve continuar na substituição da adjuncta effectiva Belmira de Jesus, que substitua a professora da 2.ª escola elementar da secção masculina, normalista Luiza Amelia Baena, visto a referida adjuncta ter sido, por acto desta data, licenciada.

—Foi designada a adjuncta do grupo escolar Barão do Rio Branco, normalista Vicencia Theodolina do Nascimento, para substituir o professor da escola complementar da secção masculina do 3.º grupo, normalista Perciliano Ferro e Silva, durante o seu impedimento de licença.

—Em virtude das razões de ordem pedagogica expostas pela directora do grupo escolar Barão do Rio Branco, foi auctorizado o encerramento da matricula nesse estabelecimento, no corrente anno lectivo.

—Determinou-se ao director do grupo escolar de Abaeté que envie á secretaria da instrucção publica segundas vias das folhas de pagamento desse estabelecimento, relativas aos meses de abril e maio ultimos, conforme dispõe o n.º 13 do art. 59 do Reg. geral do ensino primario.

—Não tendo o director do grupo escolar de Alemquer enviado, até agora, á secretaria, o relatorio dos trabalhos desse estabelecimento, concernente ao anno de 1911, recommendou-se-lhe que o faça com a possivel urgencia.

—Fôram devolvidas ao director do grupo escolar de Igarapé-assú as petições em que as professoras desse estabelecimento, normalistas Maria de Jesus Ribeiro e Dulce Celeste de Miranda, solicitavam justificação de faltas, para que o fizessem á auctoridade competente.

—Ao dr. director do serviço sanitario do Estado, foi officiado no sentido de providenciar para que fôsse inspeccionada de saúde, para effeito de licença, a adjuncta effectiva do 6.º grupo escolar, normalista Felicidade de Nazareth de Araujo Moura.

—O presidente do Conselho Escolar da Vigia teve conhecimento de que o sr. Manoel Guimarães Junior foi nomeado membro desse Conselho, como representante do sr. dr. secretario da instrucção publica.

—O sr. secretario do interior agradeceu a communicacão que lhe fizera o dr. Raul de Almeida Arêas, de ter assumido, em 15 de maio ultimo, o exercicio de inspector geral da instrucção publica de Pernambuco.

—Para serem reformadas, fôram devolvidas ao director do grupo escolar de Igarapé-assú as folhas de pagamento do pessoal desse estabelecimento, relativas ao mês de maio ultimo.



Pelo sr. dr. secretario da instrucção publica fôram

Actos

approvedos os seguintes actos:

approvedos

—da directora do grupo escolar Barão do Rio Branco, contractando João de Araujo Barros para servente desse grupo, em substituição de Manoel Pompilio Ferreira, que foi dispensado;

—do presidente do Conselho Escolar de Curuçá, nomeando Leoncio do Nascimento Monteiro para servir, provisoriamente, o cargo de professor da escola elementar do sexo masculino do logar Cabeceira, desse municipio, em substituição do professor interino Alfredo Valle Corrêa, que communicou a esse Conselho estar gravemente enfermo;

—do director do grupo escolar de Muaná, tomando á sua regencia, conjunctamente com a 2.^a. escola elementar da secção masculina, a 1.^a. escola da mesma secção;

—do director do 1.^o. grupo, designando a adjuncta da 3.^a. escola elementar masculina, normalista Amancia de Oliveira Pantoja, para substituir a professora da 2.^a. escola elementar feminina, normalista Benedicta Duarte Guimarães;

—do director do grupo de Muaná, designando o servente desse grupo, Thiago Pereira da Silva, para substituir, provisoriamente, o porteiro Faustino de Jesus Albuquerque, que foi licenciado;

—do director do grupo de Mocajuba, tomando a seu cargo a regencia provisoria da 2.^a. escola elementar da secção masculina desse grupo, durante o tempo de licença do professor effectivo, normalista Tauriano Gil de Sousa;

—do director do grupo escolar de Castanhal, designando a normalista Ottilia Schuterchts, adjuncta desse grupo, para substituir a professora da 2.^a. escola elementar da secção feminina, normalista Eudoxia de Jesus Alves, que se acha licenciada;

—do director do grupo de Bragança, designando a adjuncta da 2.^a. escola elementar masculina, normalista Genoveva Déa da Silva, para substituir o professor da referida escola, normalista Antonio Amado da Paixão, durante o seu impedimento; e para substituir, provisoriamente, aquella adjuncta, o cidadão Francisco Pereira Corrêa;

—do director do grupo de Santa-Izabel, designando a adjuncta Maria Pereira da Silva Motta para servir no logar da professora da 1.^a. escola elementar feminina, vago com a disponibilidade da normalista Amelia de Barros Brigido; e para substituir, provisoriamente, aquella adjuncta, dona Virgílinia Maria de Oliveira;

—do director do grupo de Bragança, designando o cidadão Bernardo Borges Pires Leal para substituir, provisoriamente, a professora effectiva da 1.^a escola elementar masculina, normalista Raymunda de Andrade Pinheiro;

—do director do grupo de Alemquer, contractando Bebiano Seixas de Oliveira para servente desse estabelecimento.



Fôram justificadas, no mês de junho findo, as seguintes faltas:

Faltas justificadas

—de 22 a 31 de maio,—á normalista Benedicta Duarte Guimarães, professora da 2.^a escola feminina do 1.^o grupo escolar da capital;

—de 20 a 25,—á normalista Raymunda Thereza de Mello, professora da 2.^a escola feminina do 2.^o grupo;

—de 21 a 26,—á adjuncta da 2.^a escola masculina do 1.^o grupo, normalista Leocadia Brazilia Baena;

—de 6 a 9,—á professora da 1.^a escola feminina do grupo escolar Barão do Rio Branco, normalista Merandolina de Faria Damasceno;

— de 1 a 9 de abril,— ao director do grupo de Vizeu, Francisco José de Sousa Vieira;

—de 24 a 27 e de 29 e 30,—ao director do grupo de Vigia, normalista Tertuliano Victor de Senna Brasil;

—de 1, 2, 3, e de 8 a 19 também de abril; e de 6, 7, 19, 29 e 30 de março,—á professora Idalina Augusta de Novaes Farias, do referido grupo;

—de 14 a 17 de maio,—ao director da grupo de Marapanim, Orlando Tertuliano de Almeida Lins;

de 21 a 25 de fevereiro,—ao professor de uma das escolas do Instituto Orphanologico do Outeiro, normalista Chrispim de Carvalho;

—de 27 de maio a 15 de junho,—ao director do grupo de Santarém, Anisio Lins de Vasconcellos;

de 17, 18 e 23 de maio,—á directora do grupo escolar de Macapá, normalista Córa de Carvalho Penna Rôlla;

—de 6 a 11,— á normalista Luzia Valente Lobo, substituta da professora da 1.^a escola masculina do grupo de Cametá;

—de 24 de março a 1 de abril,—á professora da escola elementar de Santarém-Novo, dona Maria Rosa da Conceição Pimentel;

—de 8, 10, 17, 18 e 19 de maio,—á normalista Ceciliana Maria da Cruz Carvalho, professora no grupo escolar de Santa-Izabel;

—de 15, 16, 23 e 24,—á normalista Angelina Placida Rebello de Sousa, do mesmo grupo;

—de 7 a 13,—á normalista Anna Monteiro da Cruz Oliveira, também do grupo de Santa-Izabel;

—de 6 a 18,—á normalista Maria Leocadia de Castro Tavares, adjuncta substituta no grupo escolar de Soure;

—de 15 a 21 de janeiro,—ao normalista Manoel Thimoteo de Assumpção, professor da 1.^a escola masculina do grupo escolar de Alemquer;

—de 7 a 10 de maio,—á normalista Luiza Rocha Ferreira Dias, do grupo escolar de Igarapé-assú;

—de 6 a 10 e de 14, 28, 29 e 30,—á normalista Dulce Celeste de Miranda, do mesmo grupo;

—de 14 a 17 e de 20 a 24,—á normalista Maria de Jesus Ribeiro, ainda do grupo de Igarapé-assú.

Notas e Noticias

Dr. Fléxa Ribeiro

E' com justificado júbilo que relembramos, nas páginas deste mensário, que é um producto do seu esforço e da sua bôa vontade, o anniversário natalício de Fléxa Ribeiro, decorrido a 19 de junho findo.

O joven e illustre secretário do interior, justiça e instrução publica, e nosso querido redactor-chefe, pela formosura do seu talento, pela limpidez crystalina do seu character, pela bondade inexcedivel do seu coração, bem merece esta modesta mas sincera e carinhosa manifestação da nossa estima e do nosso respeito.

A Revista, que vive dos esplendores do seu espirito, não podia deixar de registrar o feliz evento, como lídima expressão do seu reconhecimento ao fecundo labor intellectual de seu director.

Que o preclaro Amigo nos perdôe este transbordamento do nosso affecto, e queira aceitar, mais uma vez, com os nossos votos de felicidade, as homenagens da nossa admiração.

Um livro moderno

Do sr. professor René Barreto, do Estado de São Paulo, recebemos o primeiro volume da sua *Série graduada de Mathematica elementar*, escripta para uso das escolas primárias e secundarias daquelle Estado.

O referido volume, que se destina ao 1º anno preliminar, comprehende o ensino dos numeros exclusivamente de 1 a 12, e de 20, 30, 40, etc., até 100.

E' um livro moderno, de resultados práticos immediatos, organizado de accordo com os mais adiantados processos do ensino intuitivo, e que se adapta perfeitamente aos programas actualmente em vigor nas escolas do Pará.

Transcrevendo as duas primeiras lições da *Série*, recomendamos á leitura dos nossos professores primários o utilíssimo compendio do professor Barreto.

“Vocabulário ortográfico”

Do illustre philólogo português sr. Gonçalves Viana, recebemos um exemplar de sua nova e utilíssima obra—*Vocabulário ortográfico e remisso da lingua portuguesa*, contendo cerca de 100.000 vocábulos, conforme a ortografia official. O novo *Vocabulário* completa e amplia o publicado em 1910.

De sua introdução extrahimos as páginas que atrás publicamos sobre as bases da *Reforma oficial da escrita portuguesa*.

Como estará lembrado o leitor—Gonçalves Viana fôra o relator dessa notavel commissão, que organizou e systematizou a simplificação da grafia portuguesa, e que mereceu a approvação do governo da República de Portugal.

Proximamente, a Revista commentará a obra do eminente romanista.

Páginas inéditas

Temos em nosso poder um precioso inédito, em original, do velho historiador paraense Monteiro Baena. O interessante trabalho, que tem a data de 6 de dezembro de 1831, traz o seguinte titulo:

*Representação ao Concelho Geral da Provincia do Pará
Sobre a especial necessidade de um novo Regulamento promotor
da civilização dos indios da mesma Provincia*

Por

*Antonio Ladislau Monteiro Baena
Major do Corpo de Artilheria de Posição nº 12 da Primeira
Linha do Exercito.*

São dahi os excerptos que, sob o titulo *Páginas inéditas*, offerecemos, neste opúsculo da Revista, á curiosidade dos leitores.

Theodoro Rodrigues

Vindo de Manáus, onde ha muitos annos exerce a sua actividade, acha-se nesta capital o talentoso belletrista paraense Theodoro Rodrigues, nosso presado e assíduo collaborador.

Agradecemos a visita pessoal com que nos penhorou o distincto poeta.

Exposição escolar de desenho e pintura

Como nos annos anteriores, installar-se-á no dia 7 de setembro vindoiro, nesta capital, a exposição escolar de desenho e pintura, promovida pelo benemerito governo do Estado, como estímulo á mocidade que se educa.

Reina grande animação para o promissor certamen; e vão já bem encaminhadas, promettendo resultados satisfatorios as aulas de desenho dirigidas, nos grupos escolares, pelos professores Carlos de Azevedo e José Girard.

Reforma do ensino secundário

Inserimos neste opúsculo da Revista, na secção competente, o Decreto que dá nova orgánisação á Escola de Pharmacia do Estado.

Por estes dias será decretada a reforma do Gymnasio Paes de Carvalho e, a seguir, a da Escola Normal.

Grammática Superior

Continuamos a publicação dos excerptos do excellente livro didáctico do nosso brilhante collaborador, dr. Paulino de Brito.

Por uma attenção toda especial, essas páginas do conhecido e reputado professor saem na graphia que é de sua predileção.

Congresso Brasileiro de Instrucção Primária e Secundária

Reunir-se-á no dia 28 de setembro próximo, em Bello Horizonte, o Congresso Brasileiro de Instrucção Primária e Secundária, do qual já publicamos, em nosso numero nove, o respectivo Regulamento e bem assim as theses que serão discutidas no seio daquela corporação scientifica.

O sr. dr. Firmo Cardoso, director do Gymnasio Paes de Carvalho, representará no Congresso, por designação do governo do Estado, este estabelecimento de ensino.

Legislação do ensino

Decreto n. 1.905^a—de 9 de Julho de 1912

Dá novo regulamento á Escola de Pharmacia do Pará.

O Governador do Estado, tendo em vista a vantagem que offerece a Reforma Federal do Ensino Superior vigente, e

Considerando a necessidade urgente que ha de adaptar a Escola de Pharmácia do Pará aos novos moldes pedagógicos e scientificos estabelecidos pela Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental na Republica, a que se refere o decreto n. 8659, de 5 de Abril de 1911,—decreta a reforma da Escola de Pharmacia do Pará, criada por lei n. 874 de 23 de Outubro de 1903 e regulamentada pelo decreto n. 1274 de 1 de Fevereiro de 1904, mandando que seja observado o seguinte Regulamento:

CAPITULO I

DA ESCOLA E SEUS FINS

Art. 1^o—A Escola de Pharmácia será regida pelo decreto federal n. 8661, de 5 de Abril de 1911, annexo á Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental na Republica, a que se refere o decreto n. 8659 de 5 de Abril de 1911, e pelo presente regulamento.

Art. 2^o—A Escola tem por fim proporcionar a cultura necessária para o exercicio da profissão de pharmacêutico.

CAPITULO II

DA ORGANIZAÇÃO SCIENTIFICA DA ESCOLA

Do Curso

Art. 3^o—O Curso de Pharmácia comprehenderá as seguintes matérias:

- I Physica.
- II Hygiene.
- III Microbiologia.
- VI História Natural Médica.
- V Química Mineral e Orgânica.
- VI Química Analytica.
- VII Química Industrial.
- VIII Toxicologia, e legislação relativa á matéria.
- IX Pharmacologia.
- X Bromatologia. (Alterações e falsificações dos medicamentos e alimentos).

Art. 4º—As matérias que constituem o estudo completo do curso da Escola serão distribuídas por tres annos, como se segue :

PRIMEIRA SÉRIE

Physica.
Chímica Mineral e Orgânica.
História Natural Médica.

SEGUNDA SÉRIE

Chímica Analytica.
Bromatologia,
Pharmacologia (1ª parte).
Hygiene.

TERCEIRA SÉRIE

Pharmacologia (2ª parte)
Microbiologia.
Chímica Industrial.
Toxicologia.

Art. 5º—O corpo docente da Escola compõe-se de :

Um professor de Physica e História Natural Médica ; um de Chímica Mineral e Orgânica ; um de Pharmacologia (1ª e 2ª partes) ; um de Chímica Analytica, Industrial e Toxicologia, e um de Microbiologia, Hygiene e Bromatologia.

Art. 6º—O ensino do curso de pharmácia será distribuído em programmas organizados pelos respectivos professores e approvados pala Congregação.

Art. 7º—Nos programmas a que se refere o artigo anterior attender-se-á :

1) No estudo da Physica, tratar-se-á de definil-a, estabelecer o conceito da physica biologica e estudar, em suas partes, os capitulos referentes á Matéria, Movimento, Forças ; Hydrostática ; Pneumática ; Capillaridade e Hydrodynamica ; Calor ; Acústica ; Óptica ; Magnetismo ; Electricidade ; Meteorologia e Climatologia, particularizando as relações da physica com a medicina e a pharmácia.

2) Na Chímica Mineral, tratar-se-á da definição, leis fundamentaes, classificação e estudo dos Metalloides ; da Agua (aguas potaveis, aguas mineraes) ; do Ar atmospherico ; dos Metaes, Saes metállicos ; Colloidaes, particularizando os corpos ou compostos que tenham emprego therapêutico.

3) Na Chimica Orgânica tratar-se-á da definição, analyse e synthese orgánicas, fórmulas, radicaes reacções e classificações dos corpos. Hydrocarburetos, álcooes, adehydros e acetonas, ácidos, étheres. phenoes, álcalis (aminas e alcalóides), amidas, compostos órgano-metállicos, compostos cyánicos, corpos não seriados.

4) Na Historia Natural Médica, tratar-se-á da definição, divisão, anatomia e physiologia geraes, anatomia e physiologia animaes, funcções de nutrição, funcções de relação, reproducção nos animaes, embryogenia dos metazoários; Anatomia e physiologia vegetaes, funcções de nutrição, funcções de reproducção. Classificações: zoologicas e botánicas. Estudo especial dos protozoários.

5) Na Chimica Analítica, tratar-se-á da definição e da classificação, reactivos, analyse qualitativa e quantitativa geraes, analyse quantitativa especial: dos elementos metállicos e derivados, das terras e adubos, e analyses biologicas (lactometria, urometria e lithoscopia).

6) Na Bromatologia, tratar-se-á do estudo, sob o ponto de vista da pureza alimentar, das aguas potaveis; bebidas distilladas; bebidas fermentadas; sacharimetria e matéiras assucaradas; matérias gordurosas; matérias feculentas e seus derivados; especiarias e condimentos; alimentos estimulantes; carnes e seus derivados; pesquisa dos agentes conservadores e dos antisépticos, falsificação dos medicamentos.

7) Na Pharmacologia, tratar-se-á da definição, fórmulas pharmaceuticas e estudo dos medicamentos vegetaes, medicamentos chimicos, medicamentos opherápicos.

8) Na Hygiene, tratar-se-á de definição e divisão, estudo da atmospheria, solo e agua; climatologia, alimentos e alimentação, cuidados corporaes, exercicios physicos; a habitação; hygiene urbana e rural; hygiene escolar, professional e industrial; etiologia, epidemiologia e prophylaxia das moléstias infectuosas e contagiosas, particularmente as da pathologia tropical.

9) Na Bacteriologia, tratar-se-á da descripção dos instrumentos e aparelhos; preparo das soluções corantes, dos meios de cultura; pratica de esterilização, sementeira, isolamentos, culturas e inoculações; exame bacterioscópico dos diversos microbios pathogênicos, insistindo sobre os mais communs, e incluindo a pesquisa, no sangue, do hematozoario do paludismo e, nas fezes, dos óvulos dos parasitas, de muita utilidade nas regiões tropicaes.

10) Na Chimica Industrial, tratar-se-á dos corpos inorgánicos e orgánicos sob o ponto de vista de sua extracção ou fabrico industrial, particularizando, como especiaes á matéria, a industria do sal de cozinha, do vidro, gaz de illuminação, sabões, assucar, colla, e matérias corantes e tintoriaes.

11) Na Toxicologia, tratar-se-á, sob o ponto de vista da pesquisa chímico-toxicológica, dos venenos ácidos; álcalis cáusticos e venenos alcalinos; metaes tóxicos, seus óxidos e saes; venenos vegetaes e animaes; legislação respectiva.

CAPITULO III

DA CONGREGAÇÃO

Art. 8.º—Compõe-se a congregação dos professores da Escola.

Art. 9.º—A convocação da congregação será feita de ordem do director, com antecedencia de 24 horas pelo menos, salvo os casos de urgencia, mas sempre com a declaração do fim principal da reunião.

Art. 10—Aberta a sessão, lida e approvada a acta da sessão anterior, a congregação accupur-se-á do objecto da convocação, e em seguida tomará conhecimento dos requerimentos, propostas ou indicações que lhe forem feitas.

Art. 11—Depois de discutido o assumpto, será posto a votos pelo Director. Todas as deliberações serão tomadas em votação nominal.

Art. 12—O Director, alem do voto como lente da Escola, terá o de qualidade no caso de empate.

Art. 13—Servirá de secretario o official do Serviço Sanitario encarregado do expediente da repartição e do da Escola.

Art. 14—A' congregação compete, em geral, tomar todas as providencias a bem do ensino.

Art. 15—Compete á congregação :

1.º—Representar a Escola por si ou por intermedio do Director.

2.º—Propôr ao Governo as medidas aconselhadas pela experiencia para melhorar a organização scientifica da Escola ou aperfeiçoar os métodos de ensino.

3.º—Approvar os programmas de ensino das cadeiras, trinta dias antes da abertura das aulas.

4.º Distribuir o serviço de ensino e dos exames, marcar o horário das aulas e auxiliar o Director na manutenção da disciplina na Escola.

5.º Designar, na ultima reunião do anno lectivo, o professor encarregado de dirigir a memória histórica dos acontecimentos mais notaveis que occorrerem durante o anno escolar, a qual será publicada no relatorio annual do Director do Serviço Sanitario.

Art. 16—Na falta do Director, a Congregação será presidida pelo professor mais velho em idade.

CAPITULO IV

Art. 17.—Ao Director, que é o presidente da congregação compete:

1.º Admittir ou recusar os candidatos á matricula e a exame, com recurso voluntario para a Congregação e desta para o Secretario da Instrucção Pública.

2.º Fiscalizar o serviço a cargo do secretario.

3.º Executar e fazer cumprir as deliberações do Secretario de Estado da Instrucção Pública e da Congregação.

4.º Assignar os titulos e diplomas.

5.º Visitar as aulas e assistir, sempre que lhe fôr possível, aos actos e exercicios escolares.

6.º Velar pela observancia do presente regulamento.

7.º Exercer a policia no recinto da Escola.

8.º Auctorizar a modificação do horario das aulas, depois de ouvida a Congregação.

CAPITULO V

DA MATRICULA

Art. 18.—A matricula na escola de pharmácia, far-se-á de accordo com as disposições da Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental na Republica. (Decr. n. 8.656 de 5 de Abril de 1911).

§ 1.º Para a matricula o estudante deverá provar em requerimento ao director:

1.º Ter sido vaccinado com bom resultado;

2.º Haver pago a taxa da matricula;

3.º Identidade de pessoa.

§ 2.º A prova de identidade se fará por meio de attestação escripta de algum membro do corpo docente ou de duas pessoas conceituadas.

Art. 19.—A inscripção para a matricula poderá ser feita por procurador.

Art. 20.—A matricula será feita em termo lançado em livro proprio, do qual se mencionará o nome, filiação, naturalidade, idade do estudante.

Art. 21.—A cada alumno matriculado será entregue um cartão impresso, assignado pelo Director, contendo o nome do alumno e a designação do anno em que se houver inscripto.

Art. 22.—Será de 50\$000 papel, a taxa de inscripção da matricula, paga na Recebedoria de Rendas do Estado.

Art. 23.—Findo o processo da inscripção, o official organizará uma lista geral dos matriculados em cada anno, e a fará imprimir immediatamente.

CAPITULO VI

Art. 24.—Trinta dias antes da abertura das aulas reunir-se-á a Congregação para organizar o horario respectivo, verificar a presença dos professores e tomar providencias relativas ao bom funcionamento das aulas.

O horario approved no inicio do anno lectivo, só poderá ser alterado com audiencia da Congregação.

Art. 25.—Os professores apresentarão na sessão de abertura dos trabalhos escolares, para serem approved, os programmas das respectivas cadeiras, de conformidade com o artigo 7.º do presente regulamento.

§ Unico. Os programmas didácticos, depois de approved, serão impressos, distribuidos, e só poderão ser modificados na sessão inicial do anno lectivo seguinte.

Art. 26.—Os programmas approved em um anno, poderão servir nos annos subseqüentes, se a congregação, por si ou por proposta dos respectivos auctores, não julgar de necessidade alteral-os.

Art. 27.—Os professores das cadeiras com laboratorios farão tres prelecções semanaes, por espaço de uma hora, e tres lições práticas por igual tempo.

Art. 28.—Duas vezes por mez, em dias previamente designados, haverá exercicios praticos e de argumentação sobre as matérias lecionadas.

Art. 29.—A frequencia dos alumnos nas aulas verificar-se-á por meio de suas assignaturas em um livro especial, o qual ficará sob a guarda do professor da cadeira, que remetterá no fim de cada mez ao official incumbido do expediente, para apurar o número de faltas e fazel-o publicar em edital, affixado no edificio da Escola, para conhecimento dos interessados.

CAPITULO VII

DA COLLAÇÃO DE GRÁU

Art. 30.—Publicada na Secretaria da Escola e pela imprensa a relação dos candidatos ao gráu de pharmaceutico, comparecerão elles no dia e hora designados á sala destinada para collação do gráu na qual serão admittidos pelo secretario, que fará a chamada de todos, declarando os nomes dos que se acharem presentes.

Art. 31.—Terá começo a sessão com a leitura das notas de approvação dos exames finaes, feita pelo secretario. Em seguida, serão chamados os graduados, cada um por sua vez, para receberem a investidura. O primeiro a quem for conferida, fará a seguinte promessa: —«Prometto, no exercicio da profissão de pharmaceutico, ser sempre fiel aos deveres da honra, da sciencia e da caridade. Nunca me servi-rei da minha profissão para corromper os costumes. nem favorecer o crime». Os seguintes ractificarão a promessa com as palavras: «Assim o prometto».

O Director conferirá o gráu.

Art. 32.—Feita a collação do gráu, aquelle dos novos pharmaceuticos que houver sido escolhido pelos seus collegas, recitará um discurso congratulatorio, o qual será previamente apresentado ao Director. A este discurso responderá o paronympho, que será um professor eleito pelos referidos pharmaceuticos.

Art. 33.—Os alumnos que não poderem receber o gráu em sessão solenne da congregação, fal-o-ão perante o Director.

Art. 34.—O modelo dos diplomas será o adoptado nas escolas federaes congêneres.

CAPITULO VIII

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 35.—Cabe ao Secretario de Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica, a suprema inspecção sobre a Escola de Pharmacia.

Art. 36.—A Escola será dirigida pelo director do Serviço Sanitario ou por um inspector da mesma repartição, nomeado pelo Governador.

Art. 37.—O corpo docente será constituido por médicos da repartição do serviço sanitario, nomeados em commissão pelo Governo.

§ Unico. Os professores perceberão, mensalmente, a gratificação adicional de cem mil réis, ouro.

Art. 38.—A Escola continuará a funcionar na séde da directoria do serviço sanitario, e utilizar-se-á, nos seus exercicios e experiencias scientificas, dos laboratórios da referida repartição.

Art. 39.—O expediente e a escripturação da escola ficarão a cargo dos empregados da mencionada directoria, sob a direcção do official que para isso for designado pelo director.

§ Unico. Para a escripturação haverá os seguintes livros, e que serão abertos, encerrados e rubricados pelo director: 1º para os termos de posse do director e dos professores; 2º para inscripção de matricula, em cada anno; 3º para os termos de exames; 4º para o registro de diplomas.

Art. 40.—Entrará o presente regulamento em execução, logo após a sua publicação.

Art. 41.—O regulamento da Escola de Pharmacia fica dependente de ulterior approvação do Poder Legislativo.

Art. 42.—Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica, assim o faça executar.

Palacio do Governo do Estado do Pará, 9 de Julho de 1912.

JOÃO ANTONIO LUIZ COELHO.

José Fléxa Pinto Ribeiro.

Livraria Classica e Commercial

(Reunidas)

Com uma existencia de mais de 40 annos, e de todas as do Pará a mais bem sortida em livros escolares e a que vende por preços mais rasoaveis. E' editora dos seguintes compendios, approvados unanimemente pelo Conselho Superior de Instrucção Publica d'este Estado e adoptados para uso das escolas elementares e complementares:

Augusto Ramos Pinheiro

Novissimo Primeiro Livro de Leitura—contando 23 edições.

Segundo Livro de Leitura—com 17 edições.

Terceiro Livro de Leitura ou Escola, Patria e Familia

Obra preciosa para a educação civica da mocidade, com 4 edições.

Eponina de Oliveira Condurú

Livro de Nina—preciosas lições de cousas ao alcance das mais tenras idades.

Ten.^{te} C.^{el} Raymundo Alves da Cunha

Paraenses Ilustres

J. B. de Brito Bastos

Geometria Pratica

Manoel João Alves

Collecção de Traslados

Vilhena Alves—(Fran.^{co} F. de)

Compendio de Analyse Moderna

João Gualberto da Costa

Estudos Graduados de Leitura Manuscripta

Tem annexas bem montadas officinas de typographia, movidas a electricidade, encadernação, pautação e fabrica de livros em grande escala, para fornecer a revendedores, a preços sem competencia.

Papeis de todas as qualidades e preços

Quem uma vez comprar na Livraria Classica compra sempre

Rua Conselheiro Jo o Alfredo,—59

Caixa Postal—253

Telegramma—JOTASANTOS.

PARÁ—BELÉM

Livraria Moderna

TYPOGRAPHIA-PAUTAÇÃO-ENCADERNAÇÃO

Completo sortimento de livros escolares;
litteratura, sciencias, poesias e jurisprudencia

Grande deposito de livros em branco em todos os formatos

A casa que mais sortimento tem em papelaria, artigos para escriptorios
e desenho. ARTIGOS DE BAZAR

Vendas a dinheiro

SABINO SILVA

Rua João Alfredo 86 Pará

Endereço Telegraphico Moderna, Caixa postal 26

Livraria Academica

RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO.

Trabalhos typographicos de primeira ordem

Pará-Chic

LIVRARIA

(DE)

M. FREITAS & C.^A

Revistas, Postaes, Musicas, Instrumentos, Fabrica e
Deposito dos deliciosos cigarros "COMMERCIO
PARAENSE", Variadissimo sortimento de
livros sobre sciencias, artes, indus-
tria, direito etc, dos mais re-
putados auctores.

Rua Cons. João Alfredo, 83

Para'

Consultório Médico Cirúrgico

Largo da Misericórdia, 14 (esquina da Rua 13 de Maio)

Das 9 ás 11 horas da manhã, e das 2 ás 6 da tarde

Dr. Carlos Ornstein



Dr. Acylino de Leão

Dr. E. d'Utra-Vaz

Dr. Oswaldo Barbosa

Instalação completa de Agentes Physicos

Raios X, Luz de Finsen e Uviol, Electricidade: galvânica, farádica, alta-frequência, banhos hydro-elétricos, cautério, endoscopia, electrólise, ionização; Método de Bier, Ar quente, Massagens. Operações (instrumental aperfeiçoado, aparelhos de esterilização) Injecções endovenosas de Salvarsan (606)

Diagnóstico pelos Raios X (Radioscopia e Radiographia) nas moléstias internas, tumores, fracturas, corpos extranhos. Cura pelos Raios X: das Tinhas, Sycoses da barba, Verrugas, Cancroides, Cancros do seio, Escrófulas. Cura pela Luz: do Lupus, Acnes ou Espinhas, Manchas. Tratamento pela Electricidade: da Hysteria, Neurasthenia, Paralysis, Fraqueza geral, Gota, Diabetes, Obesidade, Arteriosclerose, Rheumatismo, Dyspepsias, Vómitos incoerciveis, Prisão de ventre, Varizes, Aneurismas, Metrites. Cura pelo Bier: de Ulceras, Feridas atónicas, Furúnculos, Anthrases, Inflammações.

SUMMÁRIO DE 15 DE JUNHO DE 1912.

Notas sobre a psychologia da educação.....	F. R.
Questões de grammática e philologia:—	
REGÍMEN.—REGIME,—REGÍMEM.....	A. R. Gonçalves Viana
DE OMNI RE SCIBILI, ET QUIBUSDAM ALIIS.....	Ferreira dos Santos
PROPOSIÇÃO COMPOSTA (RESPOSTA AOS ILLUSTRADOS CONFRADES FERREIRA DOS SANTOS E M.—TH.).....	Teodoro Rodrigues
FACTOS DA LINGUAGEM (O PORTUGUÊS NO EXTREMO-NORTE—ALTERAÇÃO DA PROSÓDIA—TERMOS NOVOS—NOTAS AO DICIONÁRIO DE BRASILEIRISMOS).....	Teodoro Rodrigues
A vida das Abelhas (O ENXAME).....	S. de Padilha
Grammática Superior (NOÇÕES GERAES E DIVISÃO DA MATERIA).....	Paulino de Brito
Notas meteorologicas (O INVERNO DE 1911—1912, EM BELEM).....	A. D.
Noticias literárias (AFFONSO LOPES VIEIRA).....	Fernão d'Azurara
O Sino (VERSOS).....	Affonso Lopes Vieira
O Sino (CANTO INFANTIL).....	Thomás Borba
Paginas escolhidas (ALMEIDA GARRETT).....	F. R.
O Tecto da casa.....	J. Marques de Carvalho
O menino e a cobra (FÁBULA DO SÉCULO XIX).....	Visconde de A. Garrett
Curiosidades Scientificas (ESTUDOS SOBRE OS PÁSSAROS—GEOGRAPHIA BOTÁNICA—A LUA. OS ECLIPSES).....	Octávio Graça
Simplificação da orthographia franceza.....	Daniel Glauro
Lições de coisas (O AZEITE).....	R. H. Teive
A Vida Escolar no Estado (ESTABELECIMENTOS PÚBLICOS).....	N.
Pelo magistério (DECRETOS, PORTARIAS, VÁRIAS).....	J. F.
Notas e Noticias.....	N.
Bibliographia.....	F. de S.

A REVISTA DO ENSINO permutará com as publicações similares.
Toda a correspondencia que se lhe destine deve ser endereçada á CAIXA POSTAL n. 502 (Pará—Brasil).

SUMMÁRIO DE 15 DE MAIO DE 1912

Sobre a moral na educação.....	R. Moreira de Sousa
Grammática (NOÇÕES GERAES E DIVISÃO DA MATÉRIA).....	Paulino de Brito
Páginas escolhidas (FILINTO ELYSIO.—APOLOGIA DO ESTUDO).....	F. R.
Questões de grammática e philologia:—	
NE SUTOR SUPRA CREPIDAM.....	Candido de Figueiredo
CONTESTAÇÃO DE ALGUNS SUPPOSTOS QUINAUS GRAMMATICAES DO SR. THEODORO RODRIGUES.....	Maria—Thereza
A missão do professor (O AMOR Á PROFISSÃO.—Á ALMA DA CRIANÇA.—Á ESTHÉTICA NO ENSINO.— Á CULTURA INTELLECTUAL DO PROFESSORADO).....	Teodoro Rodrigues
Os passarinhos (POESIA).....	Affonso Lopes Vieira
A Partida.....	Coelho Netto
Palavras sobre o ensino primário.....	Fléxa Ribeiro
A penna e o canhão (PARA A CARTEIRA DE UM PEQUENO ESTUDANTE).....	Teodoro Rodrigues
A vida das abelhas (NO LIMAR DA COLMEIA).....	S. de Padilha
Jornal dum naturalista (VIAGEM DE AGASSIZ AO PARÁ—1865).....	Daniel Glauro
Noticias literárias (COELHO NETTO E OS SEUS LIVROS DIDÁCTICOS).....	F. R.
Curiosidades scientificas (O DELÚVIO—SURGIMENTO DE UMA ILHA).....	Octávio Graça
Regulamento dos Congressos de Instrução primaria e secundaria—Theses.....	F. de S.
A vida escolar no Estado (ESTABELECIMENTOS PÚBLICOS).....	J. F.
Pelo magisterio (DECRETOS, PORTARIAS, VÁRIAS).....	N.
Notas e noticias.....	N.